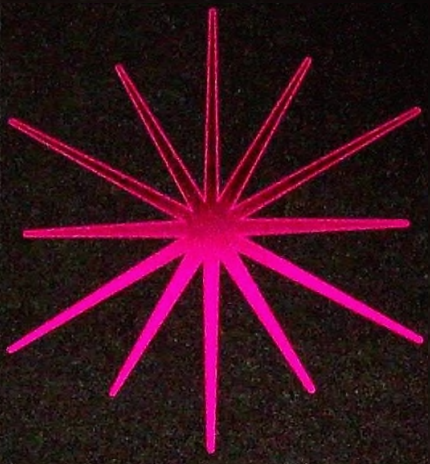
Desejo



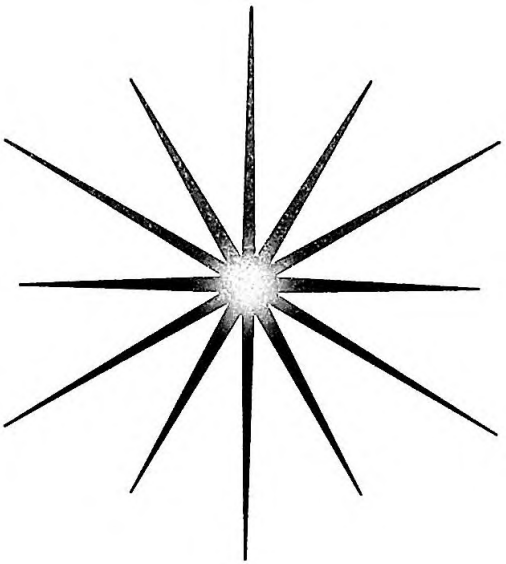
Félix Guattari

Bifo Berardi
Paolo Bertetto

Organização
Vladimir Moreira Lima

e Revolução

sobinfluenciaedições



Agradecemos com carinho ao nosso amigo
Leonardo Araujo Beserra e GLAC edições que, além de ter nos
introduzido aos movimentos radicais entre a França e a Itália,
é um grande amigo e professor de edição comprometida
com a criação de um pensamento radical.

7 **APRESENTAÇÃO**
VLADIMIR MOREIRA LIMA

14 **DESEJO E REVOLUÇÃO**

98 **DESEJO E REVOLUÇÃO**
ONTEM, HOJE E INTEMPESTIVAMENTE?

109 **MANIFESTO DOS INTELECTUAIS FRANCESES CONTRA A REPRESSÃO NA ITÁLIA**

113 **RESPOSTA À CAMPANHA CONTRA O MANIFESTO**

117 **DECLARAÇÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO DE BOLONHA**

121 **APÓS BOLONHA**
[MASSAS E MINORIAS EM BUSCA DE UMA NOVA ESTRATÉGIA]

134 **REPRESSÃO-PESADA E REPRESSÃO-LEVE**

141 **NÓS QUEREMOS TUDO!**
LARISSA DRIGO

APRESENTAÇÃO

Por Vladimir Moreira Lima

Desejo e revolução é o nome da conversa, tecnicamente uma entrevista, mas também uma espécie de debate político, que Félix Guattari realizou com Paolo Bertetto e Franco "Bifo" Berardi entre julho e setembro de 1977, e publicada pela primeira vez em 1978, em italiano. O que possibilita o encontro entre estes pensadores e militantes é um acontecimento digno de relevância para aqueles e aquelas que, de algum modo, estão situados, ainda que não apenas, dentro das lutas, da história e das criações vinculadas à esquerda, à tradição socialista, marxista e anarquista. Trata-se do que foi instaurado na Itália nos anos 1970 sob o nome de "Autonomia"[1].

Por conta da dura repressão que este movimento revolucionário sofreu, um de seus participantes, Bifo, já famoso

[1] Para uma reconstituição histórica dos eventos, das correntes e grupos envolvidos, cf. *Um piano nas barricadas: por uma história da Autonomia, Itália 1970*, de Marcello Tarì (GLAC Edições, 2020). Para conferir uma breve cronologia dos eventos do ano de 1977, textos e documentos, o leitor pode consultar *Italie 77: le "Mouvement", les intellectuels* (Les Editions du Seuil, 1977), organizado por Fabrizio Calvi. Sobre a relação entre a autonomia dos anos 70 e as lutas e teorias precedentes, cf. *Primeira linha: teoria e prática política na Itália*, de Larissa Drigo Agostinho, no prelo. Da mesma autora, recomendamos a leitura do texto *Nós queremos tudo!*, posfácio do livro que o leitor tem em mãos (razão pela qual a agradecemos enormemente pela contribuição).

militante, filósofo e um dos principais animadores de dois importantes catalisadores da autonomia, a revista *A/traverso – jornal da autonomia* e a rádio livre Alice[2], determinantes na invenção de uma nova forma de expressão da subjetividade militante que emergia, precisou se exilar em Paris. Guattari não só o recebe, como, junto com outros companheiros e companheiras, neste momento inventa o coletivo CINEL[3], cujo objetivo era o de se solidarizar política, jurídica e existencialmente com todas e todos militantes perseguidos na Itália e em outras partes do mundo.

O segundo texto que apresentamos aqui, *Manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão na Itália*, deriva diretamente desta circunstância. É nesse contexto que, como diz o próprio Bifo no livro que dedicou a Guattari,

> no início de julho fui preso (...) Mas aquilo não durou mais que uma semana. Félix havia se colocado em contato com meus companheiros, havia ativado os canais de comunicação com a intelectualidade parisiense e criou, para dizer em poucas palavras, as condições para me soltar (BIFO, 2013, pp. 10-11).

[2] Cf. o número dedicado à experiência desta rádio intitulado *Radio Alice, Radio libre*, de Collectif A/Traverso, (Éditions Jean-Pierre Delarge), publicado em junho de 1977. Esta é a edição francesa, prefaciada por Guattari, de *Alice è il diavolo: sulla strada di Majakovskij, testi per una pratica di comunicazione sovversiva*, publicada em Bolonha em 1976 pela editora Erba Voglio. O prefácio de Guattari, intitulado *Milhões e milhões de Alices no ar*, foi traduzido por Suely Rolnik e se encontra na coletânea de textos intitulada *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (Editora Brasiliense, 1981).

[3] CINEL é a sigla de *Centre d'Initiative pour de Nouveaux Espaces de Liberté* (Centro de iniciativas para novos espaços de liberdade). Sobre este coletivo e seu vínculo com a autonomia italiana e outros contextos de luta na Europa, cf. *Faire de la politique sans parti, l'expérience du CINEL*, de Michel Burnier, publicado na edição 29 da revista *Multitudes*.

No próprio dia em que saiu da prisão, acrescenta, "me encontrei com Félix e juntos escrevemos o texto para uma declaração contra a repressão na Itália e contra o compromisso histórico entre comunistas e a Democracia Cristã" (BIFO, 2013, pp. 10-11).

O texto que o leitor encontrará na sequência – *Resposta à campanha contra o manifesto* - é fruto de um desdobramento direto deste manifesto. Após uma reação violenta da intelectualidade italiana ao manifesto assinado pelos intelectuais franceses, sobretudo aquela de esquerda, esse texto é publicado, ainda no mês de julho, no dia 25, como mais uma intervenção na luta política em curso.

Na sequência, o leitor encontrará o texto *Declaração de abertura do Congresso de Bolonha*. A escalada da repressão ao movimento insurrecional autonomista só crescia. A destruição de sua vitalidade e potência que chegava de fora, através da dura repressão orquestrada pelos poderes dominantes, começa a se fundir com os impasses políticos, organizacionais e estratégicos que sobem de dentro. Assim, no final de setembro de 1977, especificamente nos dias 22, 23 e 24, ocorre o Congresso contra a repressão como uma tentativa de relançar o movimento.

Tanto este último texto quanto o *Manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão na Itália* foram reunidos posteriormente em uma edição especial da revista *Recherches* - organizada em torno de Guattari - dedicada ao movimento autonomista. Publicada em 30 de novembro deste mesmo ano de 77, intitulada *Les Untorelli*, a revista apresenta um texto de Guattari que também é inédito ao leitor brasileiro: *Após Bolonha [massas e minorias em busca de uma nova estratégia]*, fundamental para compreender a proces-

sualidade existente na reelaboração contínua da noção de revolução molecular.

Não por acaso, todos estes últimos quatro textos são incorporados na segunda versão, já em 1980, de sua obra *La révolution moléculaire*, cuja primeira versão data de 1977. Guattari adiciona um capítulo inteiro dedicado às suas conexões com os movimentos de luta europeus – *A Europa das viaturas policiais e/ou a Europa dos novos espaços de liberdade*. É aí que ele reúne os textos vinculados às situações francesas, alemãs e, sobretudo, à autonomia italiana[4].

O último texto que apresentamos aqui, "Repressão-pesada e repressão-leve" também foi incluído neste capítulo de *La révolution moléculaire*, na sequência dos textos que versam diretamente sobre a repressão ao movimento autonomista, tendo sido originalmente publicado na revista espanhola *Ajoblanco*, em dezembro de 1977. Inicialmente por essas razões, ainda que não verse diretamente sobre a situação italiana, consideramos oportuno incluir esta entrevista nesta coletânea de textos. Mas, principalmente, a relevância desta entrevista reside neste momento em que Guattari formaliza e reexpõe de um certo jeito, através da distinção e pressuposição recíproca entre as noções de repressão-pesada e repressão-leve, o tema da repressão que percorre todos os outros textos que compõem esta coletânea. Vale chamar atenção, aliás, sobre isso, para a maneira singular com que Guattari, ao longo de toda sua obra, nunca deixou de mobilizar a ideia de repressão, mesmo e sobretudo quando

[4] Deste capítulo, além do prefácio de Guattari intitulado *Milhões e milhões de Alices no ar*, o leitor também pode encontrar a tradução de *A autonomia possível*, presente no livro organizado por Suely Rolnik mencionado na segunda nota desta *Apresentação*.

buscava acompanhar as transformações do exercício e da natureza do poder a partir das metamorfoses do capitalismo e de sua concepção do inconsciente[5].

Por fim, o leitor encontra ainda uma entrevista concedida por Bifo onde a conversa *Desejo e revolução* é ponto de partida inflexionado pelas mutações históricas e pelo próprio desenvolvimento das reflexões que o filósofo italiano vêm pensando através de inúmeros textos e livros publicados de 1977 até os dias atuais. Bifo, cuja intensidade de suas análises se traduzem na oscilação entre a certeza da inevitabilidade das piores catástrofes já em curso atingirem níveis inauditos e a confiança experimental na irrupção de um imprevisível que colocaria tudo em cheque, interceptando a efetuação do que é mais provável e trazendo um outro mundo de possíveis. Como pensava Guattari,

> uma outra economia é possível. Outras mídias são possíveis. Outra filosofia é possível. Outras formas de arte são possíveis. É essa questão do possível, essa questão de levar novamente em conta, da reapropriação, que se encontra colocada hoje com grande urgência. Senão, se nada é mais possível, então pura e simplesmente corremos para uma catástrofe planetária (GUATTARI, 2012, pp. 15-16).

A experiência heterogênea, múltipla, divergente, da autonomia italiana, das autonomias, é uma "espécie existencial" (GUATTARI, 2013, p. 409) em extinção dentro do aconteci-

[5] Além de todo *O anti-Édipo*, primeiro tomo de *Capitalismo e esquizofrenia*, escrito com Deleuze e publicado em 1972, *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*, publicado por Guattari em 1979, também retoma explicitamente este tema. Cf. especialmente a nota 16 do capítulo *O tempo dos ritornelos*, p. 114, Editora Papirus, 1988.

mento que ligou e fez uma insurreição de humor, raiva e alegria por conta da própria conexão entre as minorias, as criações minoritárias e a tradição revolucionária anticapitalista.

É preciso reativá-la, cultivá-la, não como algo capaz de nos fornecer o modelo do que quer que seja, nem mesmo como um exemplo feliz, bem sucedido, ainda que se reconheça como quem concede algo da boca para fora, de que se trata de uma experiência limitada: a autonomia é um caso de abertura de possíveis. Possíveis que não são eternos, encarnados num momento específico de condições históricas. Assim como não são históricos, destinados a revelar o caminho universal e eterno. Como casos, fazem parte de uma química intempestiva, onde, tal como terminava Guattari o seu *As três ecologias*, "a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos" (GUATTARI, 1990, pp. 56).

Os possíveis instaurados por essa experiência da autonomia criaram, efetivamente, uma textura singular, uma qualidade específica, da autonomia dos possíveis. As análises, as noções, os conectores, as vias de passagem e as ferramentas de Félix Guattari não servem para outra coisa que contribuir para as recriações e ressingularizações necessárias para e das nossas práticas de resistência, aqui e agora. Uma tarefa a ser prolongada. Como diz Bifo, o pensamento de Guattari é uma "cartografia visionária do tempo que vem" – que está em vias de acontecer e, ao mesmo tempo, já está aí, chegando...

Talvez tenha sido Philippe Pignarre e Isabelle Stengers quem melhor formularam esse traço do estilo de Guattari, extremamente determinante no que há de crucial no seu interesse pela experiência da autonomia italiana: "Félix Guattari evocava a respeito disso um processo de 'catálise existencial',

cada 'criação', ou reconquista, podendo suscitar repercussões sobre o modo do 'se é possível', despertando o apetite que fará existir um outro possível, em outro lugar" (PIGNARRE; STENGERS, 2005, p. 167). Nos resta tentar experimentar essa catálise ética, política e estética chamada autonomia.

Referências bibliográficas

BIFO, F. B. 2013. *Félix. Narración del encuentro con el pensamiento de Guattari: cartografía visionaria del tiempo que viene*. Buenos Aires: Cactus.

BURNIER, M. 2007. "Faire de la politique sans parti". *Multitudes*, 29.

CALVI, F. 1977. *Italie 77: le "Mouvement", les intellectuels*. Paris: Les Editions du Seuil.

CAPELLI, L; SAVIOTTI, S. 1976. *Alice è il diavolo: sulla strada di Majakovskij, testi per una pratica di comunicazione sovversiva*. Bolonha: Erba Voglio

COLLECTIF A/TRAVERSO. 1977. *Radio Alice, Radio Libre*. Paris: Éditions Jean-Pierre Delarge.

GUATTARI, F. 2013. *Qu'est-ce que l'écosophie?*. Paris: Ed. Lignes.

_____. 2012. "Entretien pour la télévision grecque". *Chimères. Revue des schizoanalyses*, n° 77, 2012/02.

_____. 1990. *As três ecologias*. Campinas: Editora Papirus.

_____.1988. *O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papirus.

_____. 1987. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo. Editora Brasiliense.

PIGNARRE, P; STENGERS, I. 2005. *La Sorcellerie Capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: Découverte.

TARI, M. 2019. *Um piano nas barricadas: por uma história da Autonomia, Itália 1970*. São Paulo: GLAC Edições.

DESEJO E REVOLUÇÃO

Bertetto: Na ocasião do debate que aconteceu a partir do manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão na Itália, um dos pólos da discussão foi o eurocomunismo. Este se apresenta na Itália e na Europa meridional como um projeto de construção de uma sociedade socialista em um contexto de liberdade e de democracia do tipo ocidental, mas que vem sendo considerado, pelos militantes e intelectuais da esquerda classista, como um novo tipo de projeto político fundado na relação socialdemocracia-stalinismo, implicando a repressão das lutas proletárias.

Guattari: Tenho a impressão de que, logo após a desagregação da solidariedade internacional dos partidos comunistas – dissolução da Comintern, cisma iugoslavo e chinês – a política nacional dos partidos comunistas os levou a compromissos cada vez maiores com a burguesia. Hoje em dia, o contexto político nacional é algo que resiste muito mal à evolução das relações internacionais. Acredito que as soluções para os problemas econômicos, ecológicos, para as grandes questões estratégicas, já não se encontram na escala nacional. Tanto é que os PCs que não possuem soluções no nível do comunismo internacional estão se tornando cada vez mais prisioneiros das burguesias nacionais. Hoje, na França, o PCF faz manifestos com a palavra de ordem "produzir francês". Mas o "produzir francês" quer dizer se opor à di-

fusão dos produtos das economias do terceiro mundo e dos países em dificuldade no mercado francês. O PCF é um dos maiores defensores do Concorde, um dos aviões mais espantosos já construídos: destrói o meio ambiente no entorno do aeroporto, o ozônio nos estratos mais altos da atmosfera e é um agente fundamental da contaminação da terra. A miopia nacionalista, a estreiteza da visão, leva o PCF a ser solidário com os interesses mais reacionários no país. Creio que acontece algo similar na Itália. A Itália é um dos elos mais frágeis do capitalismo europeu e o PCI[6], ao invés de evoluir a partir daí, para que uma luta de massa comece a construir o embrião de uma nova sociedade alternativa, é o primeiro a sustentar a necessidade da austeridade, defende as políticas econômicas mais retrógradas e também é o primeiro a chamar a repressão, determinando uma verdadeira desmoralização das massas. O eurocomunismo, então, já não tem nada a ver com a história e as perspectivas do movimento comunista: é, inclusive, um grande retrocesso no que diz respeito à Internacional Socialista do pré-guerra.

Creio que nos encontramos, assim, diante de um fenômeno original: o pluralismo político, a democracia interna, a perspectiva democrática – que têm sido os temas mais agitados pelo eurocomunismo e, particularmente, pelo PCI -, são de fachada, pois o que conta não é defender uma democracia formal, mas chegar a uma verdadeira democracia de massas e a uma democracia econômica. Vê-se bem, por outro lado, que o liberalismo do PCI não é muito sólido, porque quando se trata de dialogar com os intelectuais de direita ou com a Democracia Cristã, ele é "pela democracia", mas

[6] Partido Comunista Italiano (N. d. E.).

quando se trata de dialogar com as massas em luta, como em Bolonha ou em Roma, chama a polícia e pede repressão. A adesão do PCI à democracia é, então, muito relativa. O que conta não é o caráter efetivamente diferente do PCI em relação aos métodos do partido comunista soviético, o que conta é que o eurocomunismo não tem mais nada a ver com um projeto real de emancipação das massas.

Bertetto: Então você acredita que a eventual sociedade italiana do compromisso histórico[7] ou a sociedade francesa dirigida por um possível governo de esquerda seriam menos livres e mais repressivas que as atuais sociedades dominadas por partidos que representam diretamente os interesses capitalistas?

Guattari: Deixemos de lado por um momento os problemas atuais da esquerda na França e imaginemos a sua vitória nas eleições. Certamente haveria um grande entusiasmo popular, porque, diferentemente do que ocorre na Itália, existe um programa que apresenta vantagens evidentes para as massas. Na Itália, ao contrário, o único programa evidente é um programa repressivo. E o que aconteceria com o PCI seria como se Marchais[8] se aliasse com Chirac[9]. Não quero

[7] Sobre o "compromisso histórico", cf. o texto "Manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão na Itália", presente neste livro.

[8] Georges Marchais (La Hoguette, 7 de junho de 1920 - Paris, 16 de novembro de 1997), foi um político francês, secretário-geral do PCF entre 1972 e 1994. Foi deputado e eurodeputado, candidato comunista à eleição presidencial de 1981 (N. d. E.).

[9] Jacques Chirac (Paris, 29 de novembro de 1932 - 26 de setembro de 2019), foi um alto-funcionário do Estado francês, primeiro-ministro de 1974 a 1976 (sob presidência de Valéry Giscard d'Estaing), novamente de 1986 a 1988 (durante presidência do socialista François Mitterand) e Presidente da República de 1995 a 2007 (N.d.E.).

fazer apologia ao PCF mas, na França, certamente não se chegou ao ponto em que a Itália se encontra. Por isso a vitória da esquerda representaria grandes esperanças de mudanças. Mas estou convencido que Mitterrand e Marchais não seriam melhores que Berlinguer[10] e Andreotti[11], porque aqui a crise não pode ser gerida por programas e boas intenções dos políticos. A crise europeia que estamos vivendo é uma crise de uma gravidade excepcional, que produzirá uma reestruturação geral de todas as relações de forças internacionais e contradições entre os países capitalistas. Não é substituindo Barre[12] por Rocard[13] ou por Attali[14] que se

[10] Enrico Berlinguer (Sassari, 25 de maio de 1992 - Pádua, 11 de junho de 1984), foi uma das figuras mais influentes da Primeira República Italiana. Advindo da luta antifascista sarda durante a Segunda Guerra, Berlinguer foi Secretário-Geral do PCI entre 1972 e 1984, tendo sido, também, deputado entre 1968 e 1984 (N.d.E.).

[11] Giulio Andreotti (Roma, 14 de janeiro de 1919 - 6 de maio de 2013), foi um político, escritor e jornalista italiano, membro central da Democracia Cristã no país. Ocupou o cargo de primeiro-ministro por diversas vezes, de 1972 a 1973, 1976 a 1979 e 1989 a 1992 (concorreu a dez eleições nacionais), tendo se tornado senador vitalício por nomeação presidencial a partir de 1991 (N.d.E.).

[12] Raymond Barre (Saint-Denis La Réunion, 12 de abril de 1924 - Paris, 25 de agosto de 2007), foi um economista e político francês, nomeado ministro do comércio exterior sob presidência de Valéry Giscard d'Estaing durante o primeiro governo de Jacques Chirac, tornando-se, posteriormente, primeiro-ministro (N. d. E.).

[13] Michel Rocard (Courbevoie, 23 de agosto de 1930 - 2 de julho de 2016), foi um político francês que ocupou o cargo de primeiro-ministro entre 1988 e 1991, sendo eurodeputado do Partido Socialista Europeu a partir de 1994 (N. d. E.).

[14] Jacques Attali (Argel, 1 de novembro de 1943), economista francês, escritor também na área de sociologia e da literatura. Com 27 anos tornou-se conselheiro de François Mitterand. Foi um dos fundadores e primeiro presidente do Banco Europeu para a Reconstrução e o De-

resolverá os problemas do desemprego, das multinacionais, das matérias-primas ou do petróleo. Assim, acredito que os problemas correm o risco de se tornarem ainda maiores. Por quê? Pois os operários estarão mais exigentes, os patrões e o capitalismo internacional mais duros e a situação econômica e social francesa se agravará. Por outro lado, o problema fundamental é o seguinte: os socialistas e os comunistas franceses realmente possuem um projeto diferente de sociedade? Querem modificar profundamente o modo de produção e a vida coletiva das massas? Ou pensam apenas em soluções-fantasmas, como aquelas do átomo ou do Concorde?

Bertetto: Quais são os aspectos concretos, materiais, e os componentes teóricos do movimento de luta de 77 na Itália que mais te interessaram?

Guattari: Fui levado a trabalhar, por razões extremamente contingentes, com alguns companheiros italianos da Rádio Alice[15] e da autonomia operária, sobretudo por conta do problema da repressão que os atingia e pelo interesse que apareceu em mim suscitado pelos textos teóricos e pelas gravações da Rádio Alice. Confesso que senti uma satisfação pessoal quando me reencontrei com algumas coisas que havia escrito aqui e ali. Naturalmente, fui envolvido. Com muito gosto recebi Bifo na minha casa e com menos gosto os policiais italianos que vieram prendê-lo, mas eu não estava. Assim sendo, podemos olhar um pouco mais adiante e ver se se trata de um encontro acidental e transitório ou se

senvolvimento (N. d. E.).

[15] Quanto à Radio Alice e as rádios livres em geral, conferir: SANTOS, A. (org). 2020. GUATTARI/KOGAWA. Rádio Livre. Autonomia. Japão. São Paulo: sobinfluencia edições. Especialmente p.32 adiante (N.d.E.).

há um acordo de fundo com o modo pelo qual muitos companheiros do movimento na Itália enxergam as coisas, se existem questões para aprofundar ou pontos em desacordo. Por isso essa entrevista com Bifo me parece útil. Eu acredito – é um método meu – que é fundamental aproveitar as situações concretas, historicamente determinadas, para tratar problemas de caráter geral. As discussões mantidas com companheiros como Bifo certamente chamaram minha atenção para temas que eu não havia analisado. Em primeiro lugar, sobre o problema da crise. É a primeira vez que senti por parte dos militantes revolucionários um desenvolvimento de um discurso sobre a crise que não é simétrico ao discurso dominante. A integração do movimento operário ocidental, em particular o francês, é tal que qualquer movimento de crise, em particular de crise econômica, é vivido como negativo. Frequentemente se pensa, na França, que durante a crise o movimento operário se torna mais frágil e menos dinâmico, ao passo que quando há um crescimento econômico se verifica um aumento da combatividade. Estas noções são muito difundidas na França.

No que diz respeito aos companheiros italianos, inversamente, é como se estivessem atravessados por uma velha noção revolucionária, isto é, aquela que em outro contexto era definida como "derrotismo revolucionário". Os companheiros italianos assumiram diante da crise uma atitude de derrotismo revolucionário; não rechaçam apenas uma ação reformista, mas também são contra a austeridade, contra as tentativas de travar as autorreduções[16], contra o aumento da

[16] De um modo geral, a autorredução pode ser definida como uma forma de luta em que um coletivo de pessoas determina a diminuição do preço de um serviço, produto etc. Por exemplo – tal como

produtividade; Reivindicando a crise não apenas no nível molecular das relações do trabalhador com a empresa, no nível da aliança das lutas singulares, mostrando a solidariedade dos jovens trabalhadores, dos desempregados, dos trabalhadores do sul, das autonomias, mas também no nível da estratégia nacional, combatendo o reformismo, a aliança conservadora do PCI com a Democracia Cristã, e ainda no nível internacional. É preciso considerar que hoje não existe um perigo real de fascismo, uma vez que há uma solidariedade econômica entre os países ocidentais economicamente superdesenvolvidos, em que a Itália, no fundo, vive uma espécie de relação de dependência em relação aos outros Estados europeus, mas também goza de uma contradependência: é como se a Itália estivesse praticando uma espécie de autorredução em escala internacional.

Esta noção de crise me parece muito interessante. Historicamente, não é nova; e, todavia, seria necessário retornar bastante na história do movimento operário para reencontrá-la na prática – e não presente apenas em posições teóricas –, para encontrar os militantes que tiveram uma atitude ofensiva diante da crise e que não a haviam vivido com uma espécie de sentimento de culpa. Os trabalhadores franceses da CGT, por exemplo, vivem com uma vergonha, uma catástrofe, o fato de que as minas francesas não sejam mais competitivas internacionalmente, que a siderurgia francesa esteja se desmantelando, que o Concorde seja um fracasso completo e que a indústria atômica seja contestada. Hoje,

foram amplamente difundidas nos anos 70 na Itália –, uma redução do valor da passagem dos transportes (mas também de contas de luz, ingressos de cinema, aluguéis, apresentações musicais...) organizada, decidida e levada a cabo pelos usuários (Nota do Tradutor).

ao contrário, é importante observar como algumas pessoas estão se liberando deste sentimento de culpa. Não apenas aceitam o inevitável da crise, mas a reforçam, desenvolvendo assim uma estratégia de uma natureza totalmente diferente, não apenas uma estratégia quantitativista em relação ao salário, mas também uma estratégia capaz de investir os modos e as relações de produção e a organização de toda a sociedade.

Bertetto: Na história do movimento operário revolucionário, a crise é o momento da insurreição, o momento de colocar o Estado burguês de cabeça para baixo: este é o modelo leninista. Agora, existe outra hipótese: a crise não é somente o momento em que é preciso derrotar o Estado capitalista mas, principalmente, um período mais amplo em que se desenvolve um processo de transformação revolucionária, que implica rupturas, mas não a clássica tomada do Palácio de Inverno. Por outro lado, creio que hoje as modificações na composição de classe, na estrutura do Estado, impõem uma superação, não só do modelo leninista de organização revolucionária, mas também do modelo leninista de tomada do poder, de insurreição. Penso que nos países capitalistas avançados já não se pode conceber a revolução como uma ruptura insurrecional, tomada do poder, conquista armada do Palácio de Inverno, creio que deveria ser concebida como um processo em cujo interior existam momentos de ruptura e principalmente, uma massificação das práticas coletivas de transformação das relações produtivas, sociais e pessoais.

Guattari: Considero este um ponto fundamental. Porque, no fundo, o fracasso das teorias relativas àquilo que você definiu como ruptura insurrecional é evidente, e é evidente também na prática, porque as forças repressivas estão

organizadas em um nível tão alto que muito dificilmente se poderia imaginar uma tomada do poder através de um método insurrecional que consista na ocupação da prefeitura, do correio, etc. Hoje, pode-se tomar tudo o que se quiser sem que nada mude. Pode-se imaginar muito facilmente que um grupo revolucionário ocupe todos os centros importantes e, no entanto, as pessoas olhem com indiferença. Foi um pouco o que aconteceu em 68, na França; sim, foi interessante, mas depois é necessário sair de férias, fazer outras coisas. Evidentemente há algo neste esquema que não funciona na prática, não funciona na teoria, não funciona evidentemente em nenhum lugar, apenas em algumas capelas, alguns grupelhos.

Este é o primeiro ponto. O segundo ponto é que tudo isto não significa que a perspectiva revolucionária esteja cancelada, mas que certo tipo de projeto revolucionário fracassou e não significa mais nada. As revoluções que miravam a tomada do poder estatal – pensemos no modelo revolucionário que se afirmou no século passado e no início deste século – são revoluções que não correspondem mais ao nível atual de integração, das relações internacionais, das estratégias, do desenvolvimento do capital e do desenvolvimento político. Por outro lado, existe um outro nível, que defino como molecular, onde acontece um processo de deriva e de decomposição das velhas relações. É aí que se coloca o problema de um estatuto da revolução molecular em relação àquilo que não é molecular. Relacionado, primeiramente, aos Estados – pois bem ou mal continuam a funcionar, ainda que não sejam mais o alvo de uma tomada do poder. Depois, em relação aos organismos repressivos, na escala internacional, que não estão submetidos apenas aos Esta-

dos Unidos, mas também à União Soviética e à China. São organismos que desenvolvem uma função internacional de polícia, que vigiam, enquadram, podendo tolerar uma guerrinha local na África, aceitar o aumento dos conflitos até um certo ponto, mas estão sempre prontos para manter dentro de um certo limite tudo o que ocorrer internacionalmente.

O terceiro ponto é o grau de integração das mesmas forças produtivas, em escala internacional, a partir de um novo tipo de controle, um novo tipo de regulação, uma nova estrutura das multinacionais e um novo nível de integração econômica do mercado mundial. A questão é, então, como conceber, nestas condições, uma política revolucionária coerente para o nível molecular, que seja capaz de afrontar ao mesmo tempo os problemas do Estado e aqueles da integração do capitalismo em escala internacional, incluindo a URSS e a China. Isto é, trata-se de entender o que fazer para que as lutas moleculares não se reduzam, unicamente, a duzentas prostitutas que protestam em uma igreja, ou ao fato de homossexuais conseguirem participar da manifestação do primeiro de maio com sua bandeira: todas estas coisas que, evidentemente, atestam a presença de mutações subjetivas fundamentais, para mim, extraordinárias (e não digo isso ironicamente), mas que mudam muito pouco a política de países como a Itália e a França.

Assim, penso que, para fornecer uma tentativa de resposta à questão que colocava, esquematizando, é necessário tentar partir do novo tipo de função que cumprem os Estados nos países capitalistas avançados. O Estado já teve, fundamentalmente, o papel de fornecer os instrumentos de coerção coletiva para controlar a classe operária, os campesinos e demais classes subalternas. E tinha um outro papel: manter

a disciplina no interior da burguesia, estabelecer um aparato capaz de registrar, coordenar e disciplinar as diferentes frações da burguesia. O modelo clássico é o Estado radical-socialista na França, mas também há o modelo italiano de Estado fraco que, paradoxalmente, produz um Estado extremamente eficaz, fundado sobre o princípio de não intervir se não for absolutamente necessário, segundo os princípios do Estado federal americano. Então, o Estado liberal, o Estado radical-socialista, é um Estado de regulação, que deixa uma margem maior aos poderes locais. Este modelo de Estado fracassou. E fracassou principalmente por causa das guerras mundiais, do xadrez do imperialismo colonial e da integração da produção, que provocou estratégias em escala internacional que implicaram uma função cada vez maior do Estado. Depois da crise de 1929, os Estados intervieram como contrapartes econômicas de primeira importância para relançar a produção, os investimentos e para desempenhar uma função de árbitro entre as classes sociais em luta: o Estado se converteu no terceiro *partner* social em todas as negociações entre a classe trabalhadora e o capital.

Chega-se, assim, a uma nova forma de Estado, cujos contornos foram bem delineados no Estado gaullista, em que prevalece a tendência intervencionista controlada por um setor nacional muito poderoso, por um lado, e a autonomia militar e política em escala internacional, por outro. Creio, precisamente, que a crise que vivemos hoje é consequência da falência desta forma de Estado, pois, progressivamente, ocorre que nenhuma das decisões fundamentais, no nível econômico, financeiro e tecnológico, é tomada por entidades nacionais. Ainda que não se tenham constituído outras grandes entidades políticas além da URSS e dos EUA, ainda

que politicamente os Estados estejam rigidamente divididos, do ponto de vista econômico estão cada vez mais integrados, seja em função das leis dos mercados regionais, seja em relação ao funcionamento de um mercado internacional que compreende não apenas os países desenvolvidos como também os países do terceiro mundo, a URSS e a China.

Nos encontramos, então, diante de uma situação paradoxal, enquanto no nível político o poder está todo concentrado no Estado, no nível econômico o poder funciona e se difunde em entidades que não coincidem com o Estado. Nestas condições, tomar o poder estatal é um absurdo, não significa nada. Por exemplo, o que quer dizer tomar o poder de Estado em Portugal quando toda a economia portuguesa está cercada e é prisioneira do capitalismo internacional? Pode-se imaginar que os revolucionários tomem de boa fé o poder estatal em Portugal, mas não terão a possibilidade de resolver nenhum problema econômico.

Então, a questão que se coloca é a seguinte: como conceber um movimento revolucionário que acentue a deterioração do Estado – deterioração não no sentido marxista e leninista, mas sim no sentido capitalista, pois não é o movimento revolucionário e sim o processo de integração do capitalismo internacional que, de fato, deteriorou o Estado – conseguindo imprimir nessa deterioração um sentido revolucionário? Pois bem, eu acredito que se deva ir tanto na direção da revolução molecular, apoiando todas as questões da autonomia regional, minorias linguísticas, quanto na direção de um desmantelamento, de uma desapropriação do poder do Estado, para nos movermos em direção à autonomia regional e à autogestão. Tudo isso, entretanto, sempre se perguntando como se pode evitar que este programa leve a

problemas insolúveis. O principal destes problemas é aquele de uma economia zero, uma vez que esta implicaria a liquidação de toda a produção em escala internacional, isto é, levando em conta o crescimento demográfico e as disparidades econômicas que existem no plano internacional, o mito do crescimento zero é algo que desembocaria em uma espécie de "gulagzação" internacional, pois existiria um número cada vez maior de setores que, como em Bangladesh, se converteriam em enormes campos de extermínio, fazendo com que os campos hitlerianos parecessem uma piada: centenas de milhões de pessoas seriam exterminadas pelo próprio regime capitalista. Assim sendo, no que me toca, não consideraria como sinônimos a revolução molecular, o crescimento zero, o mito de um retorno a uma produção elementar e o mito de Illich de uma miniaturização das ferramentas.

Pelo contrário, penso que a revolução molecular, a perspectiva da autogestão, a perspectiva de uma reapropriação do próprio corpo, da própria percepção, da sensibilidade, da sexualidade – colocando todos os componentes moleculares da existência numa espécie de autogestão – não implicam uma miniaturização política, econômica e produtiva. Para destruir o Estado, a revolução molecular deve se coordenar com a construção de autênticas e consistentes máquinas de guerra, centralizadas não apenas na escala nacional mas também internacional, porque hoje não podemos lutar contra a potência repressiva do imperialismo sem os instrumentos adequados. Os revolucionários vietnamitas souberam construir máquinas de guerra não apenas nacionalmente, mas também internacionalmente, no plano político, no plano da cumplicidade, como os palestinos que fazem intervenções com companheiros japoneses e alemães que

desviam aviões: nota-se aqui, em ambos os casos, a busca pela construção de uma máquina de guerra internacional. Isto no que concerne à destruição do Estado. No que diz respeito à construção de uma nova sociedade, para mim, a solução vai na mesma direção: é na medida em que se tem a força para destruir a máquina de Estado que se tem a força para construir uma nova sociedade. Mas é preciso sempre levar em conta que na construção de uma nova sociedade, nos confrontamos com uma reterritorialização sobre entidades mais humanas, mais próximas de intervenções imediatas, que implicam, todavia, relações e vínculos que superam o nível do Estado, tendo em vista que hoje uma das principais contradições do desenvolvimento das forças produtivas é, justamente, o quadro nacional. O problema está em acreditar que desenvolvimento das forças produtivas implica, em todos os níveis, transformações das estruturas nacionais, isto é, da estrutura burocrática centralizada: não poderíamos acreditar, ao contrário, que a integração da produção, da economia internacional, conduzem ao fim do particularismo do Estado mas, também, à criação de uma espécie de sistema policêntrico de produção?

Darei um exemplo: hoje, no desenvolvimento da ciência, nos setores mais desenvolvidos da pesquisa científica, não existe um Estado-maior que distribui, coordena e planifica o saber mas, inversamente, uma multiplicidade de equipes que à distância, sem coordenação imediata, recorrentemente trabalham sobre o mesmo tema. É o desenvolvimento rizomático da ciência que permite alcançar resultados excepcionais em todos os campos. O que é verdade para a ciência é ainda mais verdadeiro para a produção. É evidente que não é necessário ter os Estados centralizados em um Estado, porque

é possível imaginar um desenvolvimento de múltiplas cabeças, policêntrico. Nesta direção, é possível imaginar uma produção compatível com a finalidade do desejo, na escala molecular, e com a finalidade maquínica, sejam as máquinas de guerra revolucionárias, sejam máquinas como, por exemplo, aquelas do transporte aéreo e espacial, que consistem em explorar os planetas, em elaborar uma estratégia ecológica internacional, implicando a realização de um novo sistema de integração, de codificação e regulação internacional.

Bifo: Você colocou o problema da relação entre a transformação molecular e a política, sublinhando a diferença entre as manifestações das prostitutas, de homossexuais e a organização política, econômica e produtiva internacional. Bom, quero dizer duas coisas, a primeira a propósito da Itália. Aqui, a transformação molecular se desenvolveu de um modo mais concreto que na França em uma série de processos, que não necessariamente desembocaram diretamente em uma manifestação política (não se faz uma manifestação ou um cortejo). Porém, é evidente que a constituição, por exemplo, das comunas, em que vivem oito ou dez pessoas, das quais quatro são operários, dois estudantes, dois são empregados, significa, por um lado, uma transformação da forma em que se habita e das relações entre as pessoas e, por outro lado,a possibilidade de mudar a relação entre força de trabalho, gente que vive e trabalha, e a organização social do trabalho. Quando se vive em uma casa com 4 pessoas e é necessário dois salários para viver, é possível fazer revezamentos por turnos: eu trabalho em janeiro, você em fevereiro, etc. Isto quer dizer que as comunas funcionaram como elemento de luta contra o poder e contra o trabalho (penso em exem-

plos concretos em Bolonha, Milão, Turim...). O contrapoder é a forma da jornada, é a forma da existência cotidiana.

O que muda, então, nesta concepção do processo revolucionário? É o próprio conceito de política que se trata de rever. Sempre se sustentou que os processos de transformação se constituem e se entrelaçam no terreno da política. Todos os políticos tradicionais e também os revolucionários tradicionais pensam assim. Pois bem, creio que isto não seja verdadeiro. Já não é mais verdade que a política seja o terreno da transformação. Pode-se dizer que a política, enquanto instituição e enquanto relação anti-institucional, é um dos níveis da transformação, mas não o nível determinante. Os níveis da transformação são todas as formas de existência do sujeito, isto é, todos os níveis sobre os quais o poder constrói seu reticulado dos poderes, bem como quando o sujeito revolucionário transforma e destrói os nós deste reticulado. Estou convencido deste caráter processual e decomposto do processo de transformação. Mas neste novo tipo de discurso há um problema: quais são os obstáculos, os momentos determinantes de resistência, que o poder constrói no horizonte micropolítico para combater os processos de transformação? O que são as prisões, a lei Real, o assassinato policial, o Estado, enquanto capacidade de construção de um confronto real, de um enfrentamento molar, diante dos processos moleculares que recusam a política institucional? Existe uma diferença entre a forma molecular, entre a emergência do sujeito, e a forma sempre molar, institucional, que o Estado permanece se auto conferindo, ainda que seja verdade que o processo atual de reestruturação capitalista seja um processo molecular. O Estado tem a capacidade de se contrapor ao movimento enquanto máquina molar repres-

siva, mesmo se o movimento escolher um outro terreno de transformação. E isto favorece a retomada no movimento do velho – e frequentemente idiota – leninismo. Encontrar a tática do processo molecular: este é o ponto. O processo molecular é a perspectiva estratégica (uso este termo ainda que a oposição tática/estratégia seja um pouco velha). O processo molecular é o modo de emergência do sujeito. Colocar a questão da tática é colocar a questão da relação com os aparatos institucionais molares, sem novamente cair na política, sem reduzir o processo revolucionário e molecular à hipótese esquemática do confronto institucional.

Guattari: Não acredito que seja útil retomar a oposição tática/estratégia, porque isto implica a tendência a pensar que se pode arquitetar certos meios, certos componentes de uma intervenção, segundo certos objetivos parciais e imaginar que uma série de agenciamentos locais conduzem a uma finalidade que está, em alguma medida, pré-determinada e programada. Na minha opinião, esta é uma definição possível da relação entre tática e estratégia. Ora, pode ser que seja perigoso dizer que a crise atual do movimento revolucionário é sinônimo da morte do político, precisamente porque, para mim, se trata de uma transformação profunda do político e não da sua morte. Aliás, talvez se trate de seu renascimento, tendo em vista o fato que, em um certo sentido, tanto o movimento operário, quanto a burguesia, não fazem mais política. O problema é justamente fazer política de verdade.

Há um tipo de relação entre a micropolítica e a política que se perdeu, acabou. Nós já não temos mais o controle sobre aquilo que fazemos em nosso próprio meio, nas relações mais imediatas, não temos mais o controle sobre o processo político geral, que obedece a leis estatísticas, econômicas. Se

estamos em uma sociedade em que, faça o que se faça, não se tem nenhum poder, nenhuma eficácia, então não se vale nada. Hoje, por exemplo, a política do PCI consiste justamente em querer fazer com que milhões de pessoas aceitem uma sociedade que os recusa e na qual não são felizes. É realmente fazer política simplesmente propor que as pessoas aceitem algo que elas mesmas rejeitam no nível micropolítico? Penso, ao contrário, que a reconstrução de uma política em larga escala passa através da redefinição de quais são os verdadeiros agenciamentos políticos, começando justamente pelos agenciamentos micropolíticos. Isto é, para que serve ter um certo tipo de relação com o próprio corpo, com as próprias sensações, o próprio pensamento, com a sexualidade, a vida doméstica, os amigos? Progressivamente, estes agenciamentos tomarão a forma de uma política. Assim, se consideramos esta continuidade entre agenciamentos micropolíticos e política, talvez evitaremos reproduzir fraturas entre as diferentes estratégias políticas, ou seja, evitaremos separar as organizações políticas de vanguarda, que programam grandes objetivos da realidade, dos agenciamentos militantes ou analíticos de base (para mim é a mesma coisa). Logo, eu não falaria de agenciamentos táticos, mas sim de agenciamentos analíticos. Darei um exemplo que, talvez, possa parecer insignificante, mas sabemos que se vive, todos os dias, entre coisas frágeis, e frágeis porque não estão seguras em si mesmas, frágeis porque a repressão as dispersa e as destrói. Bifo citou o exemplo das novas comunidades, eu gostaria de dar outro.

No domínio da psiquiatria, procurou-se definir uma política, uma estratégia, uma tática, no nível dos hospitais psiquiátricos, das instalações extra-hospitalares, da relação en-

tre quem cura e quem é curado, da preparação profissional, da utilização ou das modificações das técnicas. Tudo isso, em vinte anos de antipsiquiatria, definitivamente não deu grande resultado. E tem-se a sensação de se estar andando em círculo, de dizer sempre as mesmas coisas. Mas num determinando momento algo aconteceu, surge um novo personagem que não é o trabalhador tradicional da saúde mental: são pessoas como Tommasini[17], em Parma, ou Deligny[18], em Cévennes, que colocam o problema de como se pode viver com os loucos e, longe de qualquer atitude teórica ou dogmática, experimentam uma vida a partir daí. Assim sendo, estamos de acordo que são coisas microscópicas feitas em Parma, em uma região não muito industrializada, ou em Cévennes, uma zona subdesenvolvida – é verdade que parecem feitos marginais que não resolvem nada. E, ao contrário – e este é o segundo ato –, no contexto da psiquiatria internacional nos damos conta de que estas tentativas existem por toda parte e que encontram consistência e solidariedade apenas na escala internacional. É interessante que os companheiros que se ocupam, por exemplo, do aborto, em Bolonha ou em Turim, fizeram com que problemas como estes imigrassem. Hoje, existem esquizofrênicos, doentes,

[17] Mario Tommasini (Parma, 20 de julho de 1928 - Parma, 18 de abril de 2006), foi um ex-partisão e político italiano notório por sua contribuição na luta antimanicomial ao ocupar o manicômio de Colorno por um mês, colaborando com Franco Basaglia e Franco Rotelli pelo fechamento definitivo das instituições (N.d.E.).

[18] Fernand Deligny (Bergues, 7 de novembro de 1913 - Monoblet, 18 de setembro de 1996), foi um educador francês, referência na "educação especial" voltada às crianças então consideradas "difíceis", como delinquentes sociais e incluídas no TEA. Opondo-se ao isolamento de tais indivíduos, Deligny desenvolveu espaços alternativos para a prática pedagógica (N.d.E.).

que vão da comunidade de Cévennes até os grupos de Bolonha, de Turim, da Catalunha. Este é um exemplo de como a problemática molecular busca sua própria solução em outra escala, isto é, na construção de uma rede que pode ser local mas também internacional.

Bifo: É a conspiração...

Guattari: Sim, é a conspiração. Não é o mito do internacionalismo o que proponho. É preciso entender o que está em discussão: o que significa, hoje, que um esquizofrênico vá com marginais franceses a uma comunidade em Bolonha ou Turim? Há um aspecto humorístico: no momento em que o esquizofrênico se encontra na Itália, ele já não é mais um louco. Em uma situação na qual ele não conhece a língua e ninguém entende seu delírio, simplesmente aconteceria o milagre, dado que todos se comportariam de modo natural com ele. Enfim, uma situação perfeita. Mas do que se trata? Não é uma questão de exotismo, não se trata apenas de atravessar a fronteira. Em vez disso, tentemos nos perguntar quem, hoje, pode dizer: "vou trabalhar três meses na França, depois vou a Bolonha e depois irei para outro lugar". Não são inteligências superiores, mas pessoas capazes de se movimentar, pessoas com uma capacidade de conexão que excede as suas funções profissionais, que estão além dos quadros hierárquicos habituais. É evidente que, na França, um psiquiatra ou um funcionário não pode fazer esse tipo de coisa pois seria imediatamente afastado. Portanto, o fato de atravessar a fronteira implica uma relação diferente com o Estado, e aqui voltamos àquilo que dizia Bifo em relação à organização do trabalho e das comunidades nas quais as pessoas se coordenam para trabalhar uns para os outros. Existe uma ruptura do estatuto, da função do trabalho, do bom trabalhador, da

aristocracia do trabalho, como se dizia em outro momento. Aqueles que praticam este trabalho comunitário sabem que não estão assegurados pela proteção social, que não estão sindicalizados, que não têm um domicílio fixo e, ao mesmo tempo, introduzem no interior dos agenciamentos – que são colocados em jogo pela presença dos esquizofrênicos – um novo componente, um novo elemento. Não se trata de uma religião do marginalismo, mas de jovens que vivem de outro modo: é o nomadismo, nomadismo na vida, nomadismo na vida dos esquizofrênicos, nomadismo na cabeça, nomadismo nas ideias. Consideremos um exemplo, um professor que trabalha e começa a falar: "quero mudar de escola, de país, ir pra cá, pra lá". Rapidamente será considerado louco e o inspetor escolar lhe proporá que peça uma licença médica. Alguém que está disposto a colocar em questão, na própria vida, sua relação com o trabalho, com a cotidianidade, com a cidade, com o sindicato, tem condições melhores para entender alguém que é nômade em sua própria cabeça e que vive os sentimentos e as ideias de um modo completamente diferente das pessoas normais. Não tem nenhum mistério, não é o conteúdo de uma ideia nova, é uma prática nova, um novo tipo de agenciamento. E estes agenciamentos são vividos, talvez, primeiramente nas comunidades dos loucos, dos instáveis, dos não integrados, que estão muito mais no interior da realidade das novas relações internacionais, dos novos modos de produção internacional, do que pelas pessoas que continuam pensando no nível da localidade, do sindicato, das estratégias, dos grupelhos.

Bifo: Esta ideia do "internacionalismo" – entre aspas – da circulação da organização, me interessa muito e gostaria de considerá-la a partir de um ângulo particular. Acredito que

haja uma diferença entre o internacionalismo, o nomadismo internacional (em primeiro lugar, a imigração) dos anos 60 e aquele dos anos 70. Qual era a forma desse nomadismo (o termo, talvez, não seja o mais preciso)? Bom, se alguém fosse da Itália até a Alemanha, se produzia uma cultura diferente que era transversalizante, mas não completamente, pois existia também uma tentativa de integração. Era, mais exatamente, uma relação de modificações recíprocas. A última onda dos imigrantes do sul – para Turim por exemplo – sempre foi uma onda de operários que foram determinantes para a luta: aconteceu na Fiat em Turim, na Alemanha com os imigrantes turcos que deram a volta na situação no ano de 1973, etc. Era o tipo de transversalização nômade dos anos 60. Penso que nos anos 70 existia um tipo diferente de transversalização nômade que, em parte, foi antecipada pela geração *beat* americana, isto é, um movimento nômade em que não havia nenhuma forma de integração com a situação. Busca a integração apenas com as comunidades particulares, homogêneas. E o modelo dos *wobblies*[19] nos EUA no início deste século, que foi recuperado pelos trabalhadores temporários italianos que vêm à França para trabalhar nas colheitas: sabe-se bem que se trabalha aí por dois meses e pronto. Então não é importante ser amigo do chefe da oficina ou do operário fixo, é mais importante ser amigo dos outros que são como você e que, certamente, você reencontrará em algum outro lugar. É aqui que o discurso sobre a capacidade transversalizante deste tipo social põe o próprio problema da organização de um modo diretamente social, ligado à fi-

[19] *Wobblies* é o termo com o qual se designam os integrantes do Industrial Workers of the World (IWW), um sindicato adepto da autogestão e da democracia laboral fundado em Chicago, em 1905 (N.d.E.).

gura determinada deste novo sujeito. A ideia formidável dos *wobblies* nos anos 1920 e 1930 nos Estados Unidos é que o partido não é uma vanguarda, um grupo separado do estrato social ao qual se referencia, mas um estrato social entre outros, isto é, o partido é o estrato social que se move, que vai de uma parte a outra. O partido é, em suma, a capacidade de transformar as situações através da própria mobilidade social imediata.

Bertetto: Tendo em vista o que você disse, gostaria de colocar alguns problemas, Bifo faz um discurso sobre o contrapoder proletário como uma relação permanente de conflitualidade com o poder capitalista; Guattari sustenta a necessidade de ligar revolução molecular e máquina político-militar, mas insiste sobre o caráter processual da transformação. Nos discursos de ambos, o poder aparece como um modo permanente de controle sobre o desejo e a força de trabalho. Desse ponto de vista, como se pode modificar cada vez mais a favor do proletariado a relação poder/contrapoder? E não apenas isto: neste processo conflitual, o poder possui em suas mãos uma formidável máquina de guerra, isto é, um aparato repressivo extremamente duro, capaz de colocar de cabeça para baixo e esmagar um contrapoder que se move predominantemente no plano da vida e da intersubjetividade social. Este é o primeiro ponto. A segunda questão se refere ao discurso sobre o nomadismo e a marginalidade. Existe o perigo de eleger a marginalidade, de recusar todas as hipóteses de totalização, de apenas sustentar processos parciais, fora da possibilidade de recomposição social e que apenas podem propor modelos de transformação da socialidade destinados a se manterem ao lado da máquina que domina. Terceiro ponto, a autogestão: é possível

conceber uma autogestão que não seja auto-exploração, que seja o controle coletivo (controle de todo modo) da força de trabalho e do desejo?

Guattari: Penso que deveríamos acabar com o mito da marginalidade. Gostaria de introduzir uma distinção entre marginalidade e minoria. Os marginais são jovens que tendem a ser totalizados pelo exterior, buscam permanecer autônomos mas são tomados pela totalidade, até mesmo esmagados por ela. Os marginais de Cévennes correm o risco de se tornarem um novo gueto autogerido, mas um gueto de toda forma: são totalizados pelo mercado, pelo mercado de leite de cabra, pela polícia que os impede de fazer aquilo que eles querem. Falemos, em vez disso, em minoria. Segundo um teorema da teoria dos conjuntos, a totalidade das minorias supera todas as maiorias possíveis e todas as totalidades possíveis. Por exemplo, uma mulher pode ser minoria como homossexual, como corsa ou bretã. Assim, um único indivíduo pode participar de muitas minorias e, em um certo sentido, quanto mais estiver dentro de múltiplas minorias, incluindo a minoria literária ou de qualquer outro tipo, mais rica e revolucionária é a economia do desejo. A política das minorias não desemboca, necessariamente, na marginalidade. É o poder que tenta marginalizar a minoria. Por exemplo: sou a favor de um cinema minoritário, mas não de um cinema marginal, porque um cinema minoritário pode ser amado e visto por muitíssimas pessoas, enquanto o cinema marginal só poderá ser visto pelos marginais.

Nestas condições, penso que se trata de definir um novo tipo de lógica em relação ao problema do compromisso político. Diria que já não se pode mais haver unidade na relação com o político, nem duplicidade, mas uma polivocidade. A

duplicidade, hoje, é aquela do dirigente político ou sindical que de um lado faz um discurso para a classe operária, a encoraja para a luta, para a ação e, depois, na negociação com o patronato precisa levar em conta a situação econômica geral. Também encontramos esta duplicidade na família quando as pessoas de esquerda encorajam as crianças a se exprimirem, no entanto, apenas até certo ponto. Uma outra forma de duplicidade: algumas pessoas, na Itália, que possuem um revólver 38, mas só atiram nas pernas (pessoalmente prefiro que disparem na perna e não no coração, mas também se trata de uma forma de duplicidade). E o que fazer com toda essa duplicidade? É preciso ir além, não invocar uma pureza revolucionária, que está completamente perdida, se é que um dia existiu, mas partir da ideia de uma multiplicidade, de uma polivocidade da ação. Claro: às vezes faço discursos revolucionários mas, ao mesmo tempo, sou um pequeno burguês que trabalha em uma clínica psiquiátrica. Falo de liberação do desejo, mas posso ter sido repressivo na educação do meu filho. Falo de liberação do desejo, mas posso ter sido ciumento e tirânico com alguma mulher. Falo de liberação da mulher e, às vezes, tenho fantasmas de posse. Então, o que fazer com tudo isso? Certamente esta não é uma crítica de inspiração calvinista, pois apenas com a condição de colocar para funcionar, de colocar sobre o tapete os diferentes elementos da contradição, é que se pode desenvolver um agenciamento, um processo analítico, que mostre até que ponto, em certas circunstâncias, que sou efetivamente microfascista. A questão não é dizer que não sou microfascista, mas saber até que ponto eu sou, uma vez que sou, como todo mundo. O importante é saber quando isto para, como se agencia, como se reverte. Não podem me acusar de ser fascista se tive

um sonho fascista. Se sonho em estuprar uma mulher, não é preciso que me arrastem para um tribunal popular. Ao passo que, se eu tenho, em várias circunstâncias, atitudes verdadeiramente falocráticas, então se põe o problema de uma intervenção coletiva: "O que você está fazendo? Por que faz isto? O que isso significa?" e assim por diante.

Deste modo, há um limite, não no nível das leis morais, dos imperativos categóricos, e sim no nível das leis contingentes: até este ponto tudo bem, além disso não. E não é com uma lei que se deve negociar o limite, mas sim com um agenciamento coletivo de vida. Portanto: polivocidade em vez de duplicidade, uma vez que a duplicidade sempre é o elemento simétrico do purismo, da univocidade política, do bem e do mal e do maniqueísmo dos valores. Polivocidade contingente, polivocidade pragmática. Neste ponto, creio que se possa encarar a questão da totalização. Exemplo: existem juízes na França que praticam esta polivocidade com muito talento, não há nada para lhes reprovar na execução de suas funções. Nos bastidores, fazem tudo aquilo que podem em seus meios para colocar areia nas engrenagens da justiça, intervindo neste ou naquele caso. É verdade que não existe nenhum modelo e que somos, ao mesmo tempo, tomados pelo sistema de totalização e pelo sistema molecular. Não estou dizendo que é preciso romper com todos os sistemas de totalização, pessoalmente não sou hostil aos sistemas de totalização enquanto tais – não sou hostil ao PCF, à CGT, à CFDT[20], nem mesmo ao Ministério da Educação Nacional.

[20] PCF - Partido Comunista Francês; CGT - Confederação Geral do Trabalho, confederação sindical criada em 1895; CFDT - Confederação Francesa Democrática do Trabalho, confederação reformista de sindicatos franceses (N.d.E.).

Dito isto, posso dizer que não gosto do PCF, do Ministério da Educação Nacional, mas não sou hostil com as pessoas que lá trabalham, penso que fazem aquilo que se pode fazer. O problema da revolução molecular se põe também por dentro, no PCF, na CGT, na Educação Nacional e nas organizações que estão em volta. A escolha da polivocidade, como algo além da duplicidade, implica que se jogue não no jogo duplo, mas no triplo, no quádruplo: você pode ser empregado do prefeito e ter relações com a filha dele, sendo homossexual. Acusaram Bifo de ter tido relações com a filha de um milionário, mas quem se importa com tudo isso? O que seria interessante é que de fato se falasse sobre isso, que se pudesse falar abertamente, que fosse aceito e, principalmente, que os comunistas não estivessem envolvidos na fabricação de não sei qual mito de pureza. Gostaria de saber que relações eles possuem com os milionários, não para reprová-los, e sim porque isso me interessa, e porque penso que é necessário colocar tudo sobre o tapete e acabar com o moralismo que só serve de fachada – e para a mídia. Ninguém é um revolucionário puro. Entre os mesmos operários, alguns trabalham na construção da bomba atômica, outros produzem os agentes de poluição, outros fabricam armas que servirão para exterminar esta ou aquela minoria étnica.

Não existem mais ações revolucionárias puras, classe operária pura, todos estamos capturados em diversos graus. Por isso é melhor deixar tudo às claras e procurar mudá-las, construindo, a partir daí, novos agenciamentos revolucionários. Existem, por exemplo, homossexuais neuróticos que estão interiormente presos em uma dinâmica sado-masoquista que tem efeitos catastróficos para eles e para as pessoas que os cercam. Em vez de manter o segredo, falemos; busquemos

evitar o cerco e a marginalização, construamos novos agenciamentos coletivos que permitam regular estes comportamentos e evitar os desgastes que os psiquiatras em outro momento colocam sob o registro das perversões. É verdade que certas pessoas são perigosas, brutais, e é verdade que existem pessoas loucas. Como devemos nos comportar diante disso? Deixemos de lado qualquer tipo de atitude moralizante e encontremos as trocas das semiotizações coletivas, dos agenciamentos coletivos, para poder intervir coletivamente em uma situação destes gêneros. Portanto, mais uma vez, nenhuma totalização, nenhuma política da pura marginalidade revolucionária em oposição à má totalização reformista.

Bertetto: Creio que haja um conceito da tradição revolucionária que é posto em crise por este discurso que é o conceito de classe. Ainda é possível falar da classe operária como classe revolucionária por excelência, a classe que deve guiar o processo revolucionário? Ou é necessário falar de um sujeito revolucionário muito mais articulado, definido de um modo mais preciso? Um sujeito ao que, obviamente, a classe operária faz parte, mas também os jovens proletários, as mulheres, as minorias, os imigrantes, etc.?

Bifo: Estou convencido que o sujeito do processo revolucionário seja e continua sendo a classe operária. E nem sequer acredito que a classe operária seja um dos muitos sujeitos revolucionários ao lado das mulheres, dos homossexuais e assim por diante. Creio que a determinação última, fundamental do processo revolucionário, seja a capacidade de reverter, de desagregar o nível fundamental de todas as formas de opressão, isto é, a relação de prestação de serviço, de venda da vida à valorização – o trabalho como transformação da vida em valor, em capital. E o sujeito que vai rever-

ter a relação de prestação de serviço é a classe operária. Talvez seja preciso definir a classe operária: ela sempre foi definida em relação ao trabalho, como a classe que produz mais-valor. Creio que esta definição seja fundamentalmente economicista e sociologista, não permitindo que se fale do sujeito central do processo revolucionário. Se falamos da classe operária como produtora de mais-valor, o centro de todo o discurso passa a ser a organização do trabalho e o capital. Acredito que se deva, ao contrário, falar da classe operária como sujeito da recusa do trabalho, ou seja, fazem parte da classe operária todos os estratos sociais, todas as formas de existência, de expressão política e micro-transformações que estão ligadas à recusa do trabalho. Assim, a classe operária pode ser vista em relação à organização do trabalho como o motor do desenvolvimento (e não o contrário), motor da transformação técnica (e não o contrário) – a tradição operaísta na Itália, Tronti, disse isso, e creio que sobre esta questão ele tinha razão. E qual é o motivo que torna possível esta inversão de ótica, por que podemos considerar a classe operária como o motor de todos os processos de transformação e de organização capitalista? Porque a classe operária não é um objeto interno a este grande objeto que é a organização capitalista do trabalho mas, ao contrário, é o sujeito da recusa do trabalho que determina uma transformação contínua no interior da própria organização do trabalho. Consideremos deste modo a classe operária – do modo, quero dizer, que Marx a considera nos *Grundrisse* – a classe operária relacionada ao conceito de duplicação (segundo volume dos *Grundrisse*). Duplicação que é a capacidade de estar ao mesmo tempo dentro e fora de si, de ser ao mesmo tempo a realidade objetiva e o sujeito que pensa a realidade objetiva. Se pensarmos o conceito de

classe operária nesta estrutura duplicada, creio que haveria a possibilidade de pensar a classe operária como o próprio sujeito do processo de transformação e da recusa do trabalho. E, então, veja que não é possível pensar uma superação da classe operária como agente e como sujeito da transformação real.

Guattari: A sua definição da classe operária não corresponde à realidade. É uma definição admirável, mas a classe operária não é isso. A classe operária corre o risco de continuar sendo o sujeito da história – o é na URSS, no consenso repressivo em Bolonha e poderia ser também na França. Existe um consenso entre a burocracia gerada pela classe operária e a própria classe operária. A classe operária é profundamente reformista – já que Bifo se refere a Marx, eu me refiro a Lênin – e Lênin dizia que a vocação da classe operária era muito mais o reformismo e o economicismo que a duplicidade – aquela de que fala Bifo – que a conduziria à recusa do trabalho. O economicismo da classe operária, antes de ser um produto dos teóricos, é um produto da própria classe operária. Não é necessário criar mitologias, projetar sobre a classe operária funções ideais. A classe operária americana, por exemplo, é uma das classes mais reacionárias, mais racistas e falocráticas e sustentaram as operações mais repressivas na escala internacional: é uma classe que elegeu o sindicado ganguista dos caminhoneiros e assim por diante.

Bifo: Não é verdade...

Guattari: Não é verdade, mas é assim. Eu não falo da classe operária em geral, mas das classes operárias concretas, como estão realmente organizadas e estruturadas. Que se possa existir outra classe operária, uma classe operária potencial, revolucionária, certamente é verdade. Mas só se pode imagi-

nar e projetar sua constituição, sua formação, sendo perfeitamente lúcido sobre o que, hoje, são as classes operárias na URSS, nos EUA, na China, etc. A classe operária se tornou efetivamente o sujeito da história porque, no fundo, de um certo modo, ela está intimamente ligada com a sua própria burocracia, sobretudo no desenvolvimento de um certo poder monopolista de Estado, do mesmo modo que – trata-se de um fenómeno que encontramos na história – a aristocracia, a nobreza, a aristocracia religiosa estavam ligadas à burguesia. Hoje, a burguesia vive apoiada nas burocracias que nasceram da estruturação das classes operárias reais. Então, melhor do que postular uma subjetividade pura da classe operária em contraposição à subjetividade corrompida das classes operárias stalinistas, social-democrata ou das classes operárias ligadas à máfia nos Estados Unidos, penso que seria melhor abandonar a ideia de que se trata de definir uma subjetividade, um sujeito da história, um sujeito da produção. Creio que, ao contrário, o que está hoje em questão é o fim de um certo tipo de subjetividade, de uma subjetividade representativa, no sentido da tradição jurídica. Juridicamente, no limite, o movimento operário é representado pelo seu sindicato, pela sua burocracia. Mas, de fato, é preciso reconhecer que os sindicatos, as burocracias, os próprios poderes do Estado – nas democracias populares – não representam de modo algum a verdade das pessoas, dos trabalhadores e nem dos agenciamentos laborais. Trata-se de uma noção da subjetividade legal, da subjetividade do direito que é preciso destruir, porque ela é totalmente simétrica à noção da subjetividade de Estado que encontramos na própria legitimação do poder de Estado, das forças da ordem, do presidente da república e assim vai. É a legitimidade deste poder de Estado

que está em questão. Uma outra subjetividade deve aparecer, que não é a subjetividade da classe operária, isto é, de um grupo de homens, de um grupo sociológico: é o que eu definiria como subjetividade maquínica, uma nova subjetividade que não pertence nem mesmo aos próprios homens enquanto totalidade de direito, que está vinculada a coisas que são órgãos e funções do homem. Hoje, quem trabalha não é um homem, não é um operário, não é um artesão, mas uma função do homem, é um órgão, um agenciamento que se produziu; serve-se de uma parte do homem como se serve de um computador e, no limite, o trabalho humano está engatado em processos maquínicos integrais. A subjetividade está ligada não apenas à coletividade humana mas, também, aos agenciamentos em que existem funções, órgãos dos homens, palavras, porém, também existem as máquinas, comunicações, sistemas econômicos.

É esta a verdadeira subjetividade. Hoje, as decisões de qualquer natureza, sejam elas econômicas, científicas, fazem parte não do homem, mas dos agenciamentos maquínicos dos quais os homens são apenas um elemento. Digo que é esta nova subjetividade que fará com que se degenere ou, mais exatamente, enfraqueça a antiga subjetividade, isto é, aquela que se esperava que tomasse o poder. Em suma, a subjetividade da classe operária. Acredito que o que está em questão é a morte de todos os tipos de subjetividade humana, humanista, legalista, compreendidas aí a subjetividade da classe operária. E também penso que a luta de classe se enfraquecerá junto com o poder do Estado, na mesma medida em que aparecerá um novo tipo de subjetividade maquínica. A luta de classes, as contradições de classe, o poder do Estado, se degenerarão e desaparecerão. Não com

uma classe destruindo a outra, mas pelo enfraquecimento de uma classe diante da outra, poderíamos dizer, pelo enfraquecimento dos *partners*. Penso que, hoje, para acabar com o poder do Estado, com a luta de classes e com a exploração, é preciso acabar não apenas com a burguesia, mas também com a classe operária, é preciso, assim, acabar com um certo tipo de subjetividade, de oposição, que se torna cada vez mais dualista e maniqueísta. Não se trata mais de fazer uma aliança com os camponeses ou com a pequena burguesia – hoje a pequena burguesia e os camponeses tendem a se proletarizar –, é um antagonismo entre o poder tradicional e burocrático do Estado da burguesia e o poder burocrático da classe operária. Este complexo de estruturações sociais se enfraquecerá quando novos agenciamentos maquínicos forem postos para funcionar no nível produtivo e novos agenciamentos subjetivos. Nesta perspectiva, serão colocados em jogo agenciamentos de outra natureza que não colocarão na ponta do fuzil os objetivos da classe operária do século XIX, nem de um operário completamente mítico, como o típico operário de Bolonha – que, se dizia, é um funcionário da municipalidade –, mas que colocaram em primeiro plano os desejos das crianças, das mulheres, dos homens, não apenas dos trabalhadores e daqueles que produzem algo de útil, mas também daqueles que produzem coisas não úteis, por exemplo, desejos, não apenas daquelas pessoas que fabricam produtos que podem ser trocados, mas também das pessoas que produzem o que não pode ser trocado no mercado, daqueles que produzem arte, e assim por diante.

Bifo: Não estou de acordo com nada do que Guattari disse. Aquilo que você não considera no discurso sobre a classe operária russa, americana, alemã, etc, é justamente

o discurso micropolítico, o discurso da molecularidade do comportamento operário. Você fala de uma classe operária racista, fascista, integrada e eu, inversamente, creio que se deva falar da classe operária americana como uma das mais avançadas no plano da própria libertação...

Guattari: Estamos fazendo confusão neste debate entre classe operária e movimento operário. Para mim, é preciso falar de movimento operário, pois a classe operária não existe. Existe um movimento operário que se refere à classe operária, mas esta não existe, no sentido em que existem inúmeras contradições e inúmeros componentes na classe operária, ainda que haja um movimento operário que se refere à classe operária... Dito de outra forma, se são classe operária todos aqueles que recusam o trabalho, então as crianças e as mulheres também são classe operária – e aí estaremos passando longe de qualquer discurso sensato.

Bifo: Mas não é um jogo de palavras, trata-se, ao contrário, de definir o conceito de classe operária como fazia Marx, em relação ao trabalho.

Guattari: Marx falava de um tipo de trabalho que produz mercadoria, que serão trocadas no mercado, e não de qualquer tipo de trabalho: existem crianças, mulheres, que trabalham, mas não são classe operária. Se trata de trabalho no campo do capital e não em qualquer lugar. O trabalho que não se coloca no campo do capital, o trabalho artístico, o trabalho da mulher, o trabalho das crianças, não entra na classe operária. Marx definia a classe operária no campo do capital, em um certo tipo de organização da troca das mercadorias, em um certo tipo de produção de mais-valor

e extorsão de mais-valor. Fora desta relação produtiva, não existe classe operária.

Bifo: A partir do momento em que se define a classe operária através de uma relação positiva com o trabalho, como fazem os marxistas economicistas, a classe operária é definida como aquela que produz mais-valor. Não estou de acordo com esta ideia. Digo, ao contrário, que a classe operária é o sujeito da recusa do trabalho.

Guattari: É uma concepção totalmente idealista, porque, neste mesmo sentido, você poderia falar de uma classe operária na antiguidade, do escravismo, encontraríamos a classe operária entre os primitivos, os indígenas ou os egípcios. A classe operária nasceu com o capitalismo.

Bifo: Mas como é possível explicar o desenvolvimento tecnológico? Acredito que se deva fazer referência ao elemento determinante que, para mim, é a recusa do trabalho. É este elemento que determina a gestão da organização capitalista do trabalho. O que explica todas as formas de transformações na máquina capitalista é a existência de um sujeito que é o sujeito da recusa do trabalho. Acredito que este tipo de inversão de perspectiva pode explicar todas as formas de desenvolvimento e transformações: é por isso que se define a classe operária como motor do desenvolvimento e é por isso que existe a possibilidade de fazer um discurso sobre a molecularidade do sujeito.

Guattari: Dizer que a classe operária é uma classe que recusa o trabalho significa dizer uma coisa que não encontro na realidade. A classe operária é a classe dos bons trabalhadores.

Bifo: Mas esta é uma definição sociologista, pragmática, empírica, da classe operária. Talvez sejam os operários que

você conheceu, talvez seja a maioria da classe operária que está dentro da ideologia do trabalho, mas...

Guattari: Um momento. É necessário distinguir os operários dos trabalhadores, daqueles que trabalham. Existem crianças, mulheres, músicos, que trabalham e nem por isso são operários. Um operário é alguém que está envolvido em um certo tipo de relação de produção em uma dada sociedade. Por sua vez, a categoria "trabalhadores" também pode englobar os operários: empregados, funcionários, docentes em geral, professores, etc. Quando se fala de classe operária, se fala de uma organização política e sindical que, sobre a base da categoria dos operários, tende a se tornar hegemônica em relação aos outros trabalhadores. Mas não é apenas o trabalho dos trabalhadores que estão envolvidos na cadeia produtiva, é também o trabalho da mulher, das crianças etc. É necessário isolar os contornos da classe operária na medida em que esta é tomada como suporte para uma operação de poder hegemônico – para os bolcheviques, precisamente, os trabalhadores eram principalmente os operários de fábrica, como aquela de Putilov; eram uma vanguarda operária e, ainda hoje, os trabalhadores do serviço terciário não são considerados pelos comunistas ortodoxos como uma vanguarda dos trabalhadores. É preciso prestar muita atenção quando se fala da vanguarda da classe operária e das pessoas que pertencem a esta vanguarda, que reivindicam uma hegemonia sobre os trabalhadores, pois se passa de uma consideração socioeconômica para uma consideração política.

Bertetto: Na discussão que se faz sobre a classe operária, tenho a impressão que você se esquece da estrutura dialética da classe operária no interior de uma relação de produção determinada, que é certamente capitalista e não de outro

tipo. A classe operária, aí, é ao mesmo tempo uma classe que quer se valorizar como força de trabalho e se negar como mercadoria, quer se valorizar como força de trabalho e se negar como força de trabalho. Então, no comportamento da classe operária coexistem os dois aspectos e não se pode insuflar um deles isolando-o da estrutura dialética, do duplo caráter estrutural da classe na relação de produção. A classe operária é, simultaneamente, desenvolvimento e destruição do desenvolvimento, trabalho e destruição do trabalho. Na contraposição que foi delineada, corre-se o risco de perder, de um lado e de outro, a determinação material da relação produtiva e a política dialética da classe operária.

Bifo: Creio que o problema seja a definição do conceito de classe como sujeito de todos os processos de transformação, porque estou convicto que esta definição continua a ser indispensável, inclusive se se descreve o processo de liberação como um processo difuso, articulado, fragmentado e molecular. O problema é que existe um nível determinante de todas as formas de opressão e, por sua vez, cada processo de liberação deve se definir em relação à determinação fundamental da prestação de serviço. Portanto, a prestação do trabalho é a forma fundamental de todo tipo de opressão. Certamente, no processo real de liberação, existem movimentos determinados na transformação da vida cotidiana concreta. Mas, enfim, qual seria a possibilidade de realizar um projeto de transformação radical se não houvesse, por um lado, um motor do processo de liberação, tal como, do outro, há o da organização capitalista? Na definição empírica da classe operária dada por Guattari nas suas intervenções, fala-se da classe operária soviética, americana, alemã, dizendo que a classe operária está integrada, é fascista, ra-

cista, subordinada à burocracia – talvez tudo isso seja verdade no nível empírico, mas não o é caso consideremos o funcionamento real da recusa do trabalho e a relação entre esta recusa e a capacidade real de sua recuperação por parte do sistema capitalista. É verdade que a classe operária soviética, de um modo geral, aceitou o totalitarismo stalinista durante toda a década de 20, mas este teve que aceitar a impossibilidade de aumentar a produtividade, ou seja, a passividade operária sobre o problema da liberdade, sobre o problema da forma da vida, está relacionado a uma incapacidade do Estado em obrigar a classe operária a aumentara produtividade. Quando o capitalismo soviético começou um processo de aumento da produtividade em relação ao mercado mundial capitalista, se desenvolveram lutas – pensemos, entre outras, no caso polaco –, que, se encaradas por este ângulo, não são "incompreensíveis". Então, o problema é que você tem um motor de todas as formas de opressão, por um lado, e de todas as formas de liberação, por outro, que é a recusa do trabalho. Se não se coloca o problema da recusa do trabalho, tem-se uma visão insuficiente da molecularidade, incapaz de se tornar uma transformação histórica. A recusa do trabalho pode, assim, se tornar a forma da definição subjetiva, não economicista, não institucional, não molar, da existência da classe operária. Definindo a classe operária como recusa do trabalho na prática, existente, definindo a recusa do trabalho como a forma geral de todas as formas de transformação da vida, de todas as formas de recusa da prestação de serviço, tem-se a possibilidade, a partir daí, de definir, por exemplo, o movimento e a experiência do proletariado juvenil na Itália (e não apenas na Itália) como forma de concretização, de massificação em um contexto social

determinado, da recusa do trabalho. E no momento em que a recusa do trabalho ganha uma figura social determinada e concreta, isto deixa de ser uma tendência para se tornar um estrato social que está antropologicamente, culturalmente, linguisticamente, inscrito na própria figura social, isto é, na própria recusa do trabalho, e assim há a possibilidade de definir como classe operária todos os setores sociais que se definem em relação à recusa do trabalho.

Guattari: Tenho a impressão de que a discussão não anda e que você não está levando em conta minhas objeções ao seu discurso. De qualquer modo, tentemos avançar. Penso que a subjetividade na sociedade implicada no processo de produção tenha mudado de natureza. Não é mais um certo tipo de subjetividade humana, considerando não apenas o nível da subjetividade das classes sociais mas também o nível dos processos subjetivos ligados à produção mesma, ou à ciência, à arte. Há um deslocamento da subjetividade, ela é cada vez mais maquínica e menos humana, o que não significa mais alienante mas, para mim, ao contrário, mais liberadora. Portanto, também estou persuadido que uma das determinações fundamentais da situação atual – um motor, como diz Bifo – seja a recusa do trabalho. No entanto, este elemento não me parece caracterizar de modo algum a classe operária como estrato social, mas me parece caracterizar a emergência de um novo tipo de socialidade, um novo tipo de organização, que não passa mais através do velho tipo de oposição de classe.

Não aceito o discurso de Bifo quando fala de trabalho, porque considero sinceramente um absurdo que se determine uma função social em relação ao trabalho enquanto tal. Gostaria que Bifo repensasse o que disse tendo em vista esta

pergunta: de qual tipo de trabalho se trata? Vou identificar quatro tipos de trabalho (ainda que existam outros). Primeiramente, existe o trabalho do desejo, o trabalho do sonho – no sentido em que Freud falava de trabalho do sonho. Este trabalho não representa nenhuma finalidade social evidente, imediata – o trabalho de uma criança que, por exemplo, faz cocô nas calças. Trata-se, todavia, de algo que tem um valor, algo que é um trabalho, pois, de qualquer modo, é um trabalho como outro qualquer o fato da criança aceitar ou não as regras maternas e as regras de controle do esfíncter. Um outro tipo de trabalho, em segundo lugar, é aquele que produz valores de uso: alguém que cozinha, descasca batatas etc; é algo que representa uma finalidade social evidente. Não se trata, certamente, de um jogo. Um trabalha para comer junto com seus amigos: isto é um outro tipo de atividade que é um trabalho. Não há nenhum motivo para acreditar que este tipo de trabalho não deva fazer parte de uma definição geral do trabalho, uma definição, eu diria, física. Outro tipo de trabalho é aquele que determina a produção das mercadorias, isto é, algo que entrará no interior de um sistema de troca, com equivalentes de qualquer natureza, com uma prestação de serviços, com um salário correspondente à força de trabalho, o que implica a organização dos sistemas que permitirão a extração do mais-valor. Foram propostos critérios de análises do valor relacionados a uma taxa média de exploração ou a uma proporcionalidade em relação ao tempo de trabalho social médio. Em suma, existem uma série de critérios que obviamente podem ser discutidos. Da mesma forma que se pode tentar formular um critério de valoração da produção dos valores de uso em relação ao dispêndio de energia, pode haver também uma outra va-

lorização do tempo de trabalho em relação ao sistema dos valores de troca relativos à mercadoria. Eu proporia, então, um quarto tipo de trabalho: o trabalho de normalização, o trabalho que, com os amigos do CERFI[21], havíamos chamado de antiprodução. É um trabalho de antiprodução e nem por isso deixa de ser um trabalho: o trabalho dos policiais, dos carcereiros, uma grande parte do trabalho dos docentes, trata-se de um trabalho que não tem como finalidade a produção de mercadoria mas sim a produção de uma ordem social, de uma redundância social. É evidente que quando examino estes quatro tipos de trabalho, certamente nenhum está completamente separado do outro. Não há dúvida que existem comunicações entre os valores de desejo, os valores de uso, os valores de troca e os valores de normalização: basta um policial ter prazer com algo, que este algo tenha um uso imediato que, por sua vez, está inserido na circulação, isto é, possui um valor de troca, e tudo isso forma um rizoma muito complicado.

Dito isto, é necessário notar que a classe operária se constituiu essencialmente, na sua relação antagonística com a burguesia, sobre o valor de troca e sobre a produção do valor de troca. Assim, todo um setor de outros trabalhos ficaram de fora desta definição da classe operária, mas também do movimento operário como classe operária. E isso ocorre, fundamentalmente, de dois modos: de um lado, no que diz respeito aos valores de desejo – que são assunto dos movimentos utópicos e do movimento anarquista – e do outro, no que diz respeito aos valores de uso, a fratura, por exemplo, entre a classe operária e as pessoas que se ocupam da

[21] Centre d'études, de recherches et de formation institutionnelles (Nota do tradutor).

vida cotidiana, do militantismo cotidiano. A classe operária, o motor da história, se define então na sua relação com a máquina de produção capitalista e está dividida no que diz respeito ao valor de normalização, pois existe em relação a um certo tipo de produção e não outro: as pessoas que participam do valor de normalização, regulação, planificação e organização do trabalho, não fazem parte, desse modo, da classe operária. Esta opção, esta classificação de uma classe na base de certo tipo de produção, de certo tipo de valor, não é apenas uma escolha econômica ou tecnológica, mas também uma escolha de sociedade. Significa que a luta foi concebida em função de um certo modelo de produção, de certo crescimento desta produção e de um certo tipo de sociedade. Gostaria de observar que a classe operária tem sido, nos últimos anos, o verdadeiro motor da capacidade da sociedade capitalista de continuar o progresso. E é graças ao fato da burocracia operária ter substituído os velhos sistemas de produção, as diferenças de salário, a formação da força de trabalho e da proteção social, que o capitalismo pode sobreviver. À medida em que as burocracias operárias entraram em conjunção com as burocracias do Estado é que se pôde realizar experiências políticas como o *new deal*, utilizando a capacidade do Estado de intervir para normalizar os processos econômicos e superar a crise. Nestas condições, a oposição classe operária/burguesia é fundamental e continua sendo no contexto de uma dada sociedade, que tem a sua própria lógica, que possui a regulação de seus processos. Bifo assinala a passividade operária na URSS. É verdade, e isto não produziu um movimento revolucionário, mas uma sociedade burocrática repressiva e reacionária, o que significa que não houve nenhum grande levante contra a repres-

são e o gulag. Dito isso, cabe sublinhar que a luta operária na Inglaterra, na França, na Itália, na Alemanha, alcançam um equilíbrio, uma regulação, mas não impedem em nada que essas sociedades sejam reacionárias. E o contrário também: existe um conformismo simétrico, idêntico – e, talvez, até mais pronunciado – por parte das aristocracias operárias em relação à burguesia.

Por isso digo que hoje estamos diante de uma sociedade de classe e de uma oposição de classe que estão completamente concentradas em um certo tipo de mercadoria e de valor, que formam um *continuum* com a burguesia capitalista comercial dominante e a burguesia do Estado, um *continuum* no qual se encontram todas as burocracias do movimento político operário sindical e os trabalhadores sociais da própria classe operária. Existe um *continuum*, na realidade, e não mais um *front* de classe, é uma polaridade muito importante que é fundamental para a própria evolução do capitalismo. Está bem claro que o atraso do capitalismo espanhol depende, em grande parte, do fato de que há um atraso na promoção da vanguarda burocrática do movimento operário. Um país capitalista avançado precisa de uma burocracia operária desenvolvida: caso contrário, existe um atraso no nível dos quadros, da formação e na promoção do mercado interno. É importante que haja uma classe operária que reivindica, que entra no ciclo da hierarquia interna, que consome mais automóveis, mais geladeiras e que também tenha mais formação profissional, pois este é um fator de aceleração da circulação do capital no interior do país e, ao mesmo tempo, da sua competitividade na escala internacional. É muito importante tanto ter petróleo quanto um par-

tido comunista e um sindicato comunista fortes – tudo isto é indispensável para uma economia capitalista desenvolvida.

Penso que Bifo responderá algo assim: de acordo, mas tudo isso que você fala não é a classe operária. Este é o problema principal. Se esta não é a classe operária, então não sei o que seria a classe operária. Porque, e te proponho uma distinção, eu falo para você da verdadeira classe operária, isto é, daquela que, de um modo ou de outro, se reconhece no movimento operário, aquela que tem a sua subjetividade no PC e no sindicato comunista, na proteção social e em todos estes organismos. Enquanto que Bifo não fala da classe operária, e sim de uma espécie de conjunto de todos os conjuntos das pessoas que trabalham.

Talvez Bifo queira me dizer que também fazem parte da classe operária as crianças, que seus trabalhos são explorados – pois é preciso considerar que as crianças trabalham, dado que elas participam da formação coletiva da força de trabalho: as crianças que brincam, que fazem testes, que assistem televisão, que vão à escola, são instrumentos fundamentais do processo de produção, como as pessoas que transportam terra e fabricam um edifício. Não se pode conceber uma classe operária se não se colocam as crianças para trabalhar, para se formarem dentro do processo semiótico da sociedade moderna. Talvez, além das crianças, você também incluiria as mulheres na classe operária. Não se pode conceber, com efeito, uma sociedade que não reproduza os trabalhadores no nível da sexualidade, da formação e da criação de um ambiente familiar. Não existe sociedade sem que os trabalhadores estejam reunidos em células consumidoras, sendo sempre fundamental, como diz a economia política, a reprodução e a continuidade de cada célula

consumidora e a unidade das economias familiares. Assim, podemos dizer que a mulher trabalha. Se você diz que a classe operária são as crianças, os adolescentes, as mulheres, então tudo bem que a classe operária seja assim definida, mas é preciso lembrar que não estamos falando da mesma classe operária da qual fala o marxismo há uns cem anos.

Bifo: Na primeira parte de *O Capital*, Marx faz a distinção entre *work* e *labour*[22], trabalho e atividade. Penso que seja uma distinção importante. No capítulo de *O anti-Édipo* dedicado à antiprodução, existe uma ambiguidade, não tanto conceitual e mais linguística, quando se fala de trabalho e se coloca a questão das máquinas desejantes em relação ao problema do trabalho. Talvez não seja possível na língua italiana, como na francesa, fazer a distinção entre atividade e trabalho – o que é possível na língua inglesa. Eu gostaria de sublinhar essa distinção.

Guattari: Não, pois o capitalismo não faz essa distinção, não há uma atividade sequer que não seja sobrecodificada pelo capitalismo: assistir televisão, mijar, foder... não são atividades, tudo está completamente codificado na grade do capitalismo, tudo é trabalho.

Bifo: Considero que esta distinção seja importante. Trabalho é produção de mais-valor. E existem as ativida-

[22] De forma breve, seguindo Marx, podemos definir *work* [*Arbeitskraft*] como a capacidade física do trabalho, isto é, o trabalho concretamente realizado pelo corpo humano, enquanto *labour* [*Arbeit*] seria a força de trabalho, ou seja, o trabalho enquanto processo de criação valor de uso. Quanto a isso, cf. o capítulo 6 de *O Capital. Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006; e também, MARX. 2012. *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, preço e lucro*. São Paulo: Expressão Popular (N.d.E.).

des: cagar, assistir televisão, fazer amor, falar... É verdade o que você diz. A determinação fundamental, a relação de produção capitalista, a produção de mais-valor, em suma, o trabalho, determinou a forma mesma da atividade. Toda atividade, incluindo o trabalho de descascar batata, tem por finalidade a reprodução da força de trabalho. É verdade, então, o que você havia dito: o trabalho da dona de casa é produtivo pois reproduz a força de trabalho. É verdade que o trabalho das crianças de aprendizagem da linguagem é produtivo, uma vez que é indispensável para inseri-las nos códigos da comunicação, que é um código produtivo. Afinal, sem simbolizações não poderiam ser utilizadas na produção. Certamente é neste ponto que o problema se coloca. Você falou da classe operária de um modo unilateral, molar, indistinto. É um equívoco dizer que um operário que vota no partido comunista é reformista. O mesmo operário que vota no PC e recusa o panfleto revolucionário, talvez seja homossexual e pode ser internado por não falar a linguagem normal. É verdade, eu aprendi isso muito mais com *O anti-Édipo* do que com Tronti. É preciso fragmentar a figura humana, porque não existe uma "figura humana", o operário não é um homem, não é possível falar do operário e nem de qualquer outra figura social como homens. Neste tipo de contradição, não se pode falar da política como um nível geral, pois a política é um nível entre vários outros igualmente determinados, como, por exemplo, a sexualidade. Por que a sexualidade deve ser considerada superestrutural se, evidentemente, ela é mais estrutural que ir votar? Em todos os níveis fragmentados da existência cotidiana, há um nível determinante que é aquele da entrega da vida ao trabalho produtivo, da cristalização, da capitalização da vida, da

transformação de todos os níveis fragmentados da vida, de sua redução à força de trabalho, de sua transformação em força de trabalho, isto é, tornar a vida um meio de produção e, enfim, capital. É aqui que se põe o problema: reconstruir uma visão geral dos problemas e definir tudo em relação a esta funcionalização de toda vida à morte, de toda existência ao capitalismo e ao socialismo que hipostasia tudo isto...

Guattari: ...o socialismo como forma suprema do capitalismo...

Bifo: Então, por isso digo que a recusa do trabalho é a forma geral da subjetividade, para reutilizar esta palavra...

Guattari: ...subjetividade da classe operária. Se você falar de subjetividade revolucionária, eu posso te entender, mas quando você fala de subjetividade da classe operária, tal como nós a conhecemos há cem anos, aí não...

Bifo: ...no momento em que a glossolalia artaudiana se põe como desejo de fazer falar o corpo na linguagem, então há uma tensão real, é um processo de transformação real que Artaud começou. Mas no momento em que não conseguiu realizar este objetivo... talvez esteja sendo um pouco esquemático, mas digo em linhas gerais: o problema é que na experiência das vanguardas artísticas, e Artaud é o nível mais desesperado delas, não foi possível colocar a complexidade do problema da recusa do trabalho. É a razão pela qual Maiakovski se suicidou e pela qual Artaud morreu de câncer em um ano.

Guattari: ...não estou de acordo com você, continuo a não entender esta negatividade que você atribui à classe operária. Se você me disser que fala de uma classe operária di-

ferente daquela que conhecemos há cem anos, então estarei de acordo contigo, mas você não responde a esta pergunta...

Bifo: ...sei que você aceitou a definição tradicional da classe operária, determinada econômica e sociologicamente...

Guattari: ...me parece que você inventou uma classe operária ao seu gosto, porque se gente como Artaud, Lautréamont, o presidente Schreber, fazem parte da classe operária, eu estou totalmente de acordo contigo. Mas isto não é verdade...

Bifo: A força de trabalho é a força de trabalho, mas a classe operária não é a força de trabalho. A classe operária não é o conjunto das pessoas que vão trabalhar bem cedo na fábrica. A classe operária é toda força de recusa da prestação de serviço, é a capacidade de transversalizar.

Guattari: A subjetividade da classe operária são as pessoas que dizem "classe operária" referindo-se a si mesmas (seja com razão ou de modo injusto, porque são burocratas), ela é o conjunto da atribuição do termo "classe operária". Não é nada mais misterioso que isso. A classe operária é o conjunto das pessoas que reivindicam a classe operária e que, por isso, tem uma certa sintaxe, uma certa semântica, uma certa estratégia, uma certa concepção de como se articula esta expressão "classe operária".

Bifo: Podemos ir além da palavra para colocar uma questão efetiva – e não subjetiva – que é aquela do sujeito que transversaliza o nível da transformação. Consideremos o discurso sobre as máquinas desejantes e sobre o corpo sem órgãos. Bom, este discurso que colocou todas as questões – da existência de muitos níveis de multiplicidade, da recusa do conceito de homem, de humanidade –, este quadro geral

de todos os níveis, precisa ser transversalizado por uma subjetividade que não é uma subjetividade humana.

Guattari: Mas não é uma subjetividade operária, é uma subjetividade maquínica que faz com que se exploda ao mesmo tempo os conceitos de classe operária, de burguesia, de homem, de mulher, de homossexual, de criança. É uma subjetividade transversal que reencontra os homens, as mulheres, as redundâncias significacionais, as lutas de classe, mas os agencia de um modo diferente. Certamente não os re-agencia dizendo que o sujeito da história é, sempre, a classe operária.

Bifo: Digamos, então, que o problema é a possibilidade de liberar todas as formas de atividade que você elencou, de liberar a atividade da prestação de serviço. Quem é o sujeito que tem a capacidade de transversalizar esta...

Guattari: Se você diz que é o sujeito, eu não respondo. Não sei se existe um. Eu digo: não é um sujeito, é um agente, mais precisamente, é um agenciamento coletivo de enunciação. Oponho agenciamento a sujeito e coletivo a sujeito individuado. Lá onde dizem que existem sujeitos individuados que são os porta-vozes, delegados representativos, que separam a representação da produção, eu diria que existe um agenciamento a-subjetivo e a-significante que, ao mesmo tempo, é produtivo, representativo, útil, desejante, mercantil, sem que em algum momento seja possível fazer uma separação, introduzir uma fratura entre uma pessoa, um objetivo, uma finalidade, um sistema de troca e ainda outra coisa. Talvez possa parecer uma questão de palavra, mas quando você fala de um sujeito da história, devo dizer que não vejo como esta ideia possa se manter sem culminar em um programa,

um partido, um líder, um centralismo decisional, em algo que, a partir de uma dada semiótica, novamente é decidido de modo centralizado. Isto me parece inevitável. Assim, é preciso dessubjetivar a história, admitir que a história não está centrada sobre o homem, que existem agenciamentos maquínicos, dos homens, dos organismos, das funções, e que há, além disso, um policentrismo decisional. Neste caso, existe uma concepção totalmente diferente da subjetividade, e não se pode mais atribuir uma subjetividade à burguesia, ao proletariado ou ao partido da classe operária.

Bifo: Mas por que entregar o conceito de sujeito ao idealismo?

Guattari: Porque a ideia de sujeito está organicamente ligada à filosofia idealista! A ideia do sujeito como padrão de si e do universo, isto é, a ideia de uma pequena máquina semiótica que controla as percepções, a vontade, as relações, a palavra, é algo que representa uma visão idealista da decisionalidade e da liberdade, uma vez que implica uma ruptura, um corte, entre o âmbito no qual se semiotiza e se tem consciência de si e o âmbito da prática, da sociedade, da comunicação. Por outro lado, é verdade que existe consciência e sujeito, mas não é a consciência, não é o sujeito, que são os donos dos processos, não há paralelismo e nem pequenas cordas entre um organismo-sujeito e uma prática. Penso que é um efeito, efeitos subjetivos que são, de todo modo, efeitos de epifenômenos, efeitos de poder, de redundância significativa. Estes possuem uma grande importância na história, uma importância de reterritorialização, mas não são mais o motor da história. Assim como não é mais a ideologia o motor da história, e nem as redundâncias significacionais. O motor da história é muito mais um funcio-

namento que associa a enunciação semiótica, a produção de um campo material, a produção de um campo maquínico, que agrega e integra elementos que antes eram postos no registro do sujeito e elementos que antes eram postos no registro do objeto. Isto que defino como agenciamento é algo que não é nem sujeito e nem objeto, mas que é, simultaneamente – seria preciso um termo para dar conta desse atravessamento –, uma máquina na ordem semiótica e na ordem das enunciações semióticas, tanto quanto na ordem da montagem dos fluxos materiais, dos fluxos sociais, dos econômicos e assim por diante. Nos agenciamentos existem palavras, olhos, boca, dinheiro, eletricidade, corpos, automóveis e outras coisas. É disso que se trata.

Bertetto: Entre os agenciamentos evidentemente estão incluídos os agenciamentos revolucionários. O que os caracteriza? Como se formam? Como pode um agenciamento ser ou se tornar revolucionário?

Guattari: Os agenciamentos revolucionários são, para mim, agenciamentos que não se reterritorializam – e, aqui, não posso evitar utilizar uma outra noção, aquela de desterritorialização. Para mim, o movimento da história – mas não apenas o da história, também o movimento do tempo – não é uma pura categoria de tempo, exterior, uma pura coordenada externa ao processo dos agenciamentos. O tempo e o espaço participam de uma desterritorialização. Esta desterritorialização, esta mudança interna dos agenciamentos, é algo que se projeta nas coordenadas do tempo e do espaço. Mas estas dependem, precisamente, dos agenciamentos de enunciação. Assim, de um lado, há uma perspectiva relativista das coordenadas do tempo e do espaço mas, por outro lado, não existe relativismo, porque existe

uma desterritorialização real das coisas. O modo em que se vive a história, o tempo, inclusive o tempo imediato, é uma desterritorialização. A própria história dos processos econômicos e tecnológicos do capitalismo está ligada a uma desterritorialização histórica. E isto significa que a história não se repete. Inclusive quando há retornos, aparentes repetições, estes retornos, de fato, mascaram e logo deixam aparecer aquilo que defino como phylum maquínico, uma continuidade no nível das máquinas – sobretudo das máquinas tecnológicas e econômicas – que subsistem elas mesmas a uma transformação irreversível, que é uma transformação de desterritorialização.

Dou um exemplo. No fim do Baixo Império, em todo o período preparatório do feudalismo, quase todas as conquistas e modos de socialidade do Império Romano foram desfeitos. A urbanização e as relações de troca foram liquidadas. A sociedade se reorganizava em um nível extremamente atrasado em relação às formas evoluídas do Império Romano. Mas, nesse contexto, nem tudo foi destruído. Permanecia uma máquina de escrita, uma tecnologia agrária, uma memorização de todas as artes técnicas importantes, sobretudo científicas, mas também literárias, que se concentraram em alguns monastérios – como um computador que sobreviveu a uma bomba atômica que destruiu toda a população, sobrando apenas os elementos mais desterritorializados, isto é, os núcleos de codificação. Isto permitiu que, diante de uma renovação demográfica, econômica e social, este concentrado maquínico de escrita, de tecnologia e de outras coisas novamente fecundasse e transformasse completamente a evolução social. De onde todos os fenômenos do Renascimento. Em toda a história se encontram proces-

sos desse tipo. Impérios inteiros foram destruídos, mas algo sempre permanece: a tecnologia do bronze, a tecnologia do ferro, a tecnologia da roda e assim vai. E quando um novo império se formava, não era do zero, mas a partir da base da continuidade dos elementos mais desterritorializados: trata-se, precisamente, do que defino como *phylum* maquínico da escrita, da máquina de guerra, da ciência, das religiões, que podem operar como intensas máquinas de subjetivação. Isso permite que se transmita uma máquina de guerra, uma escrita, uma religião e que se retome algo, no nível mais desterritorializado, depois de mil anos.

Retornemos, então, ao problema que você havia me colocado para tratá-lo diretamente. Existem duas atitudes diante da desterritorialização: uma é orgânica ao capitalismo e ao socialismo burocrático e é uma atitude profundamente conservadora. Se aceita a desterritorialização porque não se pode fazer de outro jeito, mas combatendo-a, tentando capturá-la no curso de seu desenvolvimento. Por exemplo, toda a sociedade burguesa evitou desenvolver a máquina a vapor. A sociedade bancária que surgiu no Renascimento em Florença, Gênova, Pisa, possuíam certa extensão, mas em Londres e na Liga Hanseática[23] se elaboraram os regulamentos para que, entre outras coisas, existisse o mínimo possível de repercussões sociais e internacionais do desenvolvimento deste protocapitalismo. Tudo aquilo que é desterritorializado é visto como algo externo que se tenta neutralizar.

[23] A Liga Hanseática foi uma federação de cidades mercantis germânicas, ou de influência germânica, que estabeleceu um monopólio mercantil nos mares do Norte e Báltico entre os séculos XII e XVII, tendo Lubeque (atual Alemanha), como centro, e reunindo cerca de 100 cidades, incluindo Londres, Hamburgo, Bruges, Novgorod, Amsterdam, Estocolmo e Talin (N.d.E.).

Existem sociedades na África que possuíam a tecnologia do ferro, mas não a difundiram, pois existem corporações de ferreiros nas sociedades tradicionais que arrogam o direito exclusivo de manipular o ferro, e isto limita o caráter maquínico desterritorializado da produção. No Império Chinês se abriam minas, de carvão ou de ferro, apenas na medida em que era preciso satisfazer as próprias necessidades, depois, as fechavam. Portanto, não havia um processo que desterritorializasse e aumentasse a produção sem descanso – tanto a produção científica quanto a de matérias-primas e bens manufaturados. Um outro exemplo: quando ocorria uma descoberta científica e a Igreja dizia: "não queremos saber de nada". Pensemos, neste caso, nas descobertas matemáticas do Renascimento. Assim, a característica de um agenciamento revolucionário não é aquela que consiste sempre em reterritorializar os processos mas, ao contrário, aquela que consiste em desterritorializar o *phylum* maquínico no nível científico, econômico, artístico, é aquela que vai no sentido da desterritorialização. É no próprio movimento da desterritorialização que se encontram novos agenciamentos, sem querer entrar em redundância com os velhos modos de viver o corpo, de viver a sociedade, de viver a família, a comunidade, a produção, as trocas. O agenciamento revolucionário, então, é aquele que se coloca no fluxo da desterritorialização, e não tem como objetivo recompô-la, permanecendo sempre dois passos atrás em relação ao processo em ato. Fiz um discurso extremamente abstrato, peço desculpas, mas não podia simplificá-lo.

Bertetto: A partir desta intervenção, farei duas perguntas. Em primeiro lugar: em que medida, nas suas posições, haveria um componente ou, talvez, uma verdadeira matriz

evolucionista? Em segundo lugar: o que torna atual, hoje, na sociedade capitalista avançada, a perspectiva revolucionária da liberação do desejo? Quais são os agenciamentos maquínicos e os processos de desterritorialização que produzem a possibilidade de realização deste projeto? Dito de outra forma, qual é a diferença entre a estrutura da desterritorialização de hoje e aquelas do passado?

Guattari: Sobre o evolucionismo. De fato, não me causa incômodo esta abordagem porque, penso, em um certo sentido, existe um evolucionismo não direto, orientado. A desterritorialização não é um programa, é algo que vai na direção de uma molecularização de todos os processos, de uma construção-rizoma sempre aberta. Se a evolução consiste em dizer que algo ocorre no nível maquínico e semiótico, se cruzando e retomando todas as ramificações primitivas de si mesma, então estou de acordo. Hoje, vivemos trabalhando com uma semiotização coletiva em conjunto com o nosso ambiente composto de vírus, de bactéria, de toda biosfera e não se pode imaginar a sobrevivência da humanidade sem o trabalho dos biólogos e dos físicos. Se a evolução significa que o mais semiotizado, o mais desterritorializado no nível científico se liga, se conecta, com o mais infraestrutural, então estamos de acordo. O que me incomoda no pensamento evolucionista é a ideia de um pensamento que procede por estágios, por estágios necessários, com a reduplicação da infraestrutura nas relações de uns com os outros: isso não compartilho de modo algum. Penso que falar de evolucionismo possui mais inconvenientes que contribuições, mas, por princípio, não o recuso. No que diz respeito aos diferentes elementos da desterritorialização atual, pois bem, um assujeitamento dos órgãos, das funções dos corpos, dos

elementos interindividuais, certamente não são elementos evolucionistas. Porém, cada vez mais eles colocam em jogo intercâmbios maquínicos e semióticos e é por isso que esta mutação implica que todas as velhas relações de produção fundadas sobre o assujeitamento direto da pessoa e sobre a exploração dos corpos tendem a ser abaladas. No limite, se chega – como ocorre, por exemplo, na Itália com o governo da Democracia Cristã apoiado pelo PCI – a inventar trabalho para ocupar as pessoas, para fazer com que elas retornem a uma forma de trabalho "humano", controlável pelo poder. Pode-se facilmente imaginar que uma minoria extremamente minoritária da população consiga fazer funcionar grandes máquinas produtivas. Pode-se imaginar uma redução do tempo de trabalho e apenas um punhado de homens ainda permanecendo ligados às grandes máquinas produtivas. Torna-se intolerável, então, reivindicar o direito ao trabalho quando este, cada vez mais, se torna alienante e desgostoso. E o que fariam os jovens? "Eles se entediariam". Mas é, evidentemente, todo um modelo de sociedade, todo um modelo de relação com a vida, de relação com a atividade que está em questão.

Então, o problema é este: o que se pode fazer? Devemos, talvez, fazer campos de concentração para três quartos da população, deve-se fazer ergoterapia ou ir pescar enquanto um punhado de pessoas controla os sistemas maquínicos e semióticos? Talvez seja possível imaginar algo diferente: talvez se possa imaginar uma outra relação entre a máquina produtiva, a máquina semiótica, científica, artística e a massa de pessoas. Aqui está, penso, a contradição fundamental: por sorte – ou por azar, não sei – não são as contradições de classe que constituem o motor da sociedade, ainda que as

contradições de classe existam, mas são, sobretudo, o motor da conservação de um certo tipo de sociedade ou de evolução parcial desta sociedade. A contradição fundamental não é mais aquela entre as relações de produção, mas sim entre as forças produtivas e o próprio campo social, e o modo como as relações de produção se estruturam, no sentido amplo – não apenas as relações de produção capitalistas mas todas as relações de produção: as relações de reprodução, as relações de vida, as relações de atividades, o modo pelo qual todas as relações sociais são estruturadas. Hoje, com o desenvolvimento do *mass media*, os países mais explorados, aqueles onde se morre de fome, como em Bangladesh, na África ou em certos países da América Latina, estão diretamente vinculados aos problemas das mais avançadas inteligências e desenvolvidas da situação. Se determina, assim, uma espécie de potencial de abandono entre a miséria, o desespero no qual as pessoas estão imersas e a consciência que se possui, através da televisão, dos jornais e livros difundidos por toda parte, da insuportabilidade da situação. Isto reflete uma espécie de desenvolvimento desigual dos povos africanos que hoje chegam à independência sem passar pela etapa da pequena burguesia, da burguesia mercantil, etc., e imediatamente são lançados em contradições "planetárias". É um novo proletariado mundial que aparece e que busca novas soluções, não se trata de uma nova classe operária. É um novo proletariado mundial que se forma e se desenvolve conjuntamente com as mulheres, as crianças e assim por diante. E se se quiser definir o proletariado como sendo estas massas do terceiro e do quarto mundo, então se poderá dizer que existe uma luta de proletários que, às vezes, é antagonista da tradicional luta de classes da sociedade industrial.

Bifo: Retomarei alguns elementos da sua última fala e responder à pergunta que Bertetto colocou, isto é, por que, hoje, um processo de desterritorialização está ligado ao problema da liberação do desejo, por que, hoje, o problema da urgência desejante é imediatamente um discurso sobre a possibilidade da liberação. O problema é que, atualmente, o trabalho está cada vez mais reduzido ao trabalho abstrato – como diz Marx. Eu preferiria, em vez disso, dizer que se trata de uma redução ao trabalho da inteligência tecnocientífica. E a liberação, portanto, ocorrerá por meio desta mesma inteligência, dado o nível atual de acumulação da inteligência tecnocientífica como instrumento de liberação do trabalho.

Bertetto: Você falou da possibilidade de uma produção que não seja antagonista da produção desejante e em todos os seus trabalhos existe um discurso sobre a máquina produtiva e sobre as máquinas desejantes. Você poderia retomar estes temas à luz do discurso da recusa do trabalho, da recusa da produção de valor e da transformação da vida em valor?

Guattari: Posso dar uma indicação. A ruptura do antagonismo entre valor de uso, valor de troca e valor de desejo é, evidentemente, correlata do enfraquecimento atual do Estado, da luta de classe, de uma certa concepção da política, da gestão do político e do público como realidade separada do privado – na perspectiva de uma superação da oposição entre público e privado, entre a legitimidade do direito racional e motivações do desejo. Assim, o problema é a refundação das normas de regulação das atividades que, hoje, não dependem mais de um código transcendente – seja o código do direito, a lei, seja o sistema econômico regido pela lei do valor e de extração de mais-valor, ou sejam ainda os vários códigos domésticos, morais e repressivos interiorizados

através do superego. Interroguemos, assim, o que poderia levar a uma transformação destes diferentes sistemas de codificação que estão codificados sobre a base de uma lógica própria, segundo a estratificação da codificação no nível da lei – seja ela pública ou moral –, no nível dos diferentes sistemas de assujeitamento semiótico que determinam se um indivíduo pode consumir mais ou menos, se pode fazer mais coisas que outros. Trata-se de uma estratificação que se produz no decorrer da história e no substrato, no resíduo, no que resta da luta de classe.

Me parece que o único modo de imaginar esta modificação consiste em não considerá-la um resultado da luta de classe. A luta de classe regulou as relações de segregação, humanizou e reordenou-as tecnicamente, capitalisticamente, manteve-as por todo o tempo em que parecia necessário garantir a coesão de uma certa ordem social, de um certo modo de produção. Assim, na medida em que certas classes, como a aristocracia e a burguesia, foram eliminadas da gestão política na Rússia, a burocracia as substituiu e cumpriu um papel talvez mais grave de assujeitamento e repressão no controle da força de trabalho. Vemos, então, que a segregação social e a formação da categoria, dos quadros dirigentes, da casta tecnocrática, não foi completamente superada pela luta de classes, mas, ao contrário, o próprio movimento operário reproduziu dentro de si as mesmas diferenciações, na forma do Estado maior político, com a separação do partido de vanguarda que, em vez de atenuar as segregações sociais ligadas à sociedade burguesa, de um certo modo, as atenuou. E isto faz com que o caráter de ditadura burocrática e de segregação social nos países ditos socialistas seja ainda mais marcado que no próprio capitalismo. Assim, não se pode

esperar da luta de classe uma transformação dessas, mas sim da evolução das próprias forças produtivas. Isto significa, para mim, que dizer que "a luta de classe se desgastou, as próprias classes se deterioram", não é sinônimo de renúncia à revolução. Ao contrário, constata-se que um certo tipo de revolução não é mais possível e, ao mesmo tempo, se afirma que outro tipo de revolução se torna possível, não a partir de um certo tipo de luta de classe, mas através da emergência de uma revolução molecular, que coloca em jogo as classes sociais, os indivíduos, uma revolução maquínica e uma revolução semiótica.

E neste nível retornamos ao problema que você colocava. Hoje, não existe uma produção de desejo, não há uma produção de valores de uso e, com maior razão, de valores de mercado, que não esteja ligada às transformações maquínicas das forças produtivas. Inclusive as coisas mais simples, como perceber, jogar, ter o controle de funções, como aquela do esfíncter, comer, para uma criança, estão totalmente conectadas ao processo maquínico dominante. Os exemplos são inúmeros, pois hoje existe uma interação evidente entre a formação de semióticas perceptivas na criança e a televisão. Há uma interação constante entre a nutrição da criança e a indústria alimentar, química, farmacêutica. Veja, então, que não se pode mais distinguir uma esfera autônoma dos valores de desejo. O próprio desejo está inserido no processo: se deseja uma mulher, um homem, nunca como modelo natural, mas sempre em interação com modelos culturais que são veiculados pela imprensa, pelos discos, pela televisão... Não existe um objeto natural do desejo. Uma crítica que gostaria de fazer à teoria dos objetos parciais de Lacan é, justamente, que em nenhum momento se poderá encon-

trar um objeto parcial autônomo enquanto tal, que seja uma essência significante enquanto tal, universal. Os objetos do desejo são completamente diferentes, marcados, indexados naquilo que ocorre no campo social, neste ou naquele meio. Não se encontra mais uma fixação no seio materno ou em uma atividade anal. Não existe seio materno: existe algo que faz parte do seio materno, mas também de toda a cadeia maquínica, informática e da *mass media*. Os valores de desejo fazem parte da grande máquina do sistema de produção: toda a questão é que, ao mesmo tempo, também fazem parte de um certo tipo de relação de produção, de exploração e de cristalizações típicas da sociedade segregativa, seja a capitalista ou a socialista burocrática. Para os valores de uso é ainda mais fácil: é evidente que, hoje, não existem mais valores de uso que não sejam manufaturados pelo conjunto dos sistemas maquínicos da sociedade – quando digo maquínicos, obviamente considero tanto o horizonte da produção material quanto da produção semiótica. Porém, sem dúvida, uma das maiores novidades de hoje é o crescimento generalizado de uma nova consciência sobre este problema – o fato que, talvez, mais de 10 por cento do eleitorado na França tomou consciência dos temas ecológicos – com uma concepção ainda muito confusa, mas que já implica uma ruptura muito nítida com as determinações precedentes do político. No político que apontava para um certo tipo de sociedade, para um certo tipo de regulação da produção especificamente ligada ao valor de troca, acontece a irrupção de um novo tipo de político em ruptura com esta velha concepção centrada no problema de uma gestão, de um controle coletivo dos valores de uso. Hoje nos damos conta que todos

os valores de uso, do ar à água, ao meio ambiente, à luz do sol, refletem a integração maquínica.

Atualmente, não se pode conceber uma produção, relações de produção, uma atividade – atividade do desejo e atividade relativa ao valor de uso – que não estejam integradas entre si, não se pode conceber uma sociedade que esteja apenas fundada sobre relações de produção e de troca capitalistas, sobre relações de valor de mercado. A produção deve integrar não apenas os valores de uso – esta é a reivindicação dos ecologistas e das pessoas que dizem ser necessário orientar a produção a partir de outro estilo de consumo, de vida, de relações – mas também deve integrar valores de desejo. E é por isso que acredito que a nossa perspectiva de revolução molecular vai mais longe que aquela dos ecologistas, no sentido de que não é suficiente considerar que a poluição seja um resultado da sociedade industrial apenas no nível do meio ambiente: é preciso também considerá-la no nível subjetivo e reconhecer que nada escapa à poluição existente no espírito, não existe nenhum refúgio, nem na meditação transcendental e nem na cozinha macrobiótica. Tudo está poluído, não apenas no nível do corpo, mas também da semiotização. É aqui que se põe o problema de uma espécie de revolução permanente, de revolução molecular, que se articula com todas as outras revoluções – social, ecológica, econômica –, e que seja em alguma medida um questionamento, uma gestão quase artificial do desejo. O que se dizia a propósito dos valores de uso, hoje é preciso repetir sobre os valores de desejo: não existe mulher, não existe criança, não existem relações naturais – tudo faz parte deste sistema semiótico maquínico.

Portanto, é necessário tomar partido: a revolução molecular consiste em dizer: "Bom, nós construiremos um modelo de homem, de mulher, de relações, de um modo completamente artificial". Deste modo, trazendo um exemplo do passado, os trovadores, no século XII, construíram um modelo de mulher através do amor cortês, e todos os modelos de amor sempre foram construídos culturalmente, apenas não se dava conta e se atribuía às referências naturais. Estes modelos naturais não existem mais, se é que existiram. E se trata, hoje, de construir uma sociedade na qual não apenas se fará ferrovias, aviões, alimentos e um ambiente agradável, mas também se construirá uma subjetividade, objetos de desejo, objetos sexuais, objetos estéticos e de todo tipo de natureza.

Bifo: Estou de acordo sobre o caráter de historicidade – de artificialidade, como você diz –, de culturalidade de toda forma de relações inter-humanas. Mas gostaria de fazer um outro discurso: é verdade que o processo revolucionário é dado pelo desenvolvimento das forças produtivas e não pela luta de classe, e é verdade que a enorme acumulação e capitalização da inteligência constituem uma máquina social geral, isto é, uma acumulação maquínica da inteligência que, potencialmente, vai substituir o trabalho humano. Mas neste discurso sobre o desenvolvimento da força produtiva não se compreende qual é o motor...

Guattari: ...é um problema metafísico...

Bifo: ...não é um problema metafísico. A forma de produção capitalista não é uma forma de produção que contém na organização maquínica a razão do próprio desenvolvimento. Esta razão está na contradição entre as classes, isto é, na vontade da classe operária e dos trabalhadores em geral

de trabalhar menos, e na insubordinação permanente que existe na relação produtiva. Este tipo de insubordinação determina um processo de resposta da parte capitalista que se configura como substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. E, então, o aumento da composição orgânica é a resposta política determinada do capitalismo à pressão da insubordinação operária.

Guattari: Você sempre volta na ideia de que são os trabalhadores que fazem o trabalho. A posição dialética dos trabalhadores no que diz respeito à exploração repercute sobre a relação produtiva. Mas você não para de humanizar, de reconduzir a produção ao nível humano, enquanto sustentei, e procurei demonstrar, que a produção não é mais humana, nem humanista, mas maquínica, e que o trabalhador, aquele que intervém com o trabalho humano, com a semiotização humana – porque é disto que se trata –, está enganchado, conectado a um processo maquínico. E o processo maquínico – evolutivo, se você quiser – que desterritorializa, possui seu próprio movimento e atravessa os indivíduos, as pessoas, as classes sociais. Cada vez que se tenta reconduzir o trabalho para um campo humano, como Friedmann fez, centrando a produção maquínica sobre o trabalho humano, também se centra o processo maquínico em um certo tipo de semiotização humana, isto é, de semiotização consciencial, individual e significante. E isto significa reintroduzir uma fratura entre a semiotização que programa, dispõe e planifica os signos e os processos materiais de produção, que é a concepção mais clássica da produção. Simultaneamente, você refundaria a legitimidade de uma subjetividade separada dos processos materiais e, passo-a-passo, readmitiria o Estado, a separação da classe operária, o partido... Daí surge uma certa res-

ponsabilidade subjetiva dos processos e a necessidade que os indivíduos, os órgãos, os partidos, estejam conscientes do seu curso, donos de sua marcha: a necessidade que dirijam o curso da história e da produção. Para mim, a história não está de maneira alguma ligada a este modo de subjetivação, mas sim a uma produção que integra os componentes de semiotização com os componentes produtivos, com os fluxos naturais, materiais, cósmicos... Assim, recuso sua ideia de que uma contradição intrínseca à força de trabalho – que defino como capacidade semiótica coletiva – esteja no comando dos processos históricos e dos processos produtivos.

Não nego que a recusa do trabalho seja um fator importante, mas digo que existem outros, por exemplo, a urbanização industrial, o crescimento demográfico, a extensão do mercado de matéria-prima, a transformação dos sistemas de comunicação... De modo algum se pode acreditar que o vetor da recusa do trabalho e uma certa luta operária sejam o fator unívoco e determinante da transformação dos agenciamentos sociais. Existem outros e é preciso aceitar o descentramento dos fatores de subjetivação e falar de agenciamentos subjetivos e maquínicos no lugar de falar em subjetividade. A recusa do trabalho é um componente, mas não é, certamente, o agenciamento dos agenciamentos. É um componente essencial dos agenciamentos maquínicos, mas não é algo que controla os agenciamentos. Outro problema: nos processos evolutivos – visto que se falava em evolução – existem mutações da mais alta inteligência, mas que não correspondem à capitalização da inteligência de que fala Bifo. Entre outras coisas, o termo capitalização da inteligência pode ser posto em discussão, porque é evidente que a capitalização semiótica que ocorre nos sistemas científicos

de codificações dos computadores não possuem nada a ver com uma capitalização da inteligência: é um abuso de linguagem. Penso que se trata, em vez disso, de uma capitalização maquínica da qual a inteligência humana é apenas um momento, um pequeno sistema de concatenação que de nenhum modo centraliza o processo maquínico. Penso que se deva realizar uma revolução maquínica antes de uma outra, semiótica, controlada pelos indivíduos, tendo em vista a inteligência, a capacidade de padronizar os processos e as proposições lógicas destes últimos. Hoje, nenhum grupo humano será o dono da revolução, da finalidade da revolução. Nenhum grupo humano é o dono da evolução da música ou de qualquer setor da pesquisa científica. Agora imaginemos se seria possível que um grupo humano seja dono da revolução! Os cientistas já compreenderam: nenhum grupo humano, hoje, é dono da evolução dos agenciamentos maquínicos, seja lá qual for a importância. Nós estamos, assim, enganchados em um processo revolucionário: o que é, profunda e radicalmente, otimista, se comparado a todos os marxismos pessimistas com os quais lidamos. Eu sou totalmente eufórico no que diz respeito ao processo revolucionário porque, no limite, se não houver revolucionários, se não houver um movimento revolucionário, de qualquer forma haverá a revolução. Uma razão a mais para fazê-la! Em relação às utopias revolucionárias, este é o otimismo mais radical que se pode imaginar!

Bertetto: Mas no interior da estrutura do processo de transformação revolucionária que você delineou, qual é a função dos indivíduos, dos sujeitos sociais determinados?

Guattari: Estão conectados, enganchados. Nós somos tomados, por toda parte, pela revolução molecular e tam-

bém pela revolução maquínica. Estamos tomados pois somos convocados para a construção de um mundo, no nível cósmico, no nível relacional, no nível de uma gigantesca produção maquínica... Somos tomados por uma louca aventura de construção de algo que não existe. Hoje, os físicos são tomados pela construção de partículas que não existem na natureza. Eles inventam, porque não apenas se pode inventar objetos de arte ou objetos manufaturados, mas também partículas. Se pode inventar sentimentos, relações: a literatura inventa modos de percepção das coisas, a música, o cinema, nos impulsionam para uma condição de criação possível fantástica. Neste sentido, estamos muito mais no interior dos valores maquínicos da criação do que qualquer sistema teológico poderia imaginar! Os homens são verdadeiros criadores. E é esta a nossa revolução: não queremos mais suportar, o nosso desejo não quer mais suportar um mundo de estupidez, que sempre nos reconduz aos valores naturais, à hierarquia, aos papéis, aos sistemas sociais de trabalho, de alienação. É o nosso desejo que nos conduz ao centro da revolução. O nosso desejo! E aqui eu falo de loucura: não de loucura individual, mas de loucura coletiva. A experiência humana é uma loucura inaudita!

Bertetto: Um dos maiores problemas para a construção de uma sociedade livre é o tratamento dos desejos coletivos e, talvez, a sua regulação. Você acredita que seja possível construir um poder capaz de harmonizar os diferentes e frequentemente contrastantes desejos coletivos sem reprimi-los e sem excluí-los quando não forem funcionais para o sistema organizado?

Guattari: É evidente que no estado de agitação, de revolução molecular e que vivemos, e que deverá se transformar

em revolução, não é possível definir em termos precisos qual será a nova ordem. Não se pode ter uma ideia precisa de quais serão as novas formas de organização social. Muitos acontecimentos e elementos novos intervirão, e quem quiser planificar *a priori* uma nova ordem no campo econômico-social ou no campo semiótico, poderá somente fornecer indicações dogmáticas e repressivas. Uma nova sociedade se busca e se constrói. Uma nova ordem no nível doméstico, uma nova relação com o corpo, uma nova relação com a sensibilidade, com a percepção, com a organização social, um novo tipo de produção, uma nova relação com o ambiente, se busca; uma nova relação com os desejos, se organiza. Penso que nascerá um novo tipo de sociedade, uma sociedade profundamente diferente desta que vimos até agora. A sociedade que emergiu da revolução francesa não podia ser imaginada pelas pessoas do século XVIII, que apenas podiam ter uma pequena intuição. Acredito que este paralelo vale para hoje, mas multiplicado por cem ou por mil. É um absurdo quando se faz grandes projetos e grandes hipóteses sobre o que se sucederá. Em vez disso, é preciso construir, colocar em movimento as forças que levarão a uma mudança e, certamente, refletir sobre os problemas desta sociedade e sobre a possibilidade de uma sociedade futura, que se fundará a partir da destruição da sociedade precedente. Não sou partidário da pura espontaneidade, da anarquia, da desordem, da livre expressão das paixões nas suas formas mais violentas e brutais – que não correspondem de modo algum ao que considero que seja o inconsciente. Ao contrário, é um mito que sempre nos propõem quando dizem: "Se deixarem que as paixões se exprimam, estarão defendendo a pura violência". Como se o sentido da

paixão fosse a violência e a desordem. Absolutamente não! O sentido da paixão é muito mais a generosidade, a riqueza, a diferença, enquanto que o sentido da ordem capitalista é a brutalidade, o esquematismo, a identificação global e repressiva. A sociedade do desejo não será uma sociedade da desordem e da pura expressão brutal. Ao contrário. Observemos a nova sensibilidade das pessoas, a grande doçura, a nova doçura que não tem nada a ver com a brutalidade falocrática de outras épocas.

Bertetto: É possível, para você, construir um poder que não reprima os desejos coletivos, ou se trata, sobretudo, de pensar os processos de autorregulação coletiva dos desejos?

Guattari: Não estou tão seguro que o poder possa ser algo que sirva para regular os diferentes agenciamentos produtivos e sociais. Me lembra um pouco o argumento dos patrões: "Nós estamos no comando da empresa porque, de outro modo, ela não funcionaria". Farei uma distinção entre poder e potência. O que conta é que funcione. Mas o poder é frequentemente o pior agente da organização. Então, deixando o poder de lado, é possível e necessário que algo funcione, e é preciso se organizar para que funcione.

Não é necessário identificar poder e organização. A organização dos grupos humanos não implica delegar algo aos agentes, às castas, aos especialistas do poder. Ao contrário, implica, sem sombra de dúvida, que o trabalho seja diferenciado, dividido e que, em certas etapas, em certos momentos, se faça um trabalho para organizar as relações, a produção, a troca. No entanto, isto não implica a formação de uma classe, de uma casta de especialistas do poder. Para tentar ir um pouco mais a fundo no discurso – nos limites do possível de uma entrevista –, penso que existem dois ti-

pos de economias em relação ao desejo. Há uma economia que tende a individualizar o desejo, reprimi-lo, equilibrá-lo, constrangendo-o no interior do eu, aquilo que poderia ser definido como o orgulho do eu, a repressão do eu. Você deve se controlar para enfrentar os outros, você deve se debater com as suas pulsões no interior de si mesmo para apresentar externamente uma boa imagem: toda a educação hebraico-cristã conduziu a um certo tipo de ascetismo e à formação dos patrões e dos chefes. Um belíssimo conto de *O Muro*, de Sartre, "A infância de um chefe", explica muito bem como se forma um chefe. Pois há uma outra perspectiva que consiste em centrar a economia do desejo não no indivíduo, mas nos agenciamentos, nos grupos, coletividades, que não dependem de um quadro fixado de uma vez por todas. Assim, neste caso, se aborda a fraqueza, a potência, todos conjuntamente assumem a castração, e não para fazer uma função simbólica, mas para dizer: "Bom, em um certo momento tenho um fantasma de posse, depois o abandono, passo para um outro fantasma, vou fazer coisas que dizem respeito a todo o grupo, toda a coletividade, toda a sociedade". E, em outro momento, digo: "Estas são coisas que renuncio". Para dizer de outra forma, toda minha tendência a ir em direção ao outro, ao exterior, não está centrada em uma tensão que conduz a uma vocação de poder. É extremamente interessante na evolução da sensibilidade dos ambientes de extrema esquerda, dos revolucionários, em relação à homossexualidade, o fato que não se trata mais, apenas, do problema do poder em uma relação dualista homem-mulher, macho-fêmea, falo-castração, mas se procura demonstrar que em cada relação de desejo existe uma rápida alternância entre o polo negativo e o positivo, macho e fêmea, e que há uma

passagem de um papel a outro. Se chega, assim, a confessar a própria fraqueza e a baixeza daquilo que eu defini em outra ocasião como microfascismo. E na medida em que estas categorias são explodidas, se pode dinamizá-las. Isto significa que se pode falar destes argumentos sem culpabilização, sem dor, sem repressão, sem ascetismo. Naturalmente, faço um discurso muito esquemático, seria preciso fazer uma análise mais particular.

Bertetto: Você tem falado de esquizoanálise como de uma luta política em todas frentes da produção desejante. Qual é a função da esquizoanálise na luta revolucionária?

Guattari: A esquizoanálise não foi inventada por esquizoanalistas. Haverá um agenciamento esquizoanalítico lá onde houver uma revolução molecular. Penso que efetivamente exista um processo objetivo de revolução molecular e que a esquizoanálise não é algo que deva ser inventado – certamente não é necessário haver escola de esquizoanálise. A esquizoanálise está em curso quando as mulheres buscam mudar suas relações com o desejo e com o corpo, quando as mães buscam mudar suas relações com as crianças ou quando militantes buscam elaborar novos sistemas de intervenção que contestem a fratura entre o político e o pessoal. A esquizoanálise é um processo de análise do inconsciente e de todas as semiotizações postas em ato por um inconsciente criador e em construção, e não por um inconsciente ligado ao passado ou fixado em complexos universais estratificados. Tudo aquilo que é construído por este inconsciente, que o analisa, que o miniaturiza, que o trabalha, é esquizoanálise. Havia chamado isto de analisador, para dessubjetivar a função-análise. O termo analisador foi retomado por alguns psicossociólogos franceses de um modo que

não me agradava, então renunciei à expressão. Talvez devesse também renunciar ao termo esquizoanálise. Mas pouco importa, não me interesso pelas palavras enquanto tais.

O agenciamento esquizoanalítico é algo que busca romper com os modos individuados de subjetivação relativos ao inconsciente, quer se chame o psicanalista, o pedagogo, o militante, o artista, isto é, todas as figuras que buscam recentrar o processo no próprio modo individuado de subjetivação. Na esquizoanálise, a intervenção humana, a intervenção de uma função, é apenas um componente conectado a um outro no interior de um agenciamento maquínico. Se você observar bem a pintura, a escultura moderna, o artista é tomado por um processo de conexão e de enganchamento. O fato de pintores trabalharem com fotografia e frequentemente em conexão com certos processos sociais, mostra que não existe mais o pintor que compõe o quadro completamente sozinho com o seu gênio. Também os músicos, hoje, estão muito preocupados que seus processos criativos estejam conectados a um agenciamento musical que inclua não somente os intérpretes, mas os ouvintes da música, assumindo por sua vez, como materiais, os elementos conectados com uma realidade externa, composto pelo exterior. Os exemplos são inúmeros.

Bertetto: Na Itália, o discurso de *O anti-Édipo* sobre a esquizofrenia despertou muito interesse, mas foi objeto de várias críticas. Foram acusados, particularmente, de ter construído uma esquizofrenia cômoda, de cair no mito do outro e da loucura.

Guattari: Com Deleuze, busquei distinguir o processo esquizo da esquizofrenia clínica. O esquizofrênico é alguém que fracassou em seu próprio processo esquizo. Entre pro-

cesso esquizo e esquizofrenia existe uma oposição. Se há esquizofrenia quando o processo esquizo não funciona mais é porque se está cercado e preso na família e no trabalho, porque se colocou o esquizo no manicômio, o entupiu de remédios. Não fazemos de modo algum a apologia à esquizofrenia, tanto quanto daqueles que estão na prisão. Em certo sentido, seria como se – por apoiar a luta dos presos ou das prostitutas – estivéssemos propondo que as pessoas fossem prostitutas ou presos: a lógica da acusação é a mesma. É verdade, todavia, que no interior da esquizofrenia é colocado em jogo um processo esquizo da máxima importância e que a repressão contra o esquizofrênico é exercida de um modo duro justamente porque o processo esquizo é revolucionário. Não é o esquizofrênico que é revolucionário e sim o processo esquizo, que também está presente nos criadores, nas crianças, nos adolescentes, em todas as formas importantes do desejo. Durante a puberdade, todos estão inseridos em um processo esquizo. Existem uma série de componentes hormonais, evolutivos, de abertura ao mundo que enlouquecem. Percebe-se o mundo e a linguagem de um modo diferente. É aí que as crises esquizofrênicas nascem e é uma imbecilidade remontar aos dois, três anos, para encontrar uma predisposição – como fazem alguns psiquiatras que não enxergam e não sabem de onde vêm a esquizofrenia, isto é, de um certo tipo de inserção do adolescente na sociedade. É possível que haja uma pré-montagem no nível dos enganchamentos semióticos precedentes, mas certamente a montagem da esquizofrenia acontece efetivamente a partir da puberdade.

Dizia que um revolucionário, um criador, entra em um processo esquizo. Mas o que é um processo esquizo? Existe um processo esquizo quando, invés de referir todos os flu-

xos de desejo, todas as determinações, aos esquemas e papéis pré-formados ("é um homem, uma mulher, uma criança que fará tal coisa"), é o próprio processo que produz a representação e não a representação que produz e controla o processo. É preciso ser cego para não ver que um esquizofrênico, uma criança, um jovem na puberdade, um casal apaixonado, participam deste processo esquizo. Trata-se de realizar uma leitura maquínica destes processos. Se não se compreende o processo esquizo, se se recusa a conectá-lo, a articular seus traços, não apenas a realidade do desejo fica ausente, mas a esta ausência passiva acontece de se somar uma ativa: impede-se o processo esquizo de se revelar e se construir. Normalmente, age-se como se nada estivesse acontecendo. É isto que os pedagogos, os professores e também os psiquiatras fazem quando se recusam a reconhecer a presença de qualquer coisa que seja extraordinária na loucura, mesmo que em pessoas reduzidas a um estado lamentável.

Bertetto: Foi dito que a noção de desejo, empregada por você e Deleuze, é uma noção naturalista, que *O anti-Édipo* se movimenta no âmbito de um naturalismo positivo.

Guattari: Sempre afirmei que não estou de acordo com uma concepção naturalista do homem e do desejo. Antes mesmo de trabalhar com Deleuze, havia elaborado a noção de máquina desejante para sublinhar a continuidade das funções, dos órgãos e mecanismos mentais e afetivos do homem com a máquina. Para mim, o funcionamento do homem e da máquina formam um só movimento, quer se trate de máquinas proposicionais, semióticas, materiais, sociais: só existe o maquinismo.

Bertetto: Alguns psiquiatras anti-institucionais italianos discutem a centralidade do conceito de desejo no pensamento seu e de Deleuze.

Guattari: Gilles Deleuze e eu havíamos usado a palavra desejo como ninguém havia feito antes. Mas, certamente, se pode nomear de outro modo. Você, por exemplo, como nomearia?

Bertetto: Jervis propõe "necessidades".

Guattari: Talvez poderíamos chamar de "coisa", ou melhor, de "máquina", "máquina que se maquina". Em vez de dizer "desejo maquínico", poderíamos dizer "máquina maquínica". Mas isto, para mim, não é um problema, pois quando não tiver mais necessidade do termo "desejo" usarei outra palavra. É como se você me explicasse, por exemplo, que aquilo que chamamos de fonógrafo, na realidade, não é um fonógrafo, uma vez que o verdadeiro fonógrafo tem uma agulha metálica e um motor e, por isso, não se pode chamar de fonógrafo aquilo que é um eletrófono. De acordo, me desculpo pelo equívoco, mas não tem muita importância para mim. O importante é a transformação deste tipo de máquina pela qual escutamos os discos. E se, depois, não se tratar mais de discos mas de outra coisa, tanto melhor. Para mim, aquilo que vale para o phylum maquínico, vale também para o *phylum* conceitual. O problema está em como nos servimos dos conceitos, para quais usos nós os escolhemos. É isto que me interessa. Se eu também trabalho sobre um tema que você trabalha, então te pergunto – com uma postura nada epistemológica – se você provou, se conhece um certo tipo de instrumento. Esta é uma discussão diferente de, por exemplo, dizer: "Mas como isso é possível, o que isso significa?". Não me importo de onde os conceitos

são tomados. Não recuso o diálogo, mas prefiro que ele não desemboque em questões ideológicas. As objeções que gosto são as objeções maquínicas. Se você me disser que algo vai funcionar melhor com uma palavra diferente de "desejo", então estarei atento e ficarei atraído tal como os jovens chineses estão pelo motor das motocicletas.

Bertetto: Alguns estudiosos afirmaram que *O anti-Édipo* reduz o caráter conflitual da noção freudiana a uma determinação única e que, assim, no lugar de um dualismo dialético, propõe uma nova forma de monismo.

Guattari: Este problema do dualismo remete à velha filosofia. Vou te dar uma resposta abstrata. Quando você introduz um dualismo, introduz-se uma "falta". Quando se introduz uma falta, se introduz uma estrutura de referência que inscreve esta falta em relação a positividade da coisa. Quando se inscreve esta relação falta/positividade, se descola uma superfície de inscrição da superfície de representação e, no limite, da instância de representatividade. Você fala de dialética, mas aquilo que não poderá mais ser resolvido na dialética é o princípio mesmo deste destacamento. Eu e Deleuze não falamos de destacamento e de articulação dialética entre os termos, mas de um sistema de intensidade que faz com que as coisas se construam e cresçam umas através das outras. Isto não significa que haja fixidez. Totalmente o contrário. Abandonemos este princípio de dualismo que sempre constituiu o protótipo, a matriz, de todas as formações de poder.

Bertetto: Então você recusa a noção freudiana de pulsão de morte?

Guattari: Façamos um discurso concreto sobre a pulsão de morte. Um menino arranca a cabeça de uma boneca, ameaça bater em seu irmão recém-nascido, uma menina se recusa a comer, bate a cabeça na parede. São possíveis duas grandes interpretações, uma com e a outra sem pulsão de morte. Com pulsão de morte: se considera que existe um perigo fundamental de desintricação dos instintos e que, caso não se consiga articular a libido sexual do menino com a pulsão de morte, ele entrará em mecanismos repetitivos que farão regredi-la sistematicamente e impedirão que ele passe por todos os estados psicogenéticos. Neste caso, serão tomadas uma série de medidas de identificação para fazer com que ele entre em um mecanismo corretor em relação às suas identificações simbólicas fundamentais. Considerando, então, a instância intrapsíquica do menino, referindo-se ao esquema dualista das pulsões, um especialista em psicoterapia infantil procurará reconectar o que pertence a ambas as pulsões. É este o trabalho de Melanie Klein ou de Gisela Pankow. É um esquema que frequentemente tem sido catastrófico, que fixa o menino em um sistema de transferência e, em geral, não obtém grandes resultados. A pulsão de morte, de fato, é uma pura categoria metafísica que não corresponde a nenhuma elucidação científica e Freud a trouxe de fora de sua própria experiência. É uma hipótese explicativa metafísica. Um outro tipo de interpretação. Em vez de pensar que o comportamento do menino depende de instâncias intrapsíquicas polarizadas nas pulsões, se toma o conjunto do agenciamento e se considera, sem preconceito, todos os componentes que intervêm na situação: talvez, a relação com o irmão, talvez a identificação com a mãe, as difíceis relações entre mãe e pai, entre outros. Mas também o conjunto

do meio mais imediato, aquele que existe em torno dele, as crianças com quem brinca, os animais que eventualmente vivem ao seu redor – é um tema clássico dos psicólogos, por exemplo, Dolto – e ainda os eventuais problemas de dinheiro da família, os problemas de hierarquia e falocracia no interior do casal, as relações do pai com o patrão. Se todos estes elementos forem considerados, compreende-se que a política dualista existente, "quero morrer", "quero arrancar a cabeça da boneca", esta política do pior, este "buraco negro", é o resultado de todo um processo em que estão agindo, de início 50, 100 componentes.

Remeter esta política do pior a uma instância dualista originária significa determinar um corte entre os diversos componentes de que falava. A esquizoanálise diz que é possível que um problema psicogenético de tipo psicanalítico seja um problema fundamental, mas também pode ser um problema econômico, de relação com o meio e assim vai. Deste modo, o problema não consiste em selecionar os componentes, mas tomá-los em conjunto e considerar tudo isto que pode intervir sobre eles. Talvez seja o caso de falar com a diretora do jardim de infância ou com os amiguinhos – e isto, para mim, não serão intervenções marginais no que diz respeito ao trabalho fundamental, simbólico, baseado no dualismo das pulsões. Ao contrário, seria um trabalho absolutamente essencial, uma intervenção no rizoma de todos estes componentes que podem, em alguns casos, desembocar na política do pior, no "buraco negro". Em relação à teoria dualista das pulsões, é preciso colocar em discussão o modo pelo qual se representa o psiquismo, como se individualiza a libido e como rompe o vínculo entre a micropolítica do desejo na criança e o campo social. A psicanálise

depende do que ocorre na escola e no bairro, das relações com os patrões, das relações do homem com a mulher: não existe um estrato específico do inconsciente.

Bertetto: Você e Deleuze dedicaram uma atenção constante ao problema da prática artística e da escrita. Pode explicar de que modo o escritor ou o artista participam do processo esquizo?

Guattari: O que nos interessou no estudo sobre Kafka foi, principalmente, o ponto em que a escrita se torna impossível enquanto atividade de um indivíduo, de um criador individuado. Isto é, estávamos interessados no fato de Kafka não conseguir mais escrever e, no fim das contas, só ter finalizado uma ou outra novela, muito belas, mas não importantíssimas. Kafka tinha um ideal muito clássico de escrita, mas as coisas mais lindas que escreveu foram aquelas que escapavam da sua vontade de padronizar, de controlar a escrita: as cartas para Felice (é um dos textos mais loucos já produzidos), o diário, as novelas incompletas... O que nos atraiu, do próprio ponto de vista literário, foi o caráter de imperfeição dos romances. Max Brod tentou recompor os romances com materiais que não eram, não constituíam romances. Refez capítulos, reconstituiu algumas passagens, em suma, traiu muito profundamente a obra de Kafka. É isto que procuramos demonstrar. Assim, considere Kafka, Artaud, talvez o último Joyce – ainda que, para mim, *Finnegan's Wake* seja um fracasso, mas cada um pode ver as coisas como desejar –, Beckett também – não obstante a perfeição formal de sua obra –, eles possuem em comum uma literatura que tende a escapar por toda parte. Isto coloca o problema de um outro estatuto da escrita, de uma escrita que não seja demagogicamente feita por todos, mas que aceite,

sobretudo, ser desfeita por todos, ser dilacerada por todos. Existe uma coisa que me deu muito prazer logo após a publicação de *O anti-Édipo* – aliás, a única coisa que me deu prazer. Encontrei duas pessoas, uma no Canadá e outra na Itália, que me disseram: "Li algo muito, mas muito belo em *O anti-Édipo*". E, subitamente, tiraram do bolso um pedaço de uma página do livro completamente esmagado, amassado e riscado – este é um bom uso do livro.

Em suma, penso que uma obra não apresenta interesse se não puder ser, não digo rasgada, mas sim utilizada. Pegue um pedaço de uma frase – e é isso que eu sempre fiz, inclusive com Deleuze – de Spinoza, depois, um pedaço de uma frase de um romancista, depois de um etnólogo, de um historiador, e tente fazer uma montagem, fazer com que tudo funcione em conjunto. Penso que existe nisso uma concepção da criatividade, de um possível agenciamento da escrita, que se passa por algo que não é apenas escrita, mas realidade. E é uma concepção completamente nova. Evidentemente, penso que é muito interessante seguir na literatura esta espécie de morte do romance, morte da obra, morte do artista, para chegar a agenciamentos dessubjetivados.

Bertetto: Para terminar, retornemos a um problema político que investe diretamente a sua figura social do intelectual. Na Itália, agora se discute muito sobre a função do intelectual no interior da sociedade contemporânea. Os comunistas convocam os intelectuais a organizar o consenso em torno do novo programa. Zangheri sustenta que é preciso romper com as recusas românticas, que se trata de se tornar bons administradores. O manifesto dos intelectuais

franceses contra a repressão[24] representa, ao contrário, uma experiência de exercício do dissenso realizada por intelectuais. Então, gostaria de te perguntar, em primeiro lugar, qual deve ser, para você, a função dos intelectuais na sociedade atual e, sobretudo, em segundo lugar, se em uma sociedade governada por partidos oficiais do movimento operário a função e a atitude dos intelectuais deveriam mudar.

Guattari: É uma questão de extrema importância e também muito difícil. Só poderei respondê-la de modo esquemático. Bom, responder a Zangheri é obviamente muito fácil: está fora de questão que os intelectuais devam se colocar a serviço seja lá do que for, de um aparato, para serem os funcionários que organizarão o consenso. Mas, no fundo, não se trata de um problema específico dos intelectuais: é uma questão que também deveria ser colocada para os trabalhadores manuais, os técnicos, os cientistas. Então, o projeto de querer assujeitar as pessoas, de fazer com que sejam bons soldados ou bons funcionários é algo muito fácil de compreender e julgar, não existe uma grande polêmica nisso. Ao contrário, o problema, para mim, é de outra natureza. E, em razão do desenvolvimento das forças produtivas, existe em ato uma transformação do trabalho intelectual, do trabalho técnico, do trabalho manual, do trabalho das organizações, das comunicações. A tendência geral é de degeneração, de desaparecimento, do trabalho intelectual. E é uma degeneração positiva, justamente no sentido em que Marx falava de uma degeneração do Estado. Penso que, de fato, a categoria, a casta dos intelectuais, está progressivamente se dissolvendo: cada vez mais as pessoas comuns se tornarão

[24] Cf. pp. 109-112 deste livro.

os intelectuais. A grande fratura que existe entre os intelectuais especialistas da pesquisa e da inteligência e a massa dos professores, estudantes, trabalhadores manuais, é algo que corresponde cada vez menos à evolução das forças produtivas. Hoje, são necessárias uma maior inteligência e uma maior consciência para tomar parte em todas as cadeias, todos os sistemas de produção social e de produção da vida.

Assim, para mim, é muito importante não apoiar as ideologias que querem fazer dos intelectuais os depositários da verdade. A este respeito, sou contrário às formulações de Althusser, uma vez que este faz do trabalho intelectual um trabalho teórico, um trabalho especializado, que pode explicar alguns nós essenciais. Também seria preciso ver até que ponto as formulações de Gramsci não se prestam a reais ambiguidades. O trabalho intelectual não pertence aos intelectuais: não se pode imaginar um trabalho específico sobre o conceito, um trabalho orgânico dos intelectuais ou ainda um intelectual orgânico da classe operária. A própria distinção entre operários, intelectuais, técnicos, cientistas, artistas, progressivamente será remanejada e modificada.

Então, não existe um trabalho específico da verdade no nível intelectual. Existe, em vez disso, a verdade no quadro de agenciamentos práticos precisos, de relações sociais definidas, de lutas e de relações de semiotizações particulares. Aqui, há um problema de elucidação, não há um problema da verdade em geral, uma verdade que resplandece no céu da ideologia, no céu das ideias justas, no céu do marxismo ou de qualquer outro sistema pseudocientífico. As mutações objetivas, postas em ato, remontam, na realidade, a algo que ocorreu sobretudo em 68 na França, isto é, uma certa fusão entre quem faz o trabalho intelectual e quem, por exemplo,

tem uma prática militante ou trabalha neste ou naquele setor produtivo. O intelectual, hoje, não será um indivíduo ou uma casta, mas um agenciamento coletivo em que farão parte pessoas que fazem trabalho manual, pessoas que fazem trabalho intelectual, que fazem arte, homens, mulheres, jovens, militantes, pessoas que estão em relação com o campo da inteligência, com os trabalhos proposicionais, mas não apenas com os trabalhos proposicionais intelectuais, e sim também com a criação artística, a criação de um modo de vida, de um tipo de sensibilidade, de um tipo de relação. Quando se começa a separar, a especializar todas estas esferas umas em relação as outras, então, acaba-se autorizando todas as segregações, que logo conduzem para a segregação racial, sexual, social e assim vai. Não sei se o discurso que faço está claro, mas, de todo modo, a ideia que os intelectuais estejam a serviço da velha máquina política não possuindo nenhuma sensibilidade, imaginação e generosidade, é algo completamente estranho para mim e de que não gosto.

DESEJO E REVOLUÇÃO ONTEM, HOJE E INTEMPESTIVAMENTE?

Vladimir: Há uma grande e evidente imbricação entre *Desejo e revolução* e a autonomia italiana. Trata-se de uma conversa entre você, Paolo Bertetto e Guattari que ocorre em julho e em setembro de 1977 e é imediatamente publicada. Por sua vez, março e setembro do mesmo ano são dois pontos de intensidade do movimento autonomista, precedido e sucedendo tantas outras experiências. Para não falar de *O anti-Édipo*, que já circulava, e da primeira edição de *A Revolução Molecular* que logo seria traduzida para o italiano. Você poderia falar um pouco sobre este contexto? Quais efeitos esta conversa provocou nos movimentos de luta italianos? Algo novo aconteceu no modo de fazer funcionar isso que empobrecidamente chamamos de "teoria"?

Bifo: O contexto no qual esta entrevista ocorreu foi completamente excepcional. Em março, o movimento estudantil havia ocupado as universidades contra o compromisso histórico, contra a aliança da esquerda com a Democracia Cristã, ou seja, contra o conformismo do regime, contra o desemprego massivo, contra a repressão que visava os militantes da esquerda autônoma. Após a sublevação de março (em Bolonha, três dias de confronto entre a polícia e os estudantes, um estudante assassinado pela polícia militar,

demonstrações de força em todos os lugares do país, uma grande manifestação em Roma, cem mil pessoas na rua, guerrilha no centro da capital). Após a insurreição de março, fui obrigado a fugir para Paris, pois os jornais me apontavam como o responsável pela revolta e a polícia me procurava.

Conheci Félix Guattari em Paris e, juntos, decidimos lançar um encontro[25] contra a repressão que aconteceu no mês de setembro em Bolonha. Esse texto fez parte da discussão que se desenrolou durante o ano da revolta: a relação entre a tradição operaísta e a nova concepção da esquizoanálise, o papel da classe operária como sujeito central do processo histórico e a complexidade da molecularidade no movimento social.

Qual foi a influência desse texto? Isso eu não sei. O que posso dizer é que o movimento de 77 foi a ocasião para uma renovação da perspectiva filosófica e, por outro lado, o pensamento desejante de Deleuze e Guattari abriu uma nova perspectiva para a luta social. Uma perspectiva centrada sobre os processos de subjetivação, sobre o desejo e sobre a felicidade como energia e como questão do movimento social.

Vladimir: Em *Futurability*, você fala de uma "era da impotência". E você vem pensando a singularidade do fascismo contemporâneo como um "fascismo da impotência". Nas circunstâncias atuais, como funciona o ato de desejar esse fascismo?

Bifo: É cada vez mais evidente que a vontade política é impotente. O ano de 2021 nos apresentou um panorama caótico, infernal: o meio ambiente está fora de controle, o aquecimento global é irreversível, a difusão do vírus está

[25] Bifo se refere ao congresso de bolonha. Cf. pp. 117-120 deste livro.

produzindo efeitos caóticos na máquina social, a geopolítica está transtornada com a derrota do Ocidente no Afeganistão, o que significa que a era da democracia terminou e a ordem internacional não pode mais ser dominada pelas potências ocidentais e, além do mais, não há mais nenhum centro, nenhuma ordem. Tudo pode ocorrer em todos os níveis. E o que outrora era a potência da vontade política, perdeu toda a eficácia.

Depois, o declínio do Ocidente é evidente no nível demográfico, e a onda de migrações é inevitável, crescente e intolerável para o espírito infeliz da maioria da população dos países colonialistas, particularmente para a maioria dos europeus.

Impotência e depressão, eis aí as raízes da ascensão do fascismo que ocorre em todo lugar, sobretudo na Europa. O fascismo do século XX era a agressividade de uma população masculina jovem, humilhada pela derrota na guerra, mas determinada e capaz de reagir.

Hoje, a população branca está envelhecida, a fertilidade masculina está em queda de mais de 50 por cento, a impotência sexual se mistura com a impotência política. O fascismo em ascensão é o fascismo desesperado dos colonizadores que continuam a explorar os recursos do sul do mundo, mas não tem mais energia (física, sexual, política, intelectual) para se impor.

Nessa situação, tudo se torna possível: a agressividade alimentada pelo ressentimento pode levar à ações extremas.

Vladimir: Você também pensa um futuro "tecno-totalitário" como sendo da ordem do provável. Como você vê a relação entre esta impotência e a intensificação da abstração

capitalista no que diz respeito aos modos cada vez mais desterritorializados de produção da subjetividade planetária?

Bifo: Na medida em que a sociedade se afunda na impotência e no desespero, a única força que pode manter uma ordem é o autômato: a conexão das máquinas inteligentes com enormes massas de dados, a penetração dos automatismos técnicos no interior do espírito dos indivíduos e nas relações interindividuais. Uma sociedade de indivíduos deprimidos, solitários, pobres, governados pelos automatismos técnicos. O pior pesadelo da ficção científica distópica está em vias de se realizar.

Vladimir: Por outro lado, em um texto recente, você diz algo muito importante sobre ir além do provável e pensar o possível. Em *The Uprising*, você remarca que Deleuze, Foucault e Guattari cartografaram o nível de abstração e desregulamentação do capitalismo atual mas também tentaram imaginar outros possíveis. Há algo a se fazer entre o fatalismo, o derrotismo, o *game over*, a depressão, o suicídio e a recusa de restaurar futuros promissores, redentores? Como pensar a criação política, a resistência, prescindindo do progresso?

Bifo: Se posso ser sincero, diria que, atualmente, não se vê uma saída do labirinto: o caos da vida social e do psiquismo coletivo, a automação das relações linguísticas e produtivas. A extinção entrou no léxico da política porque a extinção é, hoje, a perspectiva mais provável para o século no qual vivemos. A extinção da civilização mas, talvez, também a extinção da realidade biológica do ser humano.

Mas isso é apenas o provável, até mesmo o inevitável.

Por outro lado, me lembro que geralmente, na história humana, o inevitável não se verifica, pois o imprevisível

toma conta. O imprevisível é a força maior. Mas onde está o imprevisível?

É esta a tarefa que nós temos no presente: imaginar o inimaginável, se dispor ao imprevisível. Onde encontramos os recursos para isso? Na poesia, na arte, mas também na ciência inovadora que não aceita os limites conceituais do crescimento econômico e da acumulação capitalista.

Vladimir: Você ressaltou em diversas ocasiões como o movimento autonomista italiano de 77 afirmou uma luta anticapitalista que passava pela luta contra o trabalho: uma potente recusa da "ética do trabalho". Me parece este ser um ponto de inflexão importante no modo pelo qual podemos descrever o capitalismo e, sobretudo, a resistência a ele, uma vez que não se trata apenas de uma luta por justiça contra a exploração econômica mas sim um movimento de reativação e criação de uma vida digna de ser vivida – uma dimensão fundamental do gesto guattariano que conecta desejo e revolução. Será que existe, nesta recusa do trabalho, não o único, mas um importante elemento para pensar de outro modo e novamente o comunismo?

Bifo: Com a onda neoliberal, muitas coisas mudaram após a derrota operária nos anos 80, como a precarização do trabalho e a fragilização do tecido social. E, principalmente, a criação do trabalho inútil pelo capitalismo. O movimento operário não foi capaz de impor o interesse social sobre a tecnologia, de dobrar a tecnologia na direção da redução do tempo de trabalho.

O consumismo foi utilizado para obrigar os trabalhadores a produzir o inútil, para produzir armas e *gadgets* de destruição em massa da inteligência e da socialidade.

A recusa do trabalho era uma prática progressiva porque essa prática estimulava os engenheiros a inventar técnicas de redução do tempo de trabalho. Mas a recusa do trabalho se tornou impossível por conta da precarização. A relação entre trabalhadores estava fundada na solidariedade, já na era da precariedade ela se funda na competição perpétua.

Este é o núcleo mais duro da derrota operária: o fim da solidariedade e, entretanto, o fim da recusa da exploração.

Vladimir: Como diz Guattari, o fato do projeto revolucionário como tomada do poder ter fracassado não significa que a perspectiva revolucionária está cancelada. Me parece que ele sempre tentou relançar a perspectiva revolucionária a partir do que aprendia com as práticas de resistência que encontrava (logo, não para homogeneizá-las) como, por exemplo, a autonomia italiana. O capitalismo e suas tecnologias de poder muito se transformaram dos anos 70 pra cá e, principalmente, surgiram muitos novos e heterogêneos movimentos de luta: como os zapatistas no México, a revolução curda em Rojava, as ZADs na França, o *hirak* na Argélia, o *Black Lives Matter* nos EUA e o que mais recentemente acontece no Chile e na Colômbia). O que, para você, seria relançar a perspectiva revolucionária hoje? É ainda importante ativar essa palavra, revolução? Se não, por que?

Bifo: Revolução? Hoje, o que isso significa? Certamente não a tomada do poder, pois o poder não é tomável. Ele está por toda parte, está nas máquinas, está nos cérebros. Ademais, o conceito de revolução implica uma primazia da vontade, uma eficácia da ação política que não existe mais na sociedade hipercomplexa, até mesmo caótica, produzida pela grande aceleração tecno-informática.

Não se trata de tomar o lugar de um poder político vazio, trata-se de afastá-lo.

É preciso se distanciar do território da economia capitalista, é preciso criar ilhas de sobrevida igualitária e precária. É preciso sabotar a rede tecno-informática, é preciso retomar o funcionamento das máquinas, especialmente das infomáquinas.

As experiências que você apresentou, os zapatistas, os curdos de Rojava, estão experimentando isso que Gregory Bateson chamou de cismogênese, o nascimento e a proliferação de novas formas que emergem da desagregação final do capitalismo.

Vladimir: Essa pergunta está vinculada à precedente. Guattari diz em *Desejo e revolução* que poderia nomear de outra maneira o que chamava de desejo. O próprio Guattari, sem abandoná-la, prolongará a problemática do desejo através de noções como "processos de ressingularização" e "territórios existenciais". Mais de 40 anos depois deste texto e 50 anos após *O anti-Édipo*, haveria outros nomes para o desejo? Em outras palavras: o que, para você, merece nossa atenção para desempenhar a função de uma ferramenta conceitual e afetiva capaz de nos tornar ao menos suscetíveis aos muitos modos de expressão e existência das novas práticas de criação e resistência?

Bifo: Durante a época que chamamos modernidade, a partir de Maquiavel até Lênin, a força determinante era a vontade, a política. Atualmente, a vontade política é incapaz de governar a complexidade infinita e caótica da aceleração. A vontade é impotente. O que pode nos orientar, o que pode nos ajudar a sobreviver e, talvez, a viver, é a sensibilidade,

a capacidade de entrar em ressonância com o ritmo que emerge do caos.

Em seu último livro, *Chaosmose*, Félix Guattari fala de um espasmo caósmico.

É muito evidente que neste momento nós estamos capturados por um espasmo: uma contração dolorosa do corpo e do espírito. A mudança climática, o caos geopolítico, a precariedade, a psicopatia de massa.

O espasmo é a dissonância entre os diferentes ritmos que não chegam a se harmonizar. A caosmose é, justamente, essa nova harmonia, esse ritmo consonante que apenas a sensibilidade pode realizar.

Vladimir: Você sempre se dedicou a pensar as vanguardas artísticas, os movimentos estéticos etc. Como você vê, hoje, a contribuição da arte (*stricto sensu*) na criação coletiva da sensibilidade capaz de inventar essa nova harmonia?

Bifo: Não estou certo que a palavra "arte" ainda seja capaz de definir algo de interessante. Quando utilizada, essa palavra possui uma relação muito estreita com o mercado, a publicidade etc. Prefiro falar de poesia, com toda a ambiguidade um pouco romântica (e reacionária) que essa palavra carrega consigo. Falo sobretudo de poesia verbal, poesia visual, poesia sonora etc., para distinguir a atividade formal como criação autônoma da atividade formal como estetização do horror.

Pensei bastante (principalmente nos anos do *Occupy*, quando escrevi *The insurrection, poetry and finance*) que a atividade criativa pudesse reativar as energias eróticas que o capitalismo contemporâneo absorveu, banalizou, pornografou e, finalmente, esgotou.

Hoje, durante a interminável suspensão pandêmica, comecei a refletir sobre o conceito (freudiano) de sublimação em relação à poesia.

Quando somos obrigados a renunciar ao desejo, ao contato erótico com a pele do outro, com os lábios, então é preciso esperar uma verdadeira epidemia de depressão, pânico, suicídio. É nisso que estamos.

A vibração erótica pode ser transferida para o domínio da vibração verbal, visual, musical?

Vladimir: Por outro lado, certamente a questão não está circunscrita ao campo artístico em seu sentido estrito. Quando você vincula sensibilidade e caosmose, não podemos deixar de pensar no paradigma estético de Guattari, que ele dizia ser também ético, político, terapêutico, ecosófico. A ênfase na estética, na sensibilidade, tal como você a define, pode ser uma entrada para pensar e criar modos de organização políticos de resistência, novos agenciamentos militantes, que não estejam fundados no impotente centralismo da vontade, da razão, e nem no igualmente impotente espontaneísmo de uma certa concepção da sensibilidade, do corpo?

Bifo: Você já explicou tudo na sua questão.

A modernidade foi dominada pela persuasão que a vontade, dirigida pela razão, é todo-poderosa. A crise contemporânea está mostrando que a vontade não pode grandes coisas, e que a razão crítica está sendo cada vez mais superada pela aceleração informacional. A sensibilidade, para mim, deve ser posta em relevo.

A sensibilidade como capacidade de navegar o caos, o infinitamente complexo.

Vladimir: Hoje em dia, quais histórias, experiências, movimentos, casos – e não modelos ou exemplos – você considera interessantes e eficazes, ainda que precários e provisórios, do ponto de vista da criação desse ritmo, dessa harmonia, que apenas a sensibilidade pode realizar?

Bifo: É sobretudo no domínio da narração que vejo exemplos na prática dessa sensibilidade. Penso em escritores como Jonathan Franzen, Sara Mesa e outros que cartografaram a depressão, a solidão, a precariedade.

Penso em filmes como *Coringa*, *Parasita* e *Você não estava aqui*. Mas isso no que diz respeito ao nível da diagnose, não da terapia. O novo ritmo eu vi funcionando na insurreição dos estudantes chilenos em outubro de 2019, e na insurreição dos afro-americanos na primavera de 2020.

MANIFESTO DOS INTELECTUAIS FRANCESES CONTRA A REPRESSÃO NA ITÁLIA[26]

No momento em que, pela segunda vez, se realiza em Belgrado a conferência Leste-Oeste[27], gostaríamos de dirigir nossa atenção para os graves acontecimentos que atualmente ocorrem na Itália, mais particularmente, para a repressão que se abate sobre os militantes operários e sobre a dissidência intelectual em luta contra o compromisso histórico.

O que quer dizer, hoje, nessas condições, na Itália, "compromisso histórico"? Nestes últimos meses, o "socialismo

[26] Texto parcialmente publicado em julho de 1977 em diversos jornais e assinado por 28 intelectuais franceses. Além de Guattari, dentre outros, também assinaram Roland Barthes, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-Pierre Faye, François Châtelet, M.-A. Macciochi, David Cooper, Daniel Guérin e François Wahl. Ainda em 1977, foi republicado integralmente em 30 de novembro, na Revista *Recherches*, no número especial dedicado à situação italiana chamado *Les Untorelli*, com o título *Adresse a la conference de Belgrade*. Republicado por Guattari em 1980, na segunda versão de *La révolution moléculaire*, com o título aqui adotado (Nota do Organizador).

[27] A conferência Leste-Oeste, ou Conferência de Bandung, foi uma reunião de países asiáticos e africanos que fundou o Movimento dos Países Não-Alinhados, que procurava manter certa neutralidade e autonomia relativamente aos blocos hegemônicos estadunidense e soviético no contexto da Guerra Fria. A primeira cúpula, à qual o texto se refere, foi realizada em Belgrado, em 1961 (N. d. E.).

com rosto humano" revelou sua verdadeira face de maneira brutal: o desenvolvimento de um sistema repressivo de controle sobre uma classe operária e um jovem proletariado que se negam a pagar o preço da crise e que recusam o projeto de compartilhamento do Estado com a Democracia Cristã – o banco e o exército para esta, a polícia, o controle social e territorial para o PCI – através da instauração de um verdadeiro partido "único". É contra esse estado de fato que, nos últimos meses, os jovens proletários e os dissidentes intelectuais se revoltaram.

Como se chegou até esse ponto? O que exatamente aconteceu? Desde o mês de fevereiro, a Itália foi sacudida pela revolta dos jovens proletários, desempregados, estudantes e demais, esquecidos do compromisso histórico e do jogo institucional. À política de austeridade e sacrifícios, eles responderam com a ocupação das universidades, com grandes manifestações nas cidades, com a luta contra o trabalho ilegal, com as greves selvagens, com a sabotagem e o absenteísmo na fábrica, com toda uma feroz ironia e criatividade própria daqueles que, excluídos pelo poder, não tem mais nada a perder: "sacrifícios, sacrifícios!", "Lama, nos meta a porrada!", "os ladrões democratas cristãos são inocentes, nós é que somos os verdadeiros delinquentes!", "mais casebres, menos casas!". A resposta da polícia, da Democracia Cristã e do PCI não continha nenhuma ambiguidade: proibição das manifestações em Roma, estado de sítio permanente em Bolonha, carros blindados patrulhando cada canto da cidade, atirar balas de verdade nas multidões...

Foi contra essa provocação permanente que o movimento de contestação precisou se defender. Para aqueles que os acusavam de estarem sendo manipulados pela CIA e pela

KGB, os excluídos do compromisso histórico respondiam: "Nossa conspiração é nossa inteligência, a sua é aquela que consiste em utilizar nossos movimentos de revolta para começar a escalada do terror".

É preciso não esquecer:

– hoje, trezentos militantes, dentre os quais muitos operários, estão presos na Itália.

– seus defensores foram sistematicamente perseguidos: detenção dos advogados Cappelli, Sanese, Spazzali e de outros nove militantes do *Socorro Vermelho*[28], tendo sido utilizadas formas de repressão inspiradas nos métodos adotados recentemente na Alemanha.

– da criminalização dos professores e estudantes do Instituto de ciência política de Pádua, do qual doze foram incriminados por "associação subversiva": Guido Bianchini, Luciano Ferrari-Bravo, Antonio Negri etc.

- da perseguição às editoras: Area, Lerba Voglio, Bertani. O editor desta última foi detido. Fato sem precedente: apreensão das provas de um livro consagrado ao movimento de Bolonha. Busca e apreensão na casa dos escritores Nanni Balestrini e Elvio Fachinelli. Detenção de Angelo Pasquini, redator da revista literária *Zut*.

– do fechamento da Rádio Alice, em Bolonha, tendo todo o material sido sequestrado. Detenção de doze animadores do coletivo de redação.

– das campanhas da imprensa que visavam assemelhar a luta do movimento e suas expressões culturais a uma cons-

[28] O *Socorro Vermelho*, foi uma organização internacional fundada em 1922 pela Internacional Comunista que prestava serviços sociais fornecendo ajuda material e moral aos prisioneiros políticos (N.d.E.).

piração, incitando o Estado a empreender uma verdadeira caça às bruxas.

Proclamando a solidariedade com todos os dissidentes atualmente afetados, os signatários deste manifesto exigem a liberação imediata de todos os militantes presos, o fim das perseguições e campanhas de difamação contra o movimento e suas produções culturais.

RESPOSTA À CAMPANHA CONTRA O MANIFESTO[29]

Os intelectuais franceses que assinaram um manifesto contra a repressão na Itália "não tem humor". É isto que alguns jornalistas italianos reprovam. E é verdade que os signatários deste manifesto recorrentemente tendem a levar a situação a sério. Lembremos alguns fatos recentes:

Após a violenta repressão das manifestações de Roma e de Bolonha, em março deste ano, centenas de estudantes, jovens trabalhadores e desempregados foram encarcerados sob pretextos estritamente políticos e, quase sempre, os processos sequer foram instruídos.

A "criminalização" de todos os "delitos" políticos: é desta maneira que, nas estatísticas de M. Cossiga, ministro do Interior, todos os detidos da extrema-esquerda são classificados na categoria de terrorista.

A perseguição dos advogados do *Socorro Vermelho* italiano. Alguns foram presos por defender "terroristas", supostamente falando.

A busca e apreensão em editoras. E, um fato sem precedentes, a apreensão de provas de um livro.

[29] Texto originalmente publicado no jornal *Le nouvel observateur*, em 25 de julho de 1977. Republicado por Guattari em 1980, na segunda versão de *La révolution moléculaire*, com o título aqui adotado (N.d.O.).

Os animadores das rádios livres de contestação, tal como a Rádio Alice, foram detidos ou perseguidos até em território francês, como atualmente é o caso de Franco Berardi, também conhecido como Bifo[30].

Uma campanha cuidadosamente orquestrada nas mídias sobre o tema, verdadeiramente inútil, da "conspiração internacional", que tem por objetivo justificar o amálgama entre os delitos de opinião e o terrorismo, e que se esforça para nos fazer acreditar que tudo aquilo que existe à esquerda do PC italiano deve ser visto como suspeito de cumplicidade com as *Brigadas Vermelhas* e os *Núcleos dos Proletários Armados*. O terrorismo individual – expressão de desespero ou de uma escolha política que constitui, para mim, um evidente absurdo na situação italiana – não pode ser considerado como sendo o único e exclusivo responsável pela degradação da situação atual (inflação galopante, mais de um milhão e meio de desempregados etc.).

Pretende-se afirmar que os intelectuais franceses, signatários do manifesto, não estão a par do que está acontecendo e ignoram toda a política italiana. Mas o que perturba aqueles que sustentam o "compromisso histórico", ao contrário, são os contatos diretos que esses intelectuais tecem com os estudantes, com os militantes italianos, que lhes descrevem, cotidianamente, a evolução da situação. Esqueceu-se que Umberto Eco, há algumas semanas, chamava publicamente a atenção da opinião francesa sobre esses fatos? Esqueceu-se da recusa de Leonardo Sciascia de continuar a seguir o PC italiano em sua política de aliança com a direita? E, há poucos dias, Maria Antonietta Macciocchi não escrevia no

[30] Ainda que estas rádios sejam autorizadas na Itália. Cf. *Radio Alice, radio libre*, Éditions L.S.C. Delarge, collectif A/traverso (N.d.O.).

Le Monde que a situação italiana "tendia a tornar vãs as garantias constitucionais em matéria de direito civil, humano e político"? Ela ainda acrescentava: "a Itália vive uma fase de repressão que visa liquidar todo resíduo de oposição ao consagrado acordo governamental".

Tentam ridicularizar nosso manifesto fazendo com que ele diga algo que nunca disse, a saber, que existiriam "gulags" na Itália! Atitude fácil, uma vez que nenhum jornal italiano ainda o publicou – com exceção do jornal do *Luta Contínua*, que só vende uns vinte mil exemplares. Evidentemente jamais escrevemos, jamais pensamos, que a Itália teria se alinhado a Moscou. Mas não podemos deixar de constatar que o anti-stalinismo do eurocomunismo italiano é totalmente compatível com a implementação de métodos repressivos, para não dizer totalitários, sobre a extrema-esquerda e todas as formas de contestação que escapam ao PCI. O mesmo PCI que, há tão pouco tempo (maio de 1975) denunciava a lei Real da ordem pública como sendo uma resposta *provocadora e inútil* à criminalidade e à violência política, a primeira coisa que fez ao chegar ao poder, associando-se com a Democracia Cristã, foi começar uma disputa com esta para saber quem iria mais longe na implementação de medidas extremamente graves em matéria de vigilância, interrogatório, busca e apreensão, escuta telefônica, etc.

Os fatos estão aí. O conluio entre os poderes do Estado e os aparelhos burocráticos do movimento operário apresentam um perigo para as liberdades. Nós não temos nenhuma intenção de fazer uma propagando anticomunista. Já repetimos isso muitas vezes, por exemplo quando ocorreu nossa polêmica com M. Zangheri, prefeito de Bolonha. Mas isso não nos fará aceitar qualquer coisa, sob qual pretexto ideo-

lógico for. No passado, muito vezes os intelectuais se tornaram cúmplices de regimes ou de métodos totalitários para agora ter que aceitar se calar e se conformar, contentando-se em ser a mão amiga francesa do "Programa comum", tal como Lucio Magri gostaria, esperando que os intelectuais se tornassem bons funcionários, exatamente como ocorre na Itália segundo os desejos de M. Zangueri.

Prestemos atenção em sua recomendação: "As massas não têm romantismo. Hoje, os intelectuais estão sendo convocados a exercer uma função mais positiva, talvez também mais humilde, de administração, de governo e de organização. Compreendo que alguns dentre eles estejam recalcitrantes e recusem esse novo papel...".

DECLARAÇÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO DE BOLONHA[31]

Dois meses atrás havíamos criado um escândalo ao denunciar a repressão que ocorre na Itália contra os marginais da extrema-esquerda. Parecia que estávamos mal informados e que nos metíamos onde não foramos chamados. Atualmente, a questão está posta: ninguém mais pode negar a existência de uma repressão política na Itália. E, agora, o problema deve ser colocado em um plano prático: devemos fazer de tudo para tirar nossos camaradas da prisão, devemos impor uma anistia geral que se aplique a *todos* os detidos políticos de esquerda tanto na Itália quanto em todos os países da Europa.

Dezenas de milhares de jovens de todos os países vieram se encontrar em Bolonha. E não apenas por causa do tema defensivo da luta contra a repressão, mas também por conta da condução de uma ofensiva contra o poder capitalista e seus adeptos socialistas e comunistas.

Essa ofensiva nos parece inseparável da conquista de novos espaços de vida para as massas: a ciência e a tecnologia

[31] Publicado em 30 de novembro, na Revista *Recherches*, no número especial dedicado à situação italiana chamado "Les Untorelli", com o título *Declaration des intellectuels français presents a Bologne a louverture des rencontres des 27, 28, 29 septembre*. Republicado por Guattari em 1980, na segunda versão de *La révolution moléculaire*, com o título aqui adotado (N.d.O.).

estão, hoje, a serviço de uma economia e de uma sociedade repressivas, fundadas sobre a divisão de classes e sobre sistemas de hierarquia social, sexual, racial etc.

Paralelamente, as lutas de liberação devem se abrir para novos domínios e recolocar em questão as bases tradicionais da vida política. Hoje, este é o sentido das lutas de emancipação das mulheres, das lutas ecologistas, das minorias linguísticas, sexuais, dos psiquiatrizados...

O partido comunista italiano tem receio de ser ver atravessado por tais lutas e de ver se desenvolver na sua própria esquerda um movimento de massa de contestação de sua política do "compromisso histórico"?

Inicialmente, os dirigentes comunistas fizeram de tudo para minimizar e mesmo ridicularizar esse encontro. Porém, diante da potência do movimento que esse projeto suscitou, eles precisaram recuar e fazer um certo número de concessões. Ficamos contentes, mas é preciso que as coisas fiquem bem claras em relação aos três pontos seguintes:

1) Os promotores desta iniciativa afirmaram sem ambiguidade sua intenção: os encontros de Bolonha não visam de modo algum saquear a cidade, tal como a imprensa italiana afirmou por toda parte. Trata-se de evidenciar a potência do movimento de recusa revolucionária do compromisso histórico, confrontar as perspectivas dos diferentes componentes do movimento e preparar as futuras lutas.

Entretanto, quando ocorrem manifestações dessa amplitude, incidentes são sempre possíveis. É à luz dos fatos que se poderá clarificar as intenções reais daqueles que, hoje, dizem que estão dispostos a acolher os jovens e, ao mesmo tempo, tratam os autônomos como fascistas!

A escolha é clara. Pode-se insuflar os mínimos incidentes ou, ao contrário, se esforçará para impedir toda escalada da violência.

2) Hoje, muitos intelectuais recusam o papel que outrora lhes era atribuído. Não querem mais nem ser valetes da burguesia, nem pretender se colocar como teóricos esclarecidos e guias infalíveis. A teoria é assunto de todos. Por outro lado, os intelectuais não podem aceitar, seja lá qual for o pretexto, que consigam separá-los tanto das lutas populares, quanto das lutas das diversas minorias oprimidas.

Ora, podemos constatar, no momento de preparação desses encontros, que houve um esforço, de diversos lados, para reativar velhas reações automáticas de anti-intelectualismo. A própria imprensa italiana tentou desencadear uma campanha calvinista contra os "monges" que chegavam do outro lado dos Alpes: insultos e calúnias foram lançadas contra alguns dos signatários do manifesto francês. Nós denunciamos essas práticas, que não têm nada a ver com um verdadeiro debate político, e que correm o risco de nos reconduzir aos piores momentos do stalinismo. Ainda sobre isso, a boa fé da imprensa e dos intelectuais comunistas será colocada à prova no decorrer desses dias.

3) Desejamos vivamente que um amplo debate possa ocorrer em Bolonha, não apenas entre a esquerda extra-parlamentar e os marginais italianos, mas também com o máximo de militantes da base do partido comunista. Para nós, isso não implica de modo algum que esses encontros tomem uma aura ecumênica. É na vida, na carne, que milhões de trabalhadores, desempregados, explorados do trabalho ilegal, mulheres, marginais, excluídos de toda espécie, sofrem tanto as consequências do fracasso do sistema ca-

pitalista e quanto da inacreditável passividade dos partidos de esquerda e dos sindicatos com sua referência constante aos sacrifícios necessários e sua caução da repressão que se torna cada vez mais intolerável. Não se trata de uma simples confrontação ou de um simples debate de especialistas. Debater calmamente, lucidamente, com militantes comunistas, não significa que se deva contentar em procurar deslocar um pouco para a esquerda a linha do compromisso com o poder burguês – um dos mais corrompidos do capitalismo. Assim, não se trata, de modo algum, para nós, que os encontros de Bolonha se situem na dependência da linha do partido comunista para tentar adaptá-la ou melhorá-la.

O debate deve se ampliar na direção dos militantes comunistas que desejam contribuir para a elaboração de uma *nova linha política* capaz de desembocar em perspectivas revolucionárias reais.

APÓS BOLONHA
[MASSAS E MINORIAS EM BUSCA DE UMA NOVA ESTRATÉGIA][32]

As sociedades capitalistas estão atoladas em uma crise que ninguém pode predizer a saída. Começa-se a perceber que estamos diante de provações diferentes e que não se tratará da repetição de crises anteriores que diziam ser *cíclicas*. Atualmente, porém, é difícil imaginar que as coisas possam acabar de um modo diferente daquele que estamos acostumados: após um longo período de estagnação, uma retomada através de um boom econômico e, no fim, um relançamento em grande escala do capitalismo.

Como em toda grande tormenta, uma tomada de consciência coletiva da natureza exata dos problemas parece algo muito difícil de ocorrer. Ainda que as diferentes categorias da população que de algum jeito conseguem sair do problema possuem a tendência a subestimar a gravidade da situação, a grande massa que está afundada em dificuldades cotidianas, que não possui o tempo e nem os meios

[32] Publicado em 30 de novembro, na Revista *Recherches*, no número especial dedicado à situação italiana chamado "Les Untorelli", com o título "Masses et minorites a la recherche d'une nouvelle strategie". Republicado por Guattari em 1980, na segunda versão de *La révolution moléculaire*, com o título "Après Bologne" (N.d.O.).

de pensar por si mesmo, acabam se referenciando no que a imprensa, a televisão, os dirigentes políticos e sindicais lhes dizem. Os encontros de Bolonha, entretanto, talvez tenham constituído, na Itália, um início de tomada de consciência para uma parte importante dessa massa de "esquecidos da grande política".

Cada vez mais a realidade das contradições sociais tendem a escapar das clivagens tradicionais (esquerda, direita, centro...) e das grandes demonstrações sindicais com todo o seu cerimonial e o seu teatro das lutas. Paralelamente a essa efervescência, um novo tipo de funcionamento político está emergindo. Dois tipos de fenômenos nos permitem localizar esta emergência em alguns países europeus:

– o desenvolvimento de um novo modo de totalitarismo de Estado, relançado pelas burocracias sindicais e políticas;

– o desenvolvimento de novas formas de expressão popular que escapam ao controle das organizações tradicionais do movimento operário.

A conjunção entre os aparelhos de Estado, na sua concepção habitual, e as burocracias do movimento operário, produziu resultados muito espetaculares nas democracias populares, na China, como o *gulag*, na URSS. Durante muito tempo se pensou que a tradição democrática ocidental, a evolução dos partidos comunistas para a autonomia (a tendência ao policentrismo e depois ao eurocomunismo) e o humanismo dos partidos socialistas poderiam ser garantias contra esse tipo de totalitarismo. É verdade que as condições nacionais são muito diferentes umas das outras e que as modalidades de assujeitamento das massas não tomam as mesmas vias. (Será mesmo necessário repetir que nós jamais pretendemos dizer – como quiseram nos fazer falar

na ocasião do manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão na Itália – que existem campos de concentração, *gulags* soviéticos ou um sistema de partido único nesses países?) Mas independentemente dessas diferentes situações, um traço evolutivo comum parece se impor por toda parte de uma maneira irreversível: as transformações das forças produtivas, as "necessidades" do controle social, conduzem os poderes do Estado a não mais se apoiar unicamente sobre os clássicos meios de coerção (polícia, exército...), mas a também exercer seu poder tanto através de uma multidão de "instituições-retransmissão" quanto da grande mídia. Assim, não é apenas o conjunto dos domínios da vida social e econômica que tendem a ser modelados, esquadrinhados, controlados, mas igualmente cada uma das engrenagens da vida regional, municipal, esportiva, familiar etc. O que é paradoxal, nessa evolução, é que na medida em que a hidra estatal desenvolve seus tentáculos, compreendendo e chegando até a vida íntima de cada indivíduo, ela se revela impotente para intervir no nível das grandes questões econômicas e sociais, colocando em jogo os equilíbrios internos das diferentes nações ou opondo umas às outras. É evidente que os poderes estatais estão longe de assumir o controle sobre questões como a evolução do mercado de matérias-primas, sobre grandes escolhas tecnológicas, ecológicas, estratégicas, demográficas, etc.

Em reação a essa "tirania impotente" do poder de Estado, uma nova espécie de atividade, de vida política, está em busca de si mesma. Mas se trata de uma vida política cujos objetos estariam mais próximos da vida real dos indivíduos, conduzindo-os a se preocuparem ativamente com seus ambientes imediatos e seus desejos. Enfim, uma política que

não teria grande coisa a ver com aquelas associadas às ideologias tradicionais da esquerda.

Penso que, deste ponto de vista, a experiência italiana é totalmente exemplar. Ela nos esclarece sobre os caminhos que as sociedades capitalistas estão tomando. Por um lado, assistimos na Itália a decomposição de um certo tipo de relações de produção: toda uma moral do respeito ao trabalho e à economia de mercado estão se desmoronando. Por outro lado, vemos as grandes formações políticas procurando uma nova forma de poder. A burguesia capitalista pensou que ela deveria renunciar aos sistemas representativos tradicionais – por exemplo o sistema de alternância de tipo inglês ou do tipo "frente popular". Com o compromisso histórico, a classe política italiana tenta implementar um aparelho de controle social fundado em um consenso popular muito mais amplo. O que é experimentado na Itália é um método de governo, um método de *autoritarismo democrático*, de disciplinarização das massas, que se apoia sobre as próprias massas. O que implica, obviamente, uma ampla utilização de técnicas de intoxicação pela propaganda e pela grande mídia.

É assim que, desde alguns meses, uma parte importante da imprensa esteve determinada em demonstrar que todos os problemas importantes da Itália poderiam ser resolvidos a partir do momento em que o partido comunista conseguisse fazer um acordo com a Democracia Cristã. Os dirigentes comunistas italianos não param de clamar um acordo nacional. Agora que eles estão às portas do poder, querem aparecer como os salvadores da Itália, afirmam ser os melhores garantidores da ordem, pois acertarão a economia impondo sacrifícios às massas populares. Mas se trata de qual ordem e de qual Itália? Evidentemente da Itália de sempre, isto é,

aquela da corrupção burguesa. O que há de mais consternador nessa política do compromisso do partido comunista Italiano é que ela não pode se vangloriar de nenhum realismo – o mesmo realismo em nome do qual um monte de gente aceitaria, talvez, os sacrifícios em questão caso fosse possível esperar um mínimo de resultados práticos. Mas até agora é impossível compreender como os comunistas italianos ambicionam atingir seus objetivos de estabilização. Nenhum governo, no contexto atual, pode ter a pretensão de possuir alguma ingerência no desenvolvimento da crise monetária, da crise de produção, no desemprego, etc. De fato, os comunistas não fazem outra coisa que se agarrar ao *status quo* existente, enquanto que milhões de desempregados se debatem em dificuldades inextricáveis e milhões de jovens se veem privados de toda perspectiva de futuro.

Porém, para a imprensa, o rádio e a propaganda, nada disso existe. A única coisa que conta é a confiabilidade do compromisso histórico: *os trabalhadores, as mulheres, a juventude, confiam no partido comunista. A aliança com a Democracia Cristã e os outros partidos do arco institucional está tirando a Itália da crise. 90% da população italiana aprova o programa do compromisso histórico.* Tudo isso é absurdo! No estado de intoxicação geral da opinião, 90% do eleitorado vota nos partidos do poder. De fato se pensa que os atuais procedimentos eleitorais permitem que as massas expressem sua opinião?

Corolário a esse artigo primeiro do Credo do PCI: *nada poderia existir à esquerda dos comunistas, salvo um punhado de fascistas, esquerdistas, terroristas, drogados e desclassificados que podemos associar uns com os outros...* É nesse contexto de manipulação da opinião pela grande mídia que,

após os movimento de revolta de março de 1977 (tendo sido particularmente violentos em Roma e em Bolonha) que ocorreu uma repressão extremamente dura dos militantes de extrema-esquerda e dos grupos marginais. Em nome de amálgamas os mais inverossímeis e com o pretexto de lutar contra os grupos que passaram a luta armada, começaram a prender centenas de militantes, atribuindo-lhes acusações gratuitas (acusações tão difíceis de comprovar que a maior parte dos processos, até o momento, não foram instruídos).

Originalmente, o congresso de Bolonha tinha apenas a pretensão de permitir que algumas dezenas de intelectuais europeus pudessem encontrar os diferentes componentes do movimento italiano tanto para afirmar sua solidariedade contra essa repressão, caucionada pelo partido comunista italiano, quanto para tentar extrair algumas perspectivas. Com efeito, parece estar cada vez mais claro que não se poderá indefinitivamente se contentar com ações defensivas contra a repressão. É necessário vislumbrar movimentos ofensivos contra o desenvolvimento de um novo tipo de totalitarismo na Europa.

Essa pretensão da extrema-esquerda e das "autonomias", no sentido amplo, isto é, incluindo os diferentes movimentos feministas de liberação sexual, os movimentos ecologistas etc., e também os intelectuais, imediatamente apareceu aos olhos dos dirigentes comunistas como um crime de lesa-majestade. Só podia se tratar de uma "provocação", de uma "agressão" contra Bolonha – o velho bastião da democracia. Uma tal pústula fascista devia ser imediatamente extirpada. Desde a difusão do manifesto dos intelectuais franceses contra a repressão, desde os anúncios dos encontros de Bolonha, uma imensa campanha jornalística foi orquestrada nessa

direção[33]. Os anátemas mais inverossímeis foram lançados na imprensa: um esquadrão fascista estava renascendo! Os encontros de Bolonha foram comparados à marcha sobre Roma dos "camisas negras" em 1922. Tudo foi feito para apavorar a população de Bolonha (o que teve como consequência, no momento do encontro, tornar as trocas entre a população e os jovens praticamente impossíveis). Enquanto o ministro do interior, M. Cossiga, anunciava que enviaria 5 mil homens para reforçar a segurança em Bolonha, corrigindo-se e passando para 6 mil, depois ainda 15 mil, o partido comunista anunciava que ele estava perto de levar, em algumas horas, 70 mil militantes para o centro da cidade... Em Módena, diante de 500 mil pessoas, M. Berlinguer coroa essa campanha insultando os organizadores do encontro e chamando de *untorelli*, isto é, de portadores da peste, todos aqueles que participavam do mesmo. No final das contas, os únicos a manter a cabeça fria, nessa inacreditável pressão da imprensa, da televisão e dos dirigentes políticos, foram os diferentes componentes organizados do "movimento". As autoridades da cidade se resignaram a negociar com estes um acordo sobre algumas questões práticas para que o encontro ocorresse em condições normais.

Diante do sucesso extraordinário do encontro – mais de 50 mil pessoas oriundas da Itália, outras tantas de outros países europeus, e apesar da chantagem, das ameaças –, diante de seu caráter pacífico e, inclusive, se assim podemos dizer, de seu caráter de festa (ainda que nítidas divergências tenham se manifestado), poderíamos pensar que a opinião

[33] O comportamento da imprensa italiana, desse ponto de vista, foi totalmente semelhante ao da impressa de Springer quando denuncia os encontros do movimento ecológico.

pública se renderia às evidências (ainda que o partido comunista e a imprensa italiana não pararam de mentir durante toda a preparação dessas jornadas!). Mas nada disso aconteceu. Imediatamente após a grande manifestação do dia 25, assistimos a um giro repentino do conjunto das mídias. Todos se juntam para entoar um único canto à glória do partido comunista e do poder de Estado: *o vencedor é o partido comunista; as autoridades municipais de Bolonha revelaram ao mundo o quanto eram capazes de suportar um tal choque e de pacificar toda essa massa de jovens manipulados pelas facções violentas; os grupos autônomos foram isolados; os intelectuais que denunciaram a repressão foram ridicularizados.* Nenhuma palavra sobre o fato de 50 mil jovens terem, durante três dias e sem cessar, denunciado tanto a repressão dos militantes de esquerda, quanto as consequências do compromisso histórico.

Tais falsificações só poderiam ter efeitos a curto prazo. E a escalada de mentira se chocaria contra seu próprio absurdo. Dentro de alguns dias, após o assassinato de um militante da *Luta Contínua*, vimos novamente centenas de milhares de jovens se manifestarem em todas as grandes cidades da Itália. Porém, dessa vez, de maneira mais violenta, incendiando locais de organizações fascistas. A imprensa, então, desesperadamente gritou: mas como compreender essa juventude? Há alguns dias ela dava prova de sua maturidade isolando os grupos extremistas em Bolonha, e agora novamente ela se entrega à violência! Como compreender? O melhor método, o único método, é escutar o que as pessoas dizem, é não falar em seu lugar, é não desfigurar sistematicamente aquilo que tentam expressar.

Por que Bolonha? Por que esse desenvolvimento? Por que essa espécie de acontecimentos? Sem dúvida seria preciso analisar as condições que se encontram reunidas nesta cidade, em particular a expressão original, "transversalista", dos militantes que foram os animadores da "Rádio Alice"; seria preciso retornar aos acontecimentos de março e à extrema violência da repressão que conduziu o conjunto dos jovens de toda a região a um nível superior de tomada de consciência da realidade social italiana. Esses encontros ganharam *um alcance nacional* (e mesmo internacional) uma vez que nada no sistema italiano permitia prever que eram possíveis. Nada no nível das forças políticas tradicionais, evidentemente, mas também nada no nível das estruturas organizadas do movimento revolucionário italiano. Os encontros de Bolonha foram a ocasião para forças sociais, que não se reconheciam ou apenas se reconheciam com muita dificuldade no interior do movimento organizado, se manifestarem em plena luz do dia *enquanto força política*. O que aqui apareceu não foi nem um revolta pequeno-burguesa, nem o começo de uma revolução proletária, mas a expressão de todo um metabolismo subterrâneo, de toda uma série de "revoluções moleculares" que são a condição de toda mudança social real. O que está em causa, em tais movimentos, são as engrenagens sociais e pessoais que geralmente não são levadas em conta pelos movimentos políticos habituais: as relações homem/mulher, adulto/criança, as relações de trabalho, de dinheiro, de lazer, com corpo, o ambiente... Estamos diante da presença de um questionamento geral do estatuto da "normalidade" que supostamente todo mundo deve se curvar. Os grupos políticos e os teóricos que gostariam de introduzir uma linha de classe através de cada uma

dessas "frentes" começam a fazer exercícios extremamente complicados, completamente absurdos! De onde a dificuldade de se "reconhecer" através destas lutas e, igualmente, de as reconhecer. Esse corte entre o militantismo clássico e a massa de jovens que vieram para Bolonha era perceptível naquilo que se passou na reunião permanente no "Palácio dos Esportes". Não apenas as milhares de pessoas reunidas se viram afastadas das dezenas de milhares de jovens que discutiam em todo o resto da cidade, inclusive no próprio interior da reunião no "Palácio dos Esportes", como o estilo de afrontamento e de discurso sustentado por um punhado de líderes era frequentemente sentido como sendo estranho às aspirações da grande massa dos participantes.

Entretanto, deveríamos evitar a partir disso concluir que movimentos como *Luta Contínua* ou diversos componentes da "Autonomia organizada" teriam conseguido "instrumentalizar" – para retomar uma expressão agora consagrada – os jovens que vinham para Bolonha. As coisas são muito mais complexas. O que aconteceu talvez tenha sido o inverso. Toda uma nova corrente, uma massa de marginais, jovens e desempregados que estavam em busca de sua própria identidade política, utilizaram os movimentos existentes, as "autonomias" organizadas e os órgãos da imprensa de extrema-esquerda, para constituir uma primeira fase de seu reagrupamento. E isso tudo tendo em vista que as suas aspirações não coincidem com aquelas dos dirigentes e animadores destes movimentos. É preciso destacar que o estilo "militante-militar" de certas autonomias não faz o gosto de todo mundo, que o "machismo" reinante foi denunciado pelas feministas e, ainda, que o estilo político de alguns jorna-

listas de extrema-esquerda não correspondia à sensibilidade da massa dos jovens...

Mas não se pode dizer que estes movimentos e estas lideranças foram isolados. Uma espécie de complementaridade de fato, uma espécie de casamento por interesse, se instituíram. Cabe ressaltar, em particular, que a grande imprensa se enganou completamente – de boa ou má-fé – quando considerou que os defensores da violência, as *Brigadas vermelhas*, os *Núcleos dos Proletários Armados* etc., tinham sido rejeitados e isolados em Bolonha. Certamente, a imensa maioria dos jovens explicitamente não aprova atentados individuais cuja utilidade imediata não é enxergada, ainda que os inconvenientes de tais ações sejam imediatamente vistos! Entretanto, consideram que esses militantes *fazem parte do "movimento"*. E, independentemente do repúdio a esse tipo de prática, está claro que o "movimento" não se tornará insensível à determinação destes militantes, não retirará sua solidariedade face à repressão.

Hoje, o novo fenômeno que faz a Itália tremer e que talvez esteja se generalizando para o resto da Europa consiste, para mim, na aparição de um novo tipo de movimento de massa que escapa radicalmente e, sem dúvida, irreversivelmente, às organizações políticas e sindicais tradicionais. Nessas condições, talvez tenha se encerrado o tempo em que o marginalismo tradicional dos estudantes desempregados, dos "desclassificados", dos psiquiatrizados, dos presos, dos homossexuais perseguidos etc., dizia respeito apenas a algumas dezenas de milhares de pessoas em cada país. Hoje, são milhões de desempregados, de trabalhadores que, para sobreviver, são obrigados a recorrer ao trabalho ilegal. São mulheres que lutam por sua emancipação, trabalhadores do

Sul – o que equivale um pouco aos trabalhadores imigrantes na França – que estão em vias de constituir um novo proletariado marginal e de fazer alianças com o conjunto daqueles que contestam radicalmente a ordem social existente. Toda essa massa de "abandonados" pelo compromisso histórico, que não se reconhecem nos partidos, nos sindicatos e grupelhos, ainda está em busca de seus objetivos e seus meios. Suas intervenções se limitam a protestos sem grandes eficácias, rejeições automáticas da ordem, a uma expressão espontânea que, certamente, não é suficiente para subverter a ordem estabelecida e transformar a sociedade. Além do mais, não há dúvida que essa nova força política deverá inventar para si mesma os meios de coordenação e expressão que lhe são próprios.

Isso significa que devemos esperar que um tal movimento de massa aspire construir um novo partido revolucionário, no sentido habitual que damos para esta palavra? Não penso isso. Seus objetivos e seus métodos de luta convocam à implementação de meios de organização totalmente novos. (A rede de rádios livres, na Itália, nos indica uma direção muito interessante a esse respeito). Nenhum partido jamais poderá pretender dirigir ou capitalizar essa "revolução molecular". Mas isso não significa de modo algum que os partidos e os sindicatos atuais não tenham nenhuma função para desempenhar! Na falta de outra coisa, eles contribuem, aos seus modos, para fazer contrapeso aos poderes reacionários tradicionais. O mesmo para os grupelhos: na falta de outra coisa, eles permitem ao movimento dispor, nesse período intermediário, de um mínimo de meios de conexão. Assim, o melhor que podemos esperar destes e daqueles é que não prejudiquem o desenvolvimento do movimento e,

ao contrário, aceitem ser "instrumentalizados" por ele. A municipalidade de Bolonha, o prefeito de Bolonha, foram "instrumentalizados" pela massa de jovens que havia decidido se encontrar nessa cidade, em resposta às provocações policiais e as imprecações do partido comunista italiano. Hoje, os dirigentes desse partido estimam que, para eles, se trata de uma grande vitória. Desejamos-lhes muitas outras vitórias desse tipo!

A "revolução molecular" inventará para si mesma ou tomará os instrumentos que lhes serão necessários. Mas seu duplo caráter de revolução social e revolução de desejo lhe proibirá de aceitar, de maneira orgânica, de se conectar exclusivamente a um tipo de instrumento. Ninguém pode pretender falar, hoje, na Itália, em nome das autonomias operárias, em nome do movimento feminista, em nome da massa de desempregados, em nome dos trabalhadores do Sul, em nome dos marginais e das minorias de todas as naturezas. E, entretanto, todos esses componentes sentem a necessidade de se concertar e definir um mínimo de objetivos comuns. Devemos admitir que existe um vão real entre a expressão subjetiva desse movimento e sua realidade objetiva. Esse fenômeno apareceu em Bolonha e não se avançou em nenhuma proposição para tentar limitar seus efeitos. Esperamos que nos próximos meses, soluções coletivas de coordenação e organização permitirão com que essas revoluções moleculares atinjam novas etapas e possam se articular com as outras lutas sociais. Convém sublinhar que, independentemente do que surgir, tais modos de estruturação não coincidirão com as expressões habituais da vida política, com seus rituais e seus discursos. E isso por uma boa razão: o desejo nunca se reconhecerá através de uma

expressão formal apartada da realidade. Uma contestação permanente deveria, então, se estabelecer não apenas diante da ordem estabelecida, *seja ela qual for*, mas também *no seio* da própria ordem contestatária. Não há nisso nenhuma fé em um irracionalismo e nenhuma escolha espontaneísta *a priori*! O que há, simplesmente, é o reconhecimento de uma espécie de racionalidade superior do desejo das massas que não pode encontrar sua expressão e seus meios de organização nas estruturas existentes. Mudar o mundo, mudar as relações sociais, mudar as relações de desejo, tudo isso implica, ao mesmo tempo, tanto acabar com a antiga racionalidade mórbida e absurda dos poderes dominantes, quanto não deixar que se instituam novas formações de poder despóticos, impedindo as singularidades do desejo de encontrar suas próprias vias.

REPRESSÃO-PESADA E REPRESSÃO-LEVE[34]

Ajoblanco: Um dos aspectos que foi muito destacado recentemente é o fenômeno daquilo que se está chamando de "germanização" crescente da Europa (e mesmo do resto do mundo). Na sua opinião, em uma perspectiva global, qual é a importância dessa questão?

Félix Guattari: Creio que não se pode separar isso que eu chamaria de *repressão pesada*, aquela que consiste em destruir fisicamente e moralmente, por exemplo, os presos, os advogados da extrema-esquerda alemã, da *repressão "leve"*, aquela que consiste em intoxicar a população através da grande mídia e também controlar e esquadrinhá-la, por exemplo, através das técnicas psiquiátricas de setorização, da "psicologização" da vida familiar, do desenvolvimento dos métodos de controle pedagógicos nas escolas ou ainda através de uma certa concepção dos lazeres, do esporte comercial etc. A repressão pesada, presente nos métodos de condicionamento do tipo skinneriano (tal como são ilus-

[34] Entrevista com Guattari realizada pela revista espanhola *Ajoblanco*. Publicada em 28 de dezembro de 1977, na edição de número 28 intitulada "*Comunas*", com o título *"Félix Guattari: hoy en día la sociedad burguesa tiende a instituir una represión de masa asumida por las masas* mismas". Republicado por Guattari em 1980, na segunda versão de *La révolution moléçulaire*, com o título aqui adotado (N.d.O.).

trados no filme *Laranja Mecânica*), ou as repressões leves que chegam pela sugestão publicitária, pela psicanálise etc., são complementares. O objetivo fundamental é um esquadrinhamento das massas em que elas mesmas participam o máximo possível de seu próprio esquadrinhamento. É para este fim que são difundidas as técnicas de repressão leve. Um modelo de sociedade, um modelo de família, um modelo de consumo, são injetados nas massas. O poder se esforça para infantilizar as relações humanas, desresponsabilizando a relação de cada indivíduo com a sociedade. As demandas de cuidado, assistência, segurança, estão sendo muito infladas. Com a colaboração de seus prolongamentos políticos, sindicais e culturais, o poder tende a vigiar os mais ínfimos atos de nossa vida. Toda pessoa que escapa, por uma razão ou por outra, do sistema geral de controle social, é remetida para os sistemas especializados de esquadrinhamento. Em certas cidades, chegaram a inventar bairros inteiros reservados aos marginais. Tende-se a instituir locais de sobrevivência para a enorme massa de pessoas que não conseguiram se integrar às engrenagens da produção. E se um punhado de irredutíveis não só conseguirem escapar a esse duplo sistema mas também justificarem politicamente sua recusa de integração, caem em cima deles, são denunciados na imprensa, tornam suas vidas impossíveis (Cf. o filme *Katarina Blum*[35]). São encurralados para se lançarem em ações desesperadas... E, ao longo de suas Odisseias, quando não são abatidos pela polícia, o sistema penitenciário ao qual estão submetidos fazem de tudo para destruir suas personalidades, os conduzir ao suicídio ou os levar à loucura. Eu não sei se os méto-

[35] Nota 17 do Rev. Molec.

dos de repressão alemães serão generalizados para o resto da Europa. Cada situação particular será, provavelmente, a ocasião de uma adaptação desse par: repressão leve-repressão pesada. Penso que se trata de um problema que encontramos sob as formas mais diversas tanto na URSS quanto nos Estados Unidos, na Europa, nos países desenvolvidos e nos países do terceiro-mundo.

Ajoblanco: A propósito da luta da classe operária, você pensa que se trata de uma "engrenagem" já integrada à máquina social, de um meio de luta saudosista, que perdeu sua validade, ou você o enxerga como um indispensável caminho para a abertura de novas alternativas?

Félix Guattari: É evidente que uma transformação social não poderá ocorrer sem a classe operária: mas é igualmente evidente que nada acontecerá nesse sentido se o movimento operário não se livrar dos partidos, dos sindicatos e dos burocratas de toda espécie que controlam suas estruturas atuais. Hoje, não se pode falar da Classe operária – com C maiúsculo. Existem muitas classes operárias. Uma parte da aristocracia operária se aliou objetivamente à burguesia, por exemplo na Alemanha e nos Estados Unidos, se comportando como um dos melhores suportes da ordem existente. Uma outra classe operária está aparecendo, recusando essa integração, sentindo-se mais próxima dos milhões de desempregados, milhões de mulheres em luta por sua emancipação, milhões de trabalhadores imigrantes que são transplantados de um país ao outro e dos milhões de jovens sem futuro e esperança... Para mim, as antigas minorias (regionais, sexuais etc.) deveriam encontrar os caminhos de uma aliança revolucionária com toda essa nova classe operária que está nascendo.

Ajoblanco: Na mesma direção, você pensa que convém colocar a questão de novas formas e novos meios de luta na sociedade atual? A grande mídia teria algum papel a desempenhar nesse domínio?

Félix Guattari: As grandes mídias exercem uma função fundamental na política de controle social e na formação da força de trabalho que tendem a ser postas a serviço do Capital. Com efeito, penso que novas formas de luta implicam o desenvolvimento de um novo tipo de expressão das massas. Hoje, não se pode contar com líderes falando em nome da base através de editoriais em jornais ou revistas políticas. As massas têm necessidade de se expressar diretamente através de seus próprios jornais, nos muros, por intermédio de rádios livres, tal como é o caso atualmente na Itália. Não se trata, de modo algum, de celebrar o culto do espontaneísmo, mas de tomar consciência que a expressão organizada, centralizada, do movimento operário e dos movimentos revolucionários, tornou-se completamente esclerosada. Penso que de toda essa efervescência espontânea, que assistimos atualmente, sairão novos tipos de organização, novos tipos de sensibilidade, que ninguém, hoje, pode definir.

Ajoblanco: Existe um ponto bem concreto que nós gostaríamos que você tratasse: para você, qual foi o papel que a Espanha desempenhou durante o período da ditadura nesse processo de "germanização" generalizada de que falávamos? Você acredita que a Espanha em 1977 continua a desempenhar o mesmo papel ou algo novo? E por que?

Félix Guattari: Não acredito que a ditadura fascista na Espanha tenha desempenhado um papel importante no processo de "germanização" que você falava. O que me pa-

rece significativo, por outro lado, é que o colapso do regime franquista não resultou de uma luta política organizada, dirigida pelas formações tradicionais de esquerda. Esse colapso me parece ligado, por um lado, às contradições no seio da burguesia, sobretudo contradições econômicas, diante de uma possível integração no interior do Mercado comum[36]. E, por outro lado, e talvez principalmente, este colapso também está ligado ao que chamo "revolução molecular", que atravessa todas as engrenagens da sociedade. Desse ponto de vista, penso que estamos, hoje, na véspera de uma verdadeira explosão na Espanha. Eu mesmo pude conversar com camaradas da Galícia que trabalham ou militam no Hospital de Conxo. Vi o quanto os problemas de Liberação da Galícia, os problemas de emancipação dos doentes mentais, os problemas de liberdade sexual, de liberdade de expressão etc., estavam ligados. Tenho a impressão que, talvez, a Espanha se tornará, nos anos porvir, um motor dessa nova revolução que está ganhando a Europa, um motor que relançará e acelerará o movimento que assistimos atualmente na Itália.

[36] Mercado Comum Europeu (N.d.E.).

NÓS QUEREMOS TUDO!

Por Larissa Drigo Agostinho

Por que nos interessar pela luta política na Itália dos anos 1960 e 1970? Deveríamos acreditar que para os nossos propósitos contra-coloniais abaixo da linha do Equador, a história do comunismo, da anarquia, da recusa incondicional do trabalho, das lutas trabalhistas e das conquistas por direitos não dizem respeito a nós ou ficaram no passado?

As razões pelas quais a autonomia nos interessa ainda hoje são muitas. Deveria me ater ao campo mais restrito ou ao mais geral? Poderia começar pela anedota; a história recente de nosso país estava atrelada a um nome e a um processo, Moro, Lula. Também a Itália teve seu Moro, Aldo Moro[37], cujo assassinato, iniciou um processo de criminalização de toda a esquerda. Depois desse episódio a política italiana jamais seria a mesma. Aldo Moro era jurista e ex-primeiro mi-

[37] Aldo Moro (Maglie, 23 de setembro de 1916 - Roma; 9 de maio de 1978), foi um jurista, professor e político italiano. Moro foi eleito Primeiro-Ministro da Itália de 1968 a 1968 e novamente de 1974 a 1976. Em 1978, foi assassinado pelos integrantes das Brigadas Vermelhas, grupo comunista de ação direta, que o haviam sequestrado. A morte de Moro deslanchou um processo de criminalização de organizações de esquerda e teorias sobre sua morte apontam que ela foi orquestrada como consequência de um serviço da agência italiana de inteligência junto à OTAN, o que justificaria a chamada "estratégia de tensão" (Nota da Editora).

nistro, e o homem responsável por firmar um acordo entre a democracia-cristã, seu partido e o partido comunista italiano. Esse acordo era o que uma parte da esquerda recusava terminantemente. O acordo faria com o partido comunista fosse o responsável pela implementação de medidas neoliberais, cortes e mais cortes de gastos, destruição de direitos trabalhistas, destruição do sistema de seguridade social, aposentadoria privada, etc. O episódio ilustra até onde a esquerda estava disposta a ir para evitar o declínio de uma história de lutas, de uma cultura, de um processo histórico. Da fratura no interior do partido até os meios mais radicais da esquerda extraparlamentar, outro nome da autonomia, essa fratura não cessou de se espalhar.

A questão que tocava particularmente Félix Guattari desde os anos 70, ou logo depois do maio de 68, ecoava nessa nova forma de luta política. A questão que a autonomia nos coloca do ponto de vista da organização é justamente a de saber como se concretiza essa tal de transversalidade, como organizar grupos distintos, com interesses distintos, em um movimento que seja também capaz de abarcar as diferenças nos objetivos. Como produzir esse encontro? Em nome de quê?

***

A história recente da esquerda italiana começa com uma fratura no partido comunista que se fragmentará por todo o campo da esquerda. Como no caso brasileiro, passa pela luta armada, assim como pelo campo cultural, correspondendo ao surgimento de novas classes de trabalhadores e de políticos.

A Itália viveu um longo maio de 68, um maio que durou quase uma década. Guattari considerava que a Itália repre-

sentava a frente mais avançada, ao menos dentro da Europa, da luta comunista dentro do mundo capitalista. Esse maio que durou 10 anos começou nas fábricas, contrariamente ao maio francês, predominantemente estudantil, ou que teve nos estudantes seu estopim.

Não é possível falarmos em autonomia sem antes falarmos do operaismo, teoria que renovou o marxismo ao mesmo tempo em que criou uma outra figura de intelectuais e de formas de pesquisa, a co-pesquisa. O grande responsável por essa renovação no campo intelectual foi Mario Tronti[38], autor de *Operários e capital*[39].

Para Tronti, em meados dos anos 1960, a Itália se encontrava em um momento particular que precedia a estabilização capitalista em um nível de alta maturidade. Da mesma maneira, o movimento operário italiano se encontrava na fase imediatamente precedente a um assentamento social-democrático clássico. Tronti apostava que o presente momento da luta de classes na Itália tenderia a dividir esses dois processos colocando-os em contradição com o objetivo de "atingir pela primeira vez, na base de uma experiência revolucionária original portanto, a maturidade económica do capital em presença de uma classe operária politicamente forte" (TRONTI, 1976, p. 125). O fracasso italiano nos concerne, nesse ponto, porque toca a dupla chave que de alguma forma poderia orientar a esquerda reformista e a esquerda

[38] Mario Tronti (Roma, 24 de junho de 1931) é um filósofo, acadêmico e político italiano, um dos principais teóricos do Operaísmo dos anos 1960. Inicialmente ativista através dos *Quaderni Rossi*, em 1963 ele se separa do jornal para fundar a revista *Classe Operaia* (N.d.E.).

[39] Publicado em português originalmente pela editora Afrontamento, do Porto, em 1972 (N.d.E.)

radical abaixo da linha do Equador. Para nós, o horizonte de uma maturidade econômica está tão distante quanto a de uma classe operária forte, porque o trabalho e a economia brasileiras são outras.

Hoje, que o neoliberalismo conquistou definitivamente a economia e a política, o diagnóstico de Tronti se mostra absolutamente preciso. Para ele, nas décadas de 1960 e 1970, a classe dominante italiana estava presa a um dilema: ou ela iniciava um ataque político capaz de frear e fazer recuar a luta operária ou ela se resignava a sofrer as consequências inevitáveis de uma crise, como uma espécie de reajustamento objetivo (TRONTI, 1976, p. 125). Isso porque o aumento progressivo dos salários tende a ser compensado no preço final do produto. O que gera evidentemente inflação que, se até 1962 se manteve abaixo de 3%, no ano de 1962 atingiu 6,5% e, no ano seguinte, 6,9%. O que ainda é pouco se compararmos com os astronômicos 24% de 1974. Fica bem claro que o aumento dos preços, aqui sempre associado ao aumento das exportações, está também diretamente relacionado ao aumento dos salários e do poder de compra dos trabalhadores, funciona como um mecanismo não de regulação do mercado, mas de regulação ou manutenção da exploração.

Nesses anos 60, portanto a "crise" que colocaria fim ao estado do bem estar social já se anunciava. E não se tratava, de maneira nenhuma, de um aumento da produção, de uma crise de superprodução[40]. Esse tipo de diagnóstico é para Tronti, mera ideologia. Na realidade, o que ocorreu foi que o aumento de salário superou o aumento da produtividade. Se o rendimento nacional foi melhor distribuído, o lucro

[40] Como defende, por exemplo, Jean-Fraçois Lyotard em *A condição pós-moderna* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2021).

permaneceu intocado, as margens de autofinanciamento das empresas se reduziram e os investimentos estacionaram. Isso enquanto os custos da produção e a produtividade do trabalho aumentavam graças às lutas operárias permanentes, da mobilidade da força-de-trabalho e de poucos saltos tecnológicos. A resposta capitalista diante do aumento do salário é atacá-lo na outra ponta, no consumo, criando um movimento espiral de aumento de inflação para combater as perdas na produção (TRONTI, 1976).

Diante dessa pretensa "crise" em que, aparentemente, só os partidos italianos de esquerda acreditavam, era preciso estar atento às medidas que seriam tomadas dentro das fábricas, era preciso se organizar para impedir que o capital, diante da crise, aplicasse medidas que se tornaram comuns nos anos 70 e 80 - que Tronti (1976) anunciava já em meados dos anos 60. Era preciso a organização do operariado, dentro da fábrica, para impedir o que hoje chamamos de medidas neoliberais: o redimensionamento do pleno-emprego, ou seja, a reconstrução da margem de segurança no exército de reserva, uma nova estrutura interna da jornada de trabalho, a requalificação da força-de-trabalho a níveis mais altos, melhor condução da sua mobilidade e consequente redução dos custos.

Para impedir tanto uma quanto outra via, ou ambas, (aumento dos preços que gera inflação ou reestruturação do trabalho com o fim do pleno emprego) ou seja, para impedir que a iniciativa da luta de classes passasse pelas mãos dos capitalistas, como de fato ocorreu nos anos seguintes, e como não era possível vislumbrar uma alternativa organizacional no plano político geral (no campo da política institucional), era necessário uma organização *fora* do partido, na fábrica,

na produção, entre os operários, tanto os pouco organizados como a massa dos não organizados. Só uma "autêntica agressão conjuntural" (Tronti, 1976, p. 115) poderia impedir o congelamento dos salários e a ameaça aos níveis de emprego.

***

Assim, se Tronti se dedica à pesquisa teórica, é com o objetivo de "alcançar uma certa quantidade de primeiras conclusões, de novo teóricas, em que é possível descobrir precisamente o gérmen, meio consistente, meio fantasista, de novas leis para a ação" (TRONTI, 1976, p. 12).

É nesse contexto que a co-pesquisa se desenvolveu; ela procurava estudar o processo de migração interna do sul agrário ao norte industrial. Entre os anos 1950 e 1960, esse era um dos eixos principais de pesquisa: a transformação da classe de trabalhadores rurais que passava a viver nas cidades. Transformação produzida pelo processo de modernização da Itália após o fim do fascismo. Romano Alquatti[41] levou esse método de pesquisa conjunta para a Fiat e a Olivetti, seguindo o caminho dos imigrantes do sul que se tornariam os sujeitos políticos das novas lutas: o operário-massa. Com ele, entretanto, a pesquisa se transformou em intervenção.

Romano Alquatti era um dos membros dos *Quaderni Rossi*, ao lado de Raniero Panzieri[42], Mario Tronti, Antonio Negri[43],

[41] Romano Alquati (Klana, 11 de fevereiro de 1935 - Turim, 3 de abril de 2010), foi um sociólogo e ativista operaísta, conhecido por seus estudos publicados nos *Quaderni Rossi*, em que estudava a subjetividade e as composições de classe (N.d.E.).

[42] Raniero Panzieri (Roma, 14 de fevereiro de 1921 - Turim, 9 de outubro de 1964), foi um tradutor, sociólogo, ensaísta e político italiano, considerado um dos fundadores do Operaísmo (N.d.E.).

[43] Antonio (Toni) Negri (Pádua, 1 de agosto de 1933) é filósofo, poli-

Alberto Asor Rosa[44] e Danilo Montaldi[45]. A revista se dedicava à análise, a mais científica possível, do plano do capital, incluindo as análises participativas nas indústrias. Já o jornal *Classe Operaia* fazia sua intervenção a partir de outro plano, o das lutas. A experiência, que começou no início dos anos 1960, foi para Tronti (2013, p. 59) "uma explosão de subjetividade, um salto do político no sujeito: é assim que líamos os acontecimentos que iriam se produzir em 1968-69". Tronti se refere às greves que duraram meses e chegaram inclusive a paralisar totalmente a fábrica da Fiat de Turim e que, em seguida, se prolongariam no movimento da autonomia.

Ao reclamar "salário igual para todos", "vocês pagarão caro, vocês pagarão tudo" ou "nós queremos tudo", os operários assumiam a direção de sua própria luta, sem intermediários ou representantes, negando todo o sistema de representação política e econômica, dentro e fora da fábrica, colocando-se frontalmente contra o inimigo a ser derrotado: o trabalho.

tólogo, professor, ensaísta e político. É um dos principais expoentes do operaísmo italiano dos anos 1960 e 1970, tendo se envolvido em ativismos variados que sofreram repercussões profundas, como, por exemplo, sua prisão em 1978, acusado de estar envolvido no assassinato de Aldo Moro. Dentre suas diversas relações intelectuais, destaca-se seu encontro com Félix Guattari, por ocasião das atividades da Rádio Alice, rádio livre vigente em Bolonha (N.d.E.).

[44] Alberto Asor Rosa (Roma, 23 de setembro de 1933) é um crítico literário, historiador da literatura, ensaísta, acadêmico e político italiano. Intelectual ativo nas lutas dos anos 1960 e 1970, Rosa passou por diversas publicações de esquerda relacionadas ao Operaísmo (N.d.E.).

[45] Danilo Montaldi (Cremona, 1 de julho de 1929 - Val Roia, 27 de abril de 1975), foi um escritor, tradutor, ensaísta e político italiano. Ainda jovem, participou da Resistência Italiana e, posteriormente, se ligou a diversos grupos da esquerda radical europeia, fundando, em 1957, o *Grupo da União Proletária*, em Cremona (N.d.E.).

Se a cadeia de montagem é definida para otimizar o tempo e aumentar a produtividade, as assembleias tinham como função determinar as melhores, mais simples e eficazes táticas para parar a produção. E se os panfletos tinham por título "Luta contínua" não era sem razão. As greves duraram meses. A cada semana, mais ou menos, era toda a fábrica que parava. Mais de dois meses de luta "uma luta verdadeiramente e brutalmente espontânea" (BALESTRINI, 2013, p. 122).

E então, o que se sentia nessas assembleias, o que parecia evidente - "todos os operários tinham a impressão que vivíamos uma grande fase do conflito entre nós e os patrões, uma fase decisiva. Sentíamos no ar que essa consciência existia" (BALESTRINI, 2013, p. 132) - não era só um efeito da palavra revolução, que circulava e muito. Era o efeito provocado pelos companheiros que, aos quarenta anos, tinham desempenhado todas as profissões e que diziam que iam chegar aos sessenta absolutamente acabados.

> Não é só que a gente leva essa vida de merda (...) Toda mercadoria, toda riqueza que nós produzimos nos pertence. Nós não queremos mais ser uma mercadoria, objetos que se vendem. Nós queremos tudo. Toda a riqueza, todo o poder, nada de trabalho (BALESTRINI, 2013, p. 122).

Não queriam mais lutar, portanto, apenas porque o trabalho e o patrão não eram bons o suficiente, mas "porque eles existiam".

Se o operaísmo, como afirma Tronti, começou em 1961 e terminou em 1967, o outono quente de 1969 abriu espaço para um novo ciclo de lutas políticas na Itália e ao que se convencionou chamar de pós-operaísmo ou simplesmente Autonomia. Nos anos 1970, as reivindicações dos operários

ganharam de fato, as cidades, como dizia também a palavra de ordem dos Panteras Negras ("tomar a cidade"), e sua luta, consequentemente, se transformou.

O movimento dos jovens "filhos de flores" contra o autoritarismo e toda forma de dominação social, racial e sexual se encontrou com um pensamento crítico de esquerda, que desde Gramsci, abria espaços de debate na esquerda para um comunismo não stalinista. A saída de Rossana Rossanda[46] e de outros membros do *Il manifesto* do partido comunista, em 1968, significava que um outro comunismo era possível.

> Nós éramos numerosos, os que acreditavam. Milhões de italianos viveram durante uma longa década pensando que era possível construir uma nova sociedade comunista na Itália. Olhando hoje para trás, depois dos anos Craxi, D'Alema, Berlusconi, isso parece história do século passado, de um passado longínquo, distante, quando havia apenas um canal de televisão e as imagens eram em preto e branco, na época de Totó, Pasolini e Alberto Sordi (STELLA, 2016, p. 54).

A partir das greves de 1968-1969 os grupelhos de esquerda não pararam de se multiplicar. O começo dos anos setenta é também o começo de uma luta pela hegemonia desses grupos nas fábricas, nas escolas e nas universidades. Entre eles, podemos citar os leninistas e trotskistas da *Avanguardia Operaia*, os operaistas insurrecionais de *Potere operaio*,

[46] Rossana Rossanda (Pula, 23 de abril de 1924 - Roma, 20 de setembro de 2020), foi jornalista, feminista e política de esquerda. Participou do movimento de resistência italiana e ingressou no PCI logo ao fim da Segunda Guerra. Fazia parte de uma minoria dentro do Partido, o que levou à sua expulsão em 1968, momento em que funda o jornal *Il Manifesto*, de oposição comunista à URSS (N.d.E.).

os operaístas espontaneístas de *Lotta Continua*, os marxistas leninistas de diversas tendências e os stalinistas de *Movimento Studentesco*, os bordiguistas de *Lotta Comunista* ("Luta Comunista"), os excluídos do PCI que fundaram *Il Manifesto*, os maoístas de *Unione dei Comunisti – Servire il popolo* ("União dos comunistas – Servir ao povo), os anarquistas da FAI ("Federação anarquista italiana), e da ORA ("Organização revolucionária anarquista"), também tinham presença constante no movimento, a *Federazione dei comunisti libertari* e o grupo marxista libertário que surgiu do situacionismo e dos conselhos de esquerda *Ludd – Consigli proletari* e *Comunismo*. Havia também, desde o começo dos anos setenta, ativo nas fábricas e fora delas, o grupo que fundou as *Brigate rosse* ("Brigadas vermelhas") com antigos membros do PCI, do sindicalismo de esquerda e militantes marxistas-leninistas. Mas o que aconteceu nos anos setenta, como afirma Marcello Tarì (2011), o "Movimento", como ficou conhecido, era maior, mais bonito e mais forte do que todos esses grupos reunidos.

Havia ainda os grupos reunidos em torno das revistas, *Rosso*, *Linha de condotta* e *A/traverso*, essas por sua vez, nos permitem distinguir, com Emilio Mentasti (2000) as três principais correntes no interior da autonomia que, entre 1975 e 1976, conheceu um grande crescimento devido à crise da esquerda extraparlamentar e ao surgimento de um novo sujeito político, o jovem proletariado. Desde o fim de 1974, os militantes dos grupos organizados, em vias de dissolução, começam a se encontrar com os organismos difusos da autonomia, nas fábricas, nas escolas e no território.

O primeiro grupo gira ao redor da revista *Rosso* que agrupa militantes em torno da figura de Toni Negri e um gru-

po de Milão proveniente da experiência do grupo Gramsci. *Rosso* é sensível à importância do tema do proletariado jovem, do chamado operário social e da crítica política (cf. MENTASTI, 2000, p. 98-99).

O segundo filão é o do grupo que formou *Senza Tregua*, a força mais tradicionalmente "operaísta" da Autonomia. Na região de Milão é o segundo maior grupo depois de *Rosso*, e surge no ano de 1975 da dissidência de *Lotta continua*, dos comitês de Sesto San Giovani, da Marelli e da Telettra.

Foi também em Milão que a primeira experiência de sabotagem por um comando da Autonomia aconteceu. O ano era 1974 e a ação visava os depósitos da empresa Face Standard, ligada à multinacional ITT, que teve um papel importante no golpe de estado do Chile; as perdas chegaram na casa dos milhões de liras, e o panfleto reivindicava "Mai più senza fucile – Senza trégua per il comunismo" (Não mais sem fuzil – sem trégua até o comunismo).

A terceira tendência da Autonomia parte de uma recusa clara e distinta do leninismo e se coloca sob a influência de autores como Guattari, Deleuze e Foucault. Essa tendência reunida em torno da revista *A/traverso* foi predominante na experiência de 1977 em Bolonha. O que ela apresenta de novo é uma ideia muito distinta de organização da vanguarda política. Essa vertente mostrou sua força nas ruas de Bolonha, em 1977. O "Março de Bolonha", como ficou conhecido, nasceu do brutal assassinato de Francesco Lorusco pelas mãos da polícia.

No meio do processo de construção do compromisso histórico, Bolonha, a "cidade do comunismo à l'italiana" (governada pelo PCI), deveria servir de exemplo de manutenção da ordem pública, para que o PCI pudesse fazer parte das nego-

ciações com o governo evidentemente. A polícia e inclusive o exército foram acionados para invadir e ocupar a cidade, fechando a Radio Alice e colocando fim às ocupações estudantis na Universidade. Barricadas se ergueram. O fechamento da rádio Alice "provocou impacto fortíssimo: ela era um experimento original, inteligente e subversivo". (NEGRI, 2015, p. 547). Reuniam em torno de 40 mil ouvintes.

Os conflitos de Bolonha deixaram clara a nova composição de classe produtiva. Os estudantes e uma parte da população que participava da resistência revelavam a radical diferença que emergia nesse período da história italiana. A hegemonia socialista tinha chegado ao fim e a autonomia do operário social se tornava evidente. Não apenas carnavalescos, mas criativos (e não apenas no plano estético, como sublinhavam na imprensa), mas também e principalmente no plano político (NEGRI, 2015).

***

A autonomia colocou em prática técnicas e estratégias que até hoje são determinantes nas ações da esquerda. Algumas delas se mostraram pouco eficazes e já demasiado desgastadas, outras, constituem ainda, em muitos países, o que pode ser considerado o que há de mais avançado em matéria de luta. Entre elas estão, além de saques, boicotes e greves selvagens, as práticas de redução, ou seja, ataques e cortes estratégicos de energia, água e gás de prédios públicos ou grandes empresas com o objetivo de reduzir ou eliminar completamente cobranças, assim como ocupações de prédios desocupados com o objetivo de reivindicar moradia digna.

A autonomia nos interessa, portanto, pelo conjunto de táticas e estratégias de luta que vão das mais performáticas

e bem-humoradas às manifestações massivas e algumas violentas. Ela nos interessa porque o desafio que se colocou permanece atual, hoje talvez ainda mais: o da *organização*. Ela concerne, por isso mesmo, as assimetrias a respeito dos diferentes sujeitos políticos em um mesmo momento histórico de viragem, a classe operária em um momento de crise ou "reestruturação" e um proletariado jovem e precarizado.

O grande desafio da autonomia, portanto, era unir uma classe operária no momento de sua crise, quando a queda e perda salarial trazida não apenas pela inflação, mas também pelas medidas neoliberais que já se anunciavam e uma nova geração proletária que teria que enfrentar uma precarização ainda maior. Toni Negri chega a afirmar que nessa tarefa a autonomia falhou. Cabe-nos portanto, perguntar em que estágio estamos desse processo, como estamos lidando com as transformações no mundo do trabalho e as mudanças nas leis trabalhistas. E como fazer frente a esse processo de precarização cada vez mais violento.

***

Por fim, um ano depois, em 1978, Aldo Moro é assassinado, pelas mãos dos *Brigade Rossi*. A morte do líder da democracia-cristã, que seria o responsável pelo acordo entre direita e esquerda comunista, levando essa a ser tornar responsável pela adoção de medidas neoliberais, é o fim dessa tentativa de acordo e conciliação na Itália, mas significou também o fim não apenas da esquerda parlamentar, mas daquela extraparlamentar. A derrota dos autônomos não se deu por um problema ou ausência de organização, foi uma derrota militar, que culminou com o "processo de 7 de abril", como ficou conhecido, que se estendeu de 1979 até 1986. Tal pro-

cesso fez parte de uma longa série de prisões, julgamentos e condenações que visavam os militantes e simpatizantes dos grupos armados. Dezenas de milhares de pessoas foram presas, 15.000 foram processadas criminalmente e 4.000 condenadas (STELLA, 2016). Tudo começou com a "lei do arrependimento" que anistiava os delatores, inclusive os homicidas. Lei antiterrorismo criada para combater a guerrilha de esquerda, que mais tarde seria utilizada contra a máfia, políticos e empresários na operação que ficou conhecida como "mãos limpas". Alessandro Stella (2016, p. 42) sublinha que, ao lado do sucesso obtido contra a guerrilha, a máfia e os corruptos, a lei, "ao dar plenos poderes para as forças da ordem e os procurados também favorizou a emergência de uma corrente judiciária no seio do quarto poder, colocando-se em concorrência com o poder político".

O caso italiano nos interessa e concerne particularmente nesse ponto.

Nos concerne porque nos fala sobre o passado e o nascimento da esquerda que vemos atuar hoje pela via partidária, nos traz um pouco do seu destino e nos coloca a questão do seu futuro.

Nos concerne porque o início da luta armada na Itália se deve, entre outras razões, ao golpe de Pinochet no Chile em 1973. Esse é também o ano que marca o surgimento da autonomia. Os italianos perceberam, porque olhavam para América Latina, África e Ásia, que era inevitável o elo entre neoliberalismo e autoritarismo. Félix Guattari (1987) insiste e muito nesse aspecto ao longo de seu *Revolução molecular* cujo objetivo é justamente denunciar uma nova forma de repressão, uma nova forma de autoritarismo que se pulveriza ao mesmo tempo em que as lutas políticas se multiplicam.

Referências bibliográficas

BALESTRINI, N. 2013. *Vogliamo tutto*. Milão: Oscar Mondadori.

BALESTRINI, N; MORONI, P. 1988. *L'orda d'oro 1968-1977. La grande ondata rivoluzionaria e creativa, politica ed esistenziale*. Milão: Feltrinelli.

BERARDI, F. 1996.. *L'anima al lavoro. Alienazione, estraneità, autonomia*. Roma: DeriveApprodi.

_____. 1978. *Finalmente il cielo è caduto sulla terra*. Milan: Squilibri.

_____. 2001. *Félix. Narrazione del mio incontro con il pensiero di Guattari, cartografia visionaria del tempo che viene*. Bolonha: Luca Sossella Editore.

_____. 1997. *Dell'innocenza. 1977: l'anno della premonizione*. Verona: Ombre corte.

GUATTARI, F. 1987. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense

MENTASTI, E. 2000. *Senza tregua. Storia dei Comitati Comunisti per il potere operaio* (1976-76). Palazzolo Milanese: Colibri Edizioni.

MERLI, S (org.) 1994. *Spontaneità e organizzazione. Gli anni dei "Quaderni Rossi" 1959-1964*. Pisa: BFS Edizioni.

NEGRI, T. 2015. *Storia di un comunista*. Florença: Ponte Alle Grazie.

_____. 1968. *Marx sul ciclo e la crisi*. Florença: La Nuova Italia.

_____. 1974. *Crisi dello Stato-piano: comunismo e organizzazione rivoluzionaria*. Milão: Feltrinelli.

_____. 1979 *Dall'operaio massa all'operaio sociale: intervista sull'operaismo* (a cura di Paolo Pozzi e Roberta Tommasini). Milão: Multhipla.

SCALZONE, O; PERSICHETTI, P. 2000. *La Révolution et l'État*. Paris : Éditions Dagorno.

_____. 1999. *Il nemico inconfessabile : sovversione sociale, lotta armata e stato di emergenza in Italia dagli anni settanta ad oggi*. Roma: Odradek.

BASCHET, J; HOMS, C; MATTIS, L. 2017. *Misère de la politique*. Paris : Divergences.

STELLA, A. 2016. *Années de rêves et de plomb. Des grèves à la lutte armée en Italie* (1968-1980). Paris : Agone.

TARÌ, M. 2011. *Autonomie! Italie, les années 1970*. Trad.: Étienne Domenesque. Paris: La Fabrique.

TRONTI, M. 2013. *Nous opéraïstes. Le « roman de formation » des années soixante en Italie*. Trad. : Michel Valensi. Paris : Éditions de l'Éclat/Lausanne ; Éditions d'En bas.

_____. 1976. *Operários e Capital*. Porto: Edições Afrontamento.

uma nova relação com o ambiente, se busca; uma nova relação com os desejos, se organiza.

© sobinfluencia para a presente edição

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Fabiana Vieira Gibim, Rodrigo Corrêa, Alex Peguinelli e Gustavo Racy

TRADUÇÃO E ORGANIZAÇÃO
Vladimir Moreira Lima

PREPARAÇÃO
Gustavo Racy

REVISÃO
Alex Peguinelli e Fabiana Gibim

PROJETO GRÁFICO
Rodrigo Corrêa

Fotos das páginas 98, 140 e 157 de Tano D'amico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

G918d Guattari, Félix
Desejo e Revolução / Félix Guattari, Franco Bifo Berardi, Paolo Bertetto ; organizado por Vladimir Moreira Lima ; traduzido por Vladimir Moreira Lima. - São Paulo : sobinfluencia edições, 2022.
160 p. ; 13,5cm x 21cm.
Tradução de: Desiderio e Rivoluzione
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-84744-09-7
1. Política. 2. Revolução. 3. Filosofia. 4. Socialismo. 5. Esquizoanalise. 6. Itália. 7. França. 8. Movimento operário. 9. Micropolitica. I. Berardi Franco Bifo. II. Bertetto, Paolo. III. Lima, Vladimir Moreira. IV. Título

2022-2352

CDD 320
CDU 32

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Política 320
2. Política 32

sobinfluencia.com

Este livro é composto pelas fontes minion pro e neue haas grotesk display pro e foi impresso pela Graphium no papel pólen soft 80g, com uma tiragem de 800 exemplares

ler e caminhar podem salvar a sua vida ou te levar para a cadeia

Entre julho e setembro de 1977, Paolo Bertetto, Franco Bifo Berardi e Félix Guattari se encontraram para conversas que imediatamente foram transcritas e publicadas na Itália. O livro, intitulado *Desiderio e Rivoluzione* ganha, agora, sua primeira versão em português, traduzida por Vladimir Moreira Lima, que organiza, também, o volume com textos relacionados à conversa e situa os leitores perante a explosiva situação italiana e francesa, que vivia os espólios do "momento 68".

Entre concordâncias e discordâncias, Bertetto, Bifo e Guattari falam da falência de uma certa política, do fim do mito de pureza do internacionalismo socialista, de microfascismo, subjetividade, classe, processos esquizo e inúmeros temas que se conjugam num mosaico de ideias e conceitos de dois pensadores centrais da segunda metade do século XX.

Como argumenta Bifo, em entrevista com o organizador, exclusiva para essa edição, os pensamentos presentes na conversa trazem à tona uma "sensibilidade como capacidade de navegar o caos, o infinitamente complexo". Assim, para além de simplificações e abstrações metafísicas, conjugam-se potências que escapam ao comum, na epiderme das relações que perfazem as maquinações e produções de desejo.

9 786584 744097

sobinfluencia